

**Requalificação e reconstrução da arquitetura  
e imagem de bairro social em contexto  
urbano, social e cultural:  
(Nova identidade do) Bairro de Santiago em Aveiro**

**Versão final após defesa**

**Philippe Ferreira Lopes**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

**Arquitetura**

(Mestrado Integrado)

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Cláudia Sofia São Marcos Miranda Beato

**janeiro de 2023**

Folha em branco

## Declaração de Integridade

Eu, Philippe Ferreira Lopes, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição 37817 do curso de Arquitetura da Faculdade de Engenharia, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter ocorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referência das frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 10 / 10 / 2022

*Philippe ferreira Lopes*

Folha em branco

Dedico aos meus pais, que tornaram os meus sonhos possíveis.

Folha em branco

# Agradecimentos

A caminhada académica não se avizinha fácil sem as pessoas certas ao nosso redor, e muitas foram as que tiveram impacto direto nesta jornada que termina agora. A essas almas especiais deixo o meu profundo agradecimento pela força, palavras e motivação dadas ao longo deste longo percurso e sem as quais não seria possível, nem fácil, atravessar e atingir este, que foi o primeiro maior objetivo da minha vida.

Com isto, quero agradecer a todas as personagens, direta ou indiretamente, que fizeram parte deste percurso, mas com especiais agradecimentos aos seguintes:

Em primeiro lugar, à minha família na condição da minha mãe e do meu pai, pelo esforço ao longo destes anos que me possibilitaram estudar, pelo apoio, motivação nos momentos mais duros, pela felicidade partilhada e amor incondicional.

Aos meus amigos, pelo apoio mútuo, compreensão e ajuda, com especial destaque para a Rita Sequeira, Bárbara Fernandes, Miguel Quintas e Vanessa Lopes.

À minha prima Aurèlie pela amizade, apoio e me receber durante o período de Erasmus, permitindo-me realizar uma experiência única.

Aos meus colegas e amigos Cláudio, Filipa, e com particular agradecimento ao Hugo Coelho e Jorge Azevedo, pela sua amizade e noites de estudo e diversão, de apoio, partilha e acima de tudo stress, suor e horas de sono perdidas partilhadas em épocas de entrega.

À professora Doutora Cláudia Sofia São Marcos Miranda Beato, pela disponibilidade de aceitar, me acompanhar neste processo e pela partilha de conhecimentos.

E um agradecimento do coração à Bruna Almeida, a pessoa mais especial na minha vida que fez de momentos difíceis toleráveis e que muita paciência teve comigo. Obrigado por fazeres parte da minha vida, pela motivação e força que me deste, por sempre acreditares e nunca me deixares cair.

Folha em branco

## **Resumo**

A urbanidade é um dos meios sociais mais antigos do mundo desde que há registo, por isso mesmo pode-se dizer que será, de certa forma, um meio primitivo. A morfologia urbana e a consciência do viver na cidade na qualidade social, até pelas suas especificidades geográficas naturais e demográficas, sempre foi alvo de mudanças profundas desde a maneira de se fazer cidade ao viver nela, e nas suas condições e infraestruturas necessárias para a civilização existir e evoluir, desde o primeiro segundo na antiga Mesopotâmia prolongando-se até aos dias de hoje.

É importante verificar as diferenças que unem ao mesmo tempo o que é urbano e o que é cidade. Urbano é tudo o que engloba a cidade e a cidade engloba o urbano. Cidade é o modo como vivemos o meio urbano e as suas infraestruturas, o urbano por sua vez começa pela sua morfologia e o que ela oferece geograficamente e naturalmente, e como ela nos permite formar a cidade consoante as suas especificidades.

Apesar dos primeiros assentamentos urbanos remontarem à Antiga Mesopotâmia passando pelo Egito, e existirem certos vestígios que mostrem uma evolução na maneira de se ver e fazer cidade, é na Grécia que se passou para o próximo passo, surgindo uma necessidade de repensar o modo de viver e passar a existir uma certa hierarquia e organização. Esta evolução deveu-se a Hipódamo de Mileto, que ficou conhecido como o pai do urbanismo. Séculos a seguir, durante o longo período de domínio Romano, estes aperfeiçoaram o estilo clássico surgido na Grécia e acrescentaram valores urbanos e no conceito de cidade igual. Até hoje em dia, o mundo atual, deve muito, no que toca a ver e fazer cidade, ao mundo clássico greco-romano.

Para este trabalho, o local de estudo é a cidade litoral portuguesa: Aveiro; que é em si, uma cidade na sua maioria plana, rodeada de água, seja através de canais ou pela própria ria, que forma um imenso lago por vários quilómetros; no entanto, enquanto cidade, Aveiro caracteriza-se como uma cidade pequena, irregular, mas com bastantes infraestruturas vitais no funcionamento da cidade e em constante mudança e crescimento, com grande potencial futuro. A cidade de Aveiro tem vindo a gerar uma mudança em todos os setores, com vista a sua candidatura a Capital Europeia da Cultura de 2027. Posto isto, neste projeto pretendo mudar a imagem de uma das áreas mais emblemáticas de Aveiro localizada num local fulcral na vida social e cultural da cidade, com o centro comercial e outros serviços, o hospital e escolas incluindo a Universidade, mas que, ora por falta de investimento e de vontade, não se encontra nas melhores condições, tratando-se por isto do Bairro de Santiago.

## **Palavras-chave**

Cidade, Morfologia, História, Renovação, Bairro de Santiago



# **Abstract**

Urbanity is one of the oldest social environments in the world since there is a record of it, so it can be said that it will be, in a certain way, a primitive one. Urban morphology and the awareness of living in the city in the social quality, even due to its natural geographic and demographic specificities, has always been the target of profound changes in the way of making the city, when living in it, and in its conditions and infrastructures necessary for civilization exist and evolve, from the first second in ancient Mesopotamia to the present day.

It is important to verify the differences that unite at the same time what is urban and what is city. Urban is everything that encompasses the city and the city encompasses the urban. City is the way we do and live in the urban environment and its infrastructures; the urban in turn begins with its morphology and what it offers geographically and naturally, and how it allows us to form the city according to its specificities.

Although the first urban settlements date back to Ancient Mesopotamia, passing through Egypt, and there are certain vestiges that show an evolution in the way of seeing and doing the city, but it is in Greece that the next step was taken, resulting in a need to rethink the way of living and the birth of a certain hierarchy and organization. This evolution was due to Hippodamus of Miletus, who became known as the father of urbanism. Centuries later, during the long period of Roman rule, they perfected the classical style emerged in Greece and added new urban values and in the concept of the city. Even today, the world owes a lot, when it comes to seeing and doing the city, to the classical Greco-Roman world.

For this work, the study site is the Portuguese coastal city: Aveiro; which mostly by itself flat, surrounded by water, either through canal or by the estuary itself, which forms an immense lake for several kilometers; however, as a city, Aveiro is characterized as a small, irregular city, but with a lot of vital infrastructures in the functioning of the city and in constant change and growth, with great future potential. The city of Aveiro has been generating a change in all sectors, with a view to its candidacy for the European Capital of Culture of 2027. That said, in this project I intend to change the image of one of the most emblematic areas of Aveiro located in a central location in social and cultural life of the city, with the shopping center and other services, the hospital and schools, including the University, but which, due to lack of investment and will, is not in the best conditions, being this the Bairro de Santiago.

## **Keywords:**

City, Morphology, History, Renovation, Santiago Neighborhood

Folha em branco

# Índice

<b>1. Introdução</b> .....	<b>1</b>
1.1 Contetualização .....	1
1.2 Objetivo .....	3
1.3 Justificação e Motivação na Escolha do Tema .....	3
1.4 Metodologia .....	4
1.5 Organização do trabalho .....	4
<b>2. A cidade</b> .....	<b>7</b>
<b>3. As primeiras cidades</b> .....	<b>8</b>
3.1 Breve contextualização histórica .....	8
<b>4 Pré-Antiguidade</b> .....	<b>10</b>
4.1 Os primeiros assentamentos .....	10
4.2 Mesopotâmia .....	13
4.2.1 Civilização Suméria .....	13
4.2.2 Babilónia .....	19
4.3 Antigo Egito .....	21
4.3.1 Forma urbana egípcia .....	24
4.3.2 Tell-El-Amarna .....	25
4.3.3 Organização de Amarna .....	27
4.4 Vale do Indo .....	29
4.4.1 Civilização de Harappa .....	29
4.4.2 Organização .....	31
4.4.3 Planeamento urbano .....	31
4.4.4 Mohenjo-Daro .....	32
<b>5. Mundo Clássico</b> .....	<b>35</b>
5.1 Grécia Antiga .....	35
5.1.2 Desenvolvimento .....	35
5.1.3 Caracterização da Pólis .....	38
5.1.4 Arte da construção grega .....	41
5.2 Componentes urbanos gregos .....	42
5.2.1 Ágora .....	42
5.2.2 Acrópole .....	43
5.2.3 Áreas residenciais .....	44
5.3 Cidades Gregas .....	45
5.3.1 Mileto .....	45
5.3.2 Atenas .....	48
5.4 Morfologia Ateniense .....	49
5.4.1 Ágora de Atenas .....	50
5.4.2 Acrópole de Atenas .....	52

5.5 Conclusões do urbanismo grego .....	54
5.6 Roma .....	55
5.6.1 Império Romano .....	55
5.6.2 Fortificação urbana romana .....	57
5.6.3 Componentes da forma urbana romana .....	59
5.7 Tingad .....	60
<b>6. Idade Média .....</b>	<b>62</b>
6.1 A cidade Medieval .....	62
6.2 Morfologia urbana medieval .....	64
6.3 Novas urbes medievais planeadas .....	65
6.4 Bastides .....	65
6.4.1 Características morfológicas das bastides .....	66
6.5 Diferenças entre as bastides .....	67
6.5.1 Bastides francesas .....	67
6.5.2 Bastides britânicas .....	69
<b>7. Renascimento .....</b>	<b>71</b>
7.1 Origem do renascimento .....	71
7.1.1 Características do renascimento .....	74
7.1.2 Nova idealização .....	78
7.1.3 Palmanova e Sforzinda .....	80
7.2 França .....	82
7.2.1 França renascentista e o barroco absoluto .....	82
7.2.2 O renascer de Paris .....	83
7.3 Fortificação renascentista francesa .....	86
<b>8. Conceitos utópicos neo-urbanos .....</b>	<b>88</b>
8.1 Conceitos utópicos .....	88
8.2 Cidade Jardim de Ebenezer Howard .....	89
8.2.1 Organização da Cidade Jardim .....	92
8.3 Cidade futurista .....	93
8.3.1 Ville-Radieuse de le Corbusier .....	93
8.3.2 Características da cidade radiante .....	94
<b>9. Desenvolvimento urbano em Portugal .....</b>	<b>96</b>
9.1 Origem e história .....	96
9.2 Lisboa e a Baixa Pombalina .....	98
<b>10. Caso de estudo .....</b>	<b>100</b>
10.1 Aveiro .....	100
10.1.1 Origem .....	100
10.1.2 Desenvolvimento urbano .....	101

10.1.3 Importância económica do mar .....	105
10.1.4 Malha ortogonal dos Bairros .....	106
10.2 Objeto de estudo e proposta .....	107
<b>Conclusão .....</b>	<b>115</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>117</b>
<b>Páginas Web .....</b>	<b>119</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>125</b>

Folha em branco

## Lista de Figuras

**Figura 1** - Mapa Mundi com localização das primeiras civilizações da antiguidade  
A. Antigo Egito; B. Mesopotâmia; C. Vale do Indo; D. China

<https://vemaps.com/world/wrld-05>

**Figura 2** - Reconstituição da primeira urbe da história: Ur

<https://sites.google.com/site/visionhistoricadelaciudad/1ciudad-antigua/ciudades-mesopotamicas/2-1-la-ciudad-de-los-dioses?overridemobile=true>

**Figura 3** - Morfologia da cidade e cidadela de Ur

<https://www.chegg.com/flashcards/arc-315-exam-1-f3c09e47-3776-4365-82bc-804a818c4a17/deck>

**Figura 4** - Organização espacial do Temenos de Ur

[https://www.researchgate.net/figure/Schematic-elevation-model-of-the-temenos-at-Ur-during-the\\_fig5\\_323279447](https://www.researchgate.net/figure/Schematic-elevation-model-of-the-temenos-at-Ur-during-the_fig5_323279447)

**Figura 5** - Plano do bairro residencial a Sudeste do Temenos de Ur

<https://www.chegg.com/flashcards/arc-315-exam-1-f3c09e47-3776-4365-82bc-804a818c4a17/deck>

**Figura 6** - Plano aproximado de bairro residencial entre o porto oeste e o temenos de Ur

<https://www.chegg.com/flashcards/arc-315-exam-1-f3c09e47-3776-4365-82bc-804a818c4a17/deck>

**Figura 7** - Plano morfológico da cidade da Babilónia

<https://erenow.net/ancient/babylon-legend-history-and-the-ancient-city/1.php>

**Figura 8** - Plano da área palacial da Babilónia

<https://archeologie.culture.gouv.fr/babylone/fr/complexe-palatial-babylone>

**Figura 9** - Localização dos antigos reinos egípcios e as suas urbes ao longo do Nilo sobreposta na atual geografia

<https://www.aramcworld.com/Articles/April-2020/The-Hidden-Treasures-of-Nubia>

**Figura 10** - (Nīwt) Hieróglifo egípcio que representa a cidade

[https://www.urbagram.net/v1/revision/A\\_short\\_History\\_of\\_Intersections\\_rev\\_1/](https://www.urbagram.net/v1/revision/A_short_History_of_Intersections_rev_1/)

**Figura 11** - Reconstituição do plano urbano operário de Gizé

<https://erenow.net/ancient/the-complete-cities-of-ancient-egypt/38.php>

**Figura 12** - Plano geral da cidade de Amarna

<https://erenow.net/ancient/the-complete-cities-of-ancient-egypt/33.php>

**Figura 13** - Plano residencial de Amarna

<https://www.egyptianhistorypodcast.com/remaster-episode-05b-sneferus-beauties/>

**Figura 14** - Localização da civilização de harappa a amarelo sobre a geografia atual

<https://huntingtonarchive.org/resources/historicalMaps.php>

**Figura 15** - Plano residencial de Mohenjo-Daro

<https://blogs.brown.edu/arch-0760-s01-2019-spring/2019/03/31/ground-plans-akrotiri-vs-mohenjo-daro/>

**Figura 16** - Plano geral da cidade de Mohenjo-Daro

<https://www.cambridge.org/core/books/abs/cambridge-world-history/ancient-south-asian-cities-in-their-regions/32F6814E8AEDD16DAA9BFD11CF6AD3C2>

**Figura 17** - Localização do território grego da antiguidade clássica

<https://www.shorthistory.org/ancient-civilizations/ancient-greece/geographical-regions-of-the-ancient-greece/>

**Figura 18** - Localização geográfica da ilha de Creta

[https://el.m.wikipedia.org/wiki/%CE%91%CF%81%CF%87%CE%B5%CE%AF%CE%BF:Prefecture\\_map\\_of\\_Crete\\_\(Greece\).svg](https://el.m.wikipedia.org/wiki/%CE%91%CF%81%CF%87%CE%B5%CE%AF%CE%BF:Prefecture_map_of_Crete_(Greece).svg)

**Figura 19** - Reconstituição da cidade palácio de Cnosso

<https://www.realmofhistory.com/2017/06/01/animation-reconstruct-knossos-palace-minoans/>

**Figura 20** - Plano do palácio de Cnosso

<http://arthistoryresources.net/greek-art-archaeology-2016/knossos.html>

**Figura 21** - Reconstituição da Polis grega Atenas durante o período romano

<https://education.nationalgeographic.org/resource/greek-city-states>

**Figura 22** - Representação da localização da Ágora na cidade (Atenas) e o seu quotidiano

<https://www.annaramalho.com.br/da-praca-tahrir-ao-ciberespaco/>

**Figura 23** - Reconstituição da Acrópole localizada no ponto mais alto da cidade (Atenas)

<https://archaeology-travel.com/virtual-experiences/virtual-tour-acropolis-athens/>

**Figura 24** - Plano aproximado da organização central da cidade de Mileto

<https://www.cambridge.org/core/books/abs/roman-architecture-and-urbanism/architecture-and-planning-in-asia-minor/F72220AEF4456133455B88C16EA39BBA>

**Figura 25** - Planta geral e geográfica de Mileto

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Plan\\_of\\_Miletus\\_in\\_A\\_Gerkan%27s\\_Griechische\\_Stadteanlagen\\_Welcome\\_MO009549.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Plan_of_Miletus_in_A_Gerkan%27s_Griechische_Stadteanlagen_Welcome_MO009549.jpg)

**Figura 26** - Reconstituição de Atenas pré-período romano e a sua morfologia

<https://brewminate.com/democracy-and-civic-participation-in-greek-cities-under-roman-imperial-rule/>

**Figura 273** - Relação e ligação de Atenas ao Piréu

<https://www.chegg.com/flashcards/arc-315-exam-1-f3c09e47-3776-4365-82bc-804a818c4a17/deck>

**Figura 28** - Plano da Ágora de Atenas

<https://www.chegg.com/flashcards/arc-315-exam-1-f3c09e47-3776-4365-82bc-804a818c4a17/deck>

**Figura 29** - Estado atual da Acrópole e a sua relação com a cidade de Atenas

<https://thetourguy.com/travel-blog/greece/athens/acropolis/astounding-facts-about-the-acropolis-in-athens-this-year/>

**Figura 30** - Ilustração da Acrópole e sua organização

<https://www.chegg.com/flashcards/arc-315-exam-1-f3c09e47-3776-4365-82bc-804a818c4a17/deck>

**Figura 31** - Plano geral do velho e novo edificado da Acrópole de Atenas

[https://www.researchgate.net/figure/Plan-of-the-Athenian-Acropolis-The-arrow-shows-the-direction-that-visitors-would-have\\_fig1\\_265695156](https://www.researchgate.net/figure/Plan-of-the-Athenian-Acropolis-The-arrow-shows-the-direction-that-visitors-would-have_fig1_265695156)

**Figura 32** - Extensão do Império Romano por volta de 117 D.C.

[https://www.reddit.com/r/Maps/comments/b3ki6i/historical\\_map\\_of\\_the\\_roman\\_empire\\_at\\_its\\_height/](https://www.reddit.com/r/Maps/comments/b3ki6i/historical_map_of_the_roman_empire_at_its_height/)

**Figura 33** - Plano do fórum romano

<https://mapsdatabasez.blogspot.com/2017/10/map-of-roman-forum.html>

**Figura 34** - Ruínas preservadas de Timgad sendo bem visível o nível de organização e planificação

<https://allthatsinteresting.com/timgad#27>

**Figura 35** - Plano geral de Timgad

<https://socks-studio.com/2017/06/21/a-perfect-grid-the-roman-town-of-timgad-the-african-pompeii/>

**Figura 36** - Sinónimo de Idade Média: londrinos a fugir à Peste Negra, ilustração de 1625

<https://www.science.org/content/article/black-death-fatal-flu-past-pandemics-show-why-people-margins-suffer-most>

**Figura 37** - Plano da cidade de Paris Medieval, cerca de 1300

<https://archimaps.tumblr.com/post/75430696837/map-of-paris-in-1300>

**Figura 38** - Bastide de Monpazier em França

<https://www.deepheartoffrance.com/monpazier-is-officially-one-of-frances-most-beautiful-villages/>

**Figura 39** - Plano geral da bastide de Monpazier

<http://alain.connangle.pagesperso-orange.fr/HTML/Monpazier.htm>

**Figura 40** - Plano geral da bastide de Aigues Mortes  
<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Plan.Aigues.Mortes.png>

**Figura 41** - Plano de 1292 da bastide britânica de Winchelsea  
<https://www.winchelsea.com/museum/our-collection/>

**Figura 42** - Comparação de forma similar entre a bastide britânica de Winchelsea e a bastide francesa de Monségur  
<https://www.winchelsea.com/museum/our-collection/>

**Figura 43** - Plano medieval da bastide britânica de Kingston-upon-Hull  
[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:A\\_plan\\_of\\_Kingston\\_upon\\_Hull.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:A_plan_of_Kingston_upon_Hull.jpg)

**Figura 44** - Leonardo da Vinci um dos maiores visionários do novo movimento estilístico italiano  
<https://www.culturagenial.com/principais-artistas-do-renascimento-e-obras-de-destaque/>

**Figura 45** - Florença, o berço do Renascimento e o Duomo com a famosa cúpula  
<http://hipore.blogspot.com/2012/05/florenca-berco-do-renascimento.html>

**Figura 46** - Piazza della Santissima Annunziata em Florença  
<https://www.niceplaces.it/blog/2020/08/piazza-della-santissima-annunziata-firenze/>

**Figura 47** - "A criação de Adão" de Miguel Ângelo (1508-1512)  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/A\\_Cria%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_Ad%C3%A3o#/media/Ficheiro:God2-Sistine\\_Chapel.png](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Cria%C3%A7%C3%A3o_de_Ad%C3%A3o#/media/Ficheiro:God2-Sistine_Chapel.png)

**Figura 48** - Piazza del Popolo em Roma e a sua simetria  
<https://roma.dalbolognese.it/piazza-del-popolo-roma/>

**Figura 49** - Pintura renascentista da cidade ideal de Fra Carnevale, cerca de 1480-1484  
[https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Ideal\\_City\\_\(painting\)#/media/File:Fra\\_Carnevale\\_-\\_The\\_Ideal\\_City\\_-\\_Walters\\_37677.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Ideal_City_(painting)#/media/File:Fra_Carnevale_-_The_Ideal_City_-_Walters_37677.jpg)

**Figura 50** - Pintura renascentista de cidade ideal de Luciano Laurana ou Melozzo da Forlì  
[https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Ideal\\_City\\_\(painting\)#/media/File:Formerly\\_Piero\\_della\\_Francesca\\_-\\_Ideal\\_City\\_-\\_Galleria\\_Nazionale\\_delle\\_Marche\\_Urbino\\_2.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Ideal_City_(painting)#/media/File:Formerly_Piero_della_Francesca_-_Ideal_City_-_Galleria_Nazionale_delle_Marche_Urbino_2.jpg)

**Figura 51** - Architectural Veduta, autor desconhecido atribuído possivelmente a Francesco di Giorgio Martini, cerca de 1495  
[https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Ideal\\_City\\_\(painting\)#/media/File:Francesco\\_di\\_giorgio\\_martini\\_\(attr.\),\\_veduta\\_architettonica\\_ideale,\\_1490-1500\\_ca.\\_01.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Ideal_City_(painting)#/media/File:Francesco_di_giorgio_martini_(attr.),_veduta_architettonica_ideale,_1490-1500_ca._01.jpg)

**Figura 52** - Palácio de Versailles, França  
<https://www.france.fr/pt/onde-ir/artigo/palacio-versalhes-o>

**Figura 53** - Palácio de Inverno em São Petersburgo, Rússia  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Pal%C3%A1cio\\_de\\_Inverno#/media/Ficheiro:Winter\\_Palace\\_Panorama\\_3.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pal%C3%A1cio_de_Inverno#/media/Ficheiro:Winter_Palace_Panorama_3.jpg)

**Figura 54** - Novos planos para cidades ideais renascentistas  
<https://www.pinterest.pt/pin/168181367307689518/>

**Figura 55** - Estudos para cidades ideais, Ricardo Bofill  
<https://archiveofaffinities.tumblr.com/post/57460111817/ricardo-bofill-studies-for-ideal-cities>

**Figura 56** - Vista aérea atual de Palmanova  
<https://visitworldheritage.com/en/eu/palmanova-world-heritage-site/Ob473170-5362-4a13-ad72-b5c63d3518be>

**Figura 57** - Plano da cidade ideal de Palmanova e a sua evolução  
<http://www.unesco-venetianfortresses.com/parti-del-sito/palmanova-2/>

**Figura 58** - Cidade ideal de Sforzinda projetada por Filarete  
<https://en.wikipedia.org/wiki/Sforzinda#/media/File:Idealstadt.jpg>

**Figura 59** - Castelo de Chenonceau à esquerda  
<https://www.europadestinos.com.br/castelo-de-chenonceau/>

**Figura 60** - Castelo de Chambord à direita  
<https://www.worldhistory.org/image/12594/chateau-de-chambord--cosson-river/>

**Figura 61** - Notre-Dame de Paris: símbolo máximo do gótico francês  
<https://www.admagazine.com/articulos/cosas-que-no-sabias-de-notre-dame-a-tres-anos-de-su-restauracion>

**Figura 62** - Plano de época medieval da Île de la Cité com as suas pontes com edificado em Paris

[https://fr.wikipedia.org/wiki/Pont\\_Neuf#/media/Fichier:Plan\\_de\\_B%C3%A2le\\_1552\\_-\\_Extrait\\_%C3%AEle\\_de\\_la\\_Cit%C3%A9.jpg](https://fr.wikipedia.org/wiki/Pont_Neuf#/media/Fichier:Plan_de_B%C3%A2le_1552_-_Extrait_%C3%AEle_de_la_Cit%C3%A9.jpg)

**Figura 63** - Avenida dos Champs-Élysées data cerca de 1710

<https://www.unjourdeplusaparis.com/en/paris-reportage/champs-elysees-histoire>

**Figura 64** - Place des Vosges (antiga Place Royal) no seu aspeto original

<https://www.lesmaconsparisiens.fr/histoire/la-place-des-vosges/>

**Figura 65** - Place des Vosges atualmente

<https://dicasparis.com.br/paris/place-des-vosges-em-paris/>

**Figura 66** - Cidade fortificada de Neuf-Brisach

<https://structurae.net/de/bauwerke/befestigungen-von-neuf-brisach>

**Figura 67** - Reconstituição da cidade fortificada de Besançon

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Plan-relief\\_de\\_Besan%C3%A7on\\_004.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Plan-relief_de_Besan%C3%A7on_004.jpg)

**Figura 68 e 69** - Letchworth, contruída no início do século XX de acordo com os princípios da Cidade Jardim de Howard, por Parker e Unwin (Rutherford, 2014, p.28)

**Figura 70** - Conceito dos 3 ímans por Howard

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade-jardim\\_\(teoria\)#/media/Ficheiro:Howard-three-magnets.png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade-jardim_(teoria)#/media/Ficheiro:Howard-three-magnets.png)

**Figura 71** - Diagrama da Cidade Jardim de Ebenezer Howard

<https://www.archdaily.com.br/br/961040/o-que-sao-cidades-jardim>

**Figura 72** - Arquiteto Franco-Suíço Le Corbusier

<https://www.nedgis.com/en/designers/charles-le-corbusier>

**Figura 73** - Esquízo da Ville Radieuse de Le Corbusier, Paris

<https://www.archdaily.com.br/br/787030/classicos-da-arquitetura-ville-radieuse-le-corbusier>

**Figura 74** - Plano geral da Ville Radieuse

<https://www.archdaily.com.br/br/787030/classicos-da-arquitetura-ville-radieuse-le-corbusier>

**Figura 75** - Maqueta da proposta da Ville Radieuse

<https://www.archdaily.com.br/br/787030/classicos-da-arquitetura-ville-radieuse-le-corbusier>

**Figura 76** - Plano da Baixa Pombalina em Lisboa

<https://made-portugal.blogspot.com/2017/09/lisboa-pombalina.html>

**Figura 77** - Evolução da costa aveirense com a formação da ria e dos canais

<https://saidaslagunadeaveiro.wordpress.com/2014/06/10/evolucao-da-linha-de-costa-na-zona-de-aveiro/>

**Figura 78** - Gravura da cidade medieval de Aveiro e a sua muralha atualmente maioritariamente destruída

<https://www.cmaveiro.pt/municipio/comunicacao/noticias/arquivo/noticia/caminhar-sobre-a-muralha-de-aveiro>

**Figura 79** - Ruína da muralha praticamente destruída

<http://ww3.aeye.pt/avculttur/Secjeste/Ajalmeid/Pg014000.htm>

**Figura 80** - Plano atual da cidade de Aveiro com a sua malha irregular

<https://mapasblog.blogspot.com/2013/04/mapas-de-aveiro-portugal.html>

**Figura 81** - Avenida Lourenço Peixinho em Aveiro, cerca da década de 1920

<https://villeblog.pt/saiba-quem-foi-lourenco-peixinho/>

**Figura 82** - Plano atual do bairro de Santiago (fonte: smiga)

<http://smiga.cm-aveiro.pt/PMOT>

**Figura 83** - Degradação das habitações sociais do bairro

<https://www.cm-aveiro.pt/inovacao/peduca/quadro-de-investimentos/paicd/poi/reabilitacao-de-habitacao-social-bairro-de-santiago-12-blocos>

**Figura 84** - Vista de uma das vias que servem o bairro

<https://www.cm-aveiro.pt/inovacao/peduca/quadro-de-investimentos/paicd/poi/reabilitacao-de-habitacao-social-bairro-de-santiago-12-blocos>

**Figura 85** - vista do anfiteatro degradado no parque do bairro

<https://www.jn.pt/local/noticias/aveiro/aveiro/nova-vida-do-bairro-de-santiago-custa-43-milhoes--12077682.html>

**Figura 86** - Vista área do bairro

<https://www.terranova.pt/noticia/sociedade/aveiro-autarquia-assinala-conclusao-de-obras-de-reabilitacao-em-santiago>

**Figura 87** - Edificação social em mau estado

<https://www.radiosoberania.pt/noticias/aveiro-concluida-1a-fase-de-qualificacao-dos-edificios-do-bairro-de-santiago/>

**Figura 88** - Entrada lateral para o parque do bairro

<https://www.publico.pt/2017/07/23/local/noticia/o-maior-bairro-social-de-aveiro-e-cada-vez-mais-parte-da-cidade-1779904>

**Figura 89** - Área de estacionamento comum com vias sem manutenção

<https://www.publico.pt/2017/07/23/local/noticia/o-maior-bairro-social-de-aveiro-e-cada-vez-mais-parte-da-cidade-1779904>

**Figura 90** - Vista a partir do parque

<https://www.publico.pt/2017/07/23/local/noticia/o-maior-bairro-social-de-aveiro-e-cada-vez-mais-parte-da-cidade-1779904>

**Figura 91** - Condições negligentes do património construído

<https://www.publico.pt/2017/07/23/local/noticia/o-maior-bairro-social-de-aveiro-e-cada-vez-mais-parte-da-cidade-1779904>

**Figura 92** - Logótipo de candidatura de Aveiro a Capital Europeia da Cultura 2027

<https://www.cm-aveiro.pt/municipio/comunicacao/noticias/noticia/candidatura-a-capital-europeia-da-cultura-2027>

Folha em branco

## **Lista de Acrónimos**

a.C	antes de Cristo
d.C	depois de Cristo
Fairman, H.W.	Fairman, Herbert Walter
Km	quilómetro

*“A arquitetura só é considerada completa com a intervenção do ser humano que a experimenta.”*

*Tadao Ando*

Folha em branco

O texto da presente dissertação encontra-se escrito em português obedecendo ao novo Acordo Ortográfico. Algumas das imagens apresentadas foram recortadas e/ou sofreram alterações de formato, dimensão e cor relativamente aos originais.

# **1. Introdução**

Este trabalho é apresentado à Universidade da Beira Interior como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura.

## **1.1 Contextualização**

Atualmente, é em aglomerados urbanos onde a maioria da população mundial vive, pelo que as aldeias e povoamentos rurais, apesar de numerosos, quando, não possuem o que é necessário para se desenvolverem e evoluírem, acabam vetados ao abandono, tendo sido essa a realidade de muitas comunidades, nomeadamente em Portugal, que têm vivido no limiar das suas necessidades, quer seja ao nível das infraestruturas, quer seja ao nível de outros fatores, como sejam a sua localização remota, fora dos atuais circuitos comerciais e económicos.

Se bem que a dicotomia campo cidade tenha evoluído, e as comunidades rurais que persistem usufruam de muitas das facilidades das cidades, são estas últimas os motores da economia local, regional em áreas do interior nacional e por conseguinte, do país.

Porém, esta realidade veio sendo construída ao longo de milhares de anos, assistindo-se ao aparecimento dos primeiros assentamentos, se bem que pouco evoluídos, ainda no Neolítico passando civilização de Harappa, com o estabelecimento de comunidades cívicas, sofisticadas a ponto de serem planeadas de raiz.

A breve síntese urbana, apresentada neste trabalho, abrange momentos da sua evolução, no contexto de influência geo civilizacional, que em Portugal se insere, contendo o que se pensa, terem sido aqueles, que maioríssimas influências terão tido na construção da chamada civilização ocidental.

Cabe referir que até às descobertas arqueológicas a partir de meados do século passado, se atribuía aos gregos, não só a base a partir da qual a civilização europeia se alicerçou, mas também o planeamento das cidades, com Hipódamo de Mileto, a ser considerado o pai do urbanismo, ao transpor, para a forma física os cânones da democracia grega, organizando as cidades sobre premissas como a integração na natureza, a imposição de limite ao seu crescimento, e o acesso de todos (os cidadãos), ao edifícios, ao espaços e instituições que caracterizavam a vida de então.

Cabe referir que é com o Império Romano, que se consolida a vida urbana, e se lapidou aquilo que os gregos deixaram como legado a nível sociocultural, artístico e urbano. Estes dois elementos, próximos entre si, geograficamente e temporalmente, dada a sua importância, pelas suas contribuições, nas diferentes áreas, são designados por cultura clássica (greco-romana).

Com a queda do império romano, surge a Idade Média ou Época Medieval, que para muitos corresponde à Idade das Trevas, em parte porque esta época foi assombrada por batalhas violentas e pragas, que diminuíram a população europeia e o número de cidades.

Após esta época de grande desgaste, um vento de mudança chega de novo a partir da Península Itálica - o Renascimento. Este movimento veio reavivar o urbanismo, a cidade, os países, a cultura, a sociedade, exercendo grande influência na Europa à exceção do Reino Unido, onde este estilo nunca se implementou por completo, em parte pelo clima político então vivido nesse país.

Em Portugal a sua influência a nível urbano, também não é muito grande, quando comparada com o que ocorre em França e em Itália, fazendo-se sentir mais tarde, no século XVIII, na maior intervenção urbana do país, quer na Baixa Lisboa, quer na reconstrução de aglomerados que ficaram totalmente destruídos, como o de Vila Real de Santo António, por parte do Marquês de Pombal, após o terramoto de 1755.

Aveiro, onde se situa o caso de estudo é atualmente uma cidade de média dimensão, tendo uma história e cultura, que remontam ao tempo da presença Romana, mas que viu a sua importância aumentar durante a Idade Média, com a vinda para um dos conventos da cidade da Santa Joana Princesa, sendo dessa época a malha urbana irregular, na parte alta da cidade, a onde se localizam os edifícios mais antigos.

Assim, procurando responder a um desafio lançado por mim para responder ao desafio lançado pela Câmara de Aveiro, para ser Capital Europeia da Cultura em 2027, pretende-se refletir sobre momentos de evolução urbana, e, assim assumir um compromisso urbano, não à escala geral, mas do bairro, onde se vai procurar aplicar conceitos que se entende poderem potenciar a qualidade da proposta, como a proporção, a simetria, preservando a identidade mas também procurando acrescentar um património, de forma sustentada, tão necessária à cidade, nesta sua senda de evolução já registada nos últimos anos.

## **1.2 Objetivo**

Esta dissertação de mestrado procura apresentar uma resposta, numa vertente urbana alicerçada na reflexão histórica, para o desenvolver de uma nova imagem do Bairro de Santiago em Aveiro, que apesar de tão central, mostra problemas que refletem a negligência económico-social dos seus próprios moradores.

Efetivamente, após uma reflexão e compreensão, de forma sucinta, da evolução urbana e humana ocidental, do modo de ver e de se fazer cidade, procurou-se aplicar formas, premissas e métodos de planificação infraestrutural urbana na proposta de requalificação urbana do Bairro.

As soluções apresentadas, se bem que ainda em fase de anteprojecto, dada a escassez de tempo, podem constituir a base para maiores intervenções na cidade que visem incorporar premissas, escalas, leituras, alicerçadas em conhecimento do passado, mas apoiadas na realidade atual, onde a busca da sustentabilidade deve ser acompanhada pela beleza e pela utilidade das propostas urbanísticas para a cidade.

## **1.3 Justificação e Motivação na Escolha do Tema**

A escolha desta temática e em particular este local em específico deve-se a dois pontos totalmente distintos. Primeiro, e isto numa vertente pessoal, residindo em Aveiro, possuo laços afetivos e familiares com a cidade. Segundo, porque ao trabalhar para a candidatura de Aveiro a Capital Europeia da Cultura de 2027, senti a necessidade de obter conhecimento sobre raízes da cultura urbana e social da cidade por forma entender a realidade atual e o sucesso de certas áreas da cidade.

Aveiro, cidade do litoral, é uma cidade em crescente expansão com grande potencial de se tornar um polo sociocultural e empresarial de relevo no panorama regional e, talvez, nacional.

Assim sendo, a ideia passou por juntar estes dois pontos para realizar um projeto que se complementassem. Assumir um local para o meu projeto final, como enunciado no ponto anterior: um bairro que sofre de negligência económico-social e cultural, e transformar esta área urbana esquecida, num polo dinamizador, com foco económico social e cultural, com o efeito de dar força à candidatura da cidade a Capital Europeia da Cultura.

## **1.4 Metodologia**

Para a elaboração deste trabalho, procurou-se utilizar um método de pesquisa constante e integrado, com análise e estudo documental aprofundado, sobre noção de cidade e urbanismo, e de certa forma, de sociologia com entrevista à população local do meu objeto de proposta de projeto.

A utilização deste método de investigação, de forma contínua, através de leituras de publicações e/ou livros, permitiu um crescente processo de conhecimento, que terá como consideração final, a realização do anteprojecto para a proposta de uma nova imagem arquitetónica e urbana para o lugar do Bairro de Santiago em Aveiro.

A reflexão, e a visão integrada do território aveirense, dos seus pontos de interesse e outros locais de potencialidade elevada, foi algo que se procurou ter em consideração ao longo de toda a elaboração da proposta urbana, tendo para tal efeito, sido elaborado uma entrevista local aos populares com as suas perspetivas atuais e futuras enquanto moradores e na qualidade de possíveis visitantes, assim como um estudo das fraquezas, como as desvantagens e as vantagens do ambiente envolvente ao bairro, (uma análise SWOT aligeirada), por forma a tentar resolver alguns dos problemas sociais e carências coletivas. Procurou-se que a solução apresentada possa trazer valências económicas, sociais, culturais novas, mas a cima de tudo, possa transformar o modo de relacionamento e vivência entre moradores e a restante cidade, oferecendo uma outra imagem para a cidade.

## **1.5 Organização do Trabalho**

O presente trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma:

- O primeiro capítulo apresenta o trabalho e a metodologia e uma breve introdução da proposta de projeto (visto tempo disponível, trata-se de um breve anteprojecto, ao não ser possível, nesta fase, apresentar todo o volume de trabalho e desenhos necessários);
- No segundo capítulo faz-se uma introdução sobre o modo de se ver, fazer e o que é a cidade, e conseqüente desenvolve-se o trabalho escolhendo momentos da evolução urbana, os seus princípios, funcionamento e metodologias evolutivas, mais significativas de forma sucinta;

- No terceiro e último capítulo apresenta-se uma proposta para uma nova requalificação cénica urbana do bairro de Santiago na cidade de Aveiro que reflete os conhecimentos apreendidos anteriormete.

Folha em branco

## 2. A cidade

O termo cidade faz parte do léxico e do quotidiano da civilização ocidental. Procurar estudar a sua evolução, é estudar a evolução do homem nos seus múltiplos aspetos. Contudo, pesa embora a banalidade com que o termo é utilizado, defini-lo não se afigura tão trivial. O que é a cidade? É uma questão levantada, entre outros, por Lewis Mumford (2004, p.9), a qual carece de uma resposta final, visto tratar-se de uma resposta com origens complexas, ligada a uma rede ampla de questões infinitamente intrincadas.

Se bem que exista quem defenda que a cidade é o resultado do primeiro povoado autónomo há cerca de 5.000 anos ou mesmo aquando do surgimento da escrita, pelo facto de trazer a vantagem de registo, para outros autores, como Leonardo Benevolo (2011, p.15), a cidade, “desde a sua origem, divide-se em duas formas: a organização da sociedade, completamente implementada, ou o cenário físico da mesma”.

Neste sentido, o espaço físico é organizado por elementos construtivos ou naturais imprescindíveis para a “organização social” nela habitar, ou pelo menos usufruir, sendo que no fim, não é o individuo que faz a cidade, porque a sociedade tende a desaparecer, e o espaço mantém-se vivo, em funcionamento, ou como muitos espaços de outrora, em ruínas.

Mais ainda, a evolução do termo e do seu significado, estão diretamente ligados à realidade de cada civilização, a um determinado momento da história, a um determinado contexto cultural no seu sentido mais lato, que, nomeadamente no caso europeu e português, pode ir desde a definição medieval de ser o local onde o “bispo reside” ou elencar um conjunto de funções, edifícios e dados estatísticos, que lhe conferem a categoria de cidade na atualidade (Le Goff, 1992; Beato, 1996)

A título pessoal, a cidade e a sua compreensão cabe inteiramente a cada indivíduo; cada um tem a sua perspetiva de cidade e de como fazer cidade, portanto questionar o que é cidade é completamente relativo, quando num mundo de 7 biliões de pessoas existem 7 biliões de pontos de vista distintos sobre a cidade; porque tal como Mumford se questiona, apesar de admitir a cidade como um espaço já desenvolvido, se não será necessário passar um maior período de tempo para se explorar todas as potencialidades da urbe que ainda não foram atingidas, e potencialmente, aí se encontrar uma resposta, não definida, mas mais consensual entre a comunidade urbana, para definir o espaço em que se vive.

## **3. As primeiras cidades**

### **3.1 Breve contextualização histórica**

Usualmente, é possível marcar e caracterizar, a evolução histórica das primeiras civilizações urbanas e conseqüentes cidades, em três predominantes fases durante a chamada Idade da Pedra. Consoante a constituição, em cada fase, inovações conduziram a melhorias, sobretudo na economia, que permitiram um aumento consistente, significativo, da população, o que se reverteu na diversificação da sociedade, da economia e na capacidade de defesa e competitividade com outros povos.

Segundo Morris (2018), a primeira grande fase começou há cerca de 2.5 milhões de anos, até há aproximadamente 10.000 anos a.C., correspondendo ao desenvolvimento da espécie e ao ajuntamento dos primeiros Hominídeos.

Findada esta primeira etapa da era civilizacional, seguem-se-lhe o Mesolítico e o Neolítico, dois grandes movimentos pré-históricos. ainda dentro da Idade da Pedra. Os três estágios seguintes pré-históricos correspondentes à Idade dos Metais, focam-se principalmente no período descrito como a Idade do Bronze tendo a sua génese ocorrida entre 3.500 e 3.000 anos atrás e que perdurou durante aproximadamente 2.000 anos. Este período temporal na história da humanidade representa o início do fim do nomadismo, e estabelece-se como o pilar do sedentarismo e das primeiras civilizações urbanas e que persiste até aos dias atuais.

As descobertas e pesquisas em torno de novos assentamentos descobertos e estudados na península turca da Anatólia, como o de Catal Huyuk, têm vindo a reconfigurar o que se entendia necessário para que aglomerações importantes ocorressem, e crescem-se, nomeadamente, a necessidade da agricultura (Mellaart, 1967; Seddon, 2018). Certamente que as consolidações dos estudos sobre estas descobertas podem vir a proporcionar um reconfigurar do conhecimento do que se conhece sobre a localização das primeiras cidades.

Os avanços no campo da arqueologia, nomeadamente na utilização de satélites e do varrimento com infravermelhos vão certamente proporcionar novas descobertas, mas, com o que se conhece como conhecimento consolidado, até à data, mantem-se a civilização Sumérica, como pioneira, no aparecimento de cidades. Esta, surgiu no sul da península da Mesopotâmia, que como o seu nome, que deriva do grego indica, foi estabelecida na área fluvial de dois rios: o rio Eufrates e o Tigre, muito férteis e que

proporcionariam a estabilidade alimentar necessárias ao surgir de cidades, aglomerados com estruturas sociais e económicas sofisticadas, capazes de possuírem uma estratificação social com classes sociais, como o exército e a religiosa, que não necessitassem de produzir os seus próprios alimentos.

Além da suméria, nesta parte do globo, no Nilo, a civilização egípcia, com as recentes descobertas de importantes aglomerados, e, no Vale do Indo, a civilização de Harappa, esta última com as suas cidades planeadas de raiz, podem escolher-se como as que viabilizaram o desenvolvimento das civilizações ocidentais posteriores. Estas três civilizações antigas têm a água como fator comum, e, como Gordon Childe (1979, 1996), afirma, o desenvolvimento destas civilizações progrediu de certa forma mais rápido do que outras menores, noutras áreas geográficas, devido à sua localização privilegiada.

Estas civilizações encontravam-se nas margens de grandes rios, pelo que havia um excelente e inesgotável abastecimento de água, tornando assim o solo mais fértil, isto porque estes solos tinham a vantagem de renovação constante da sua camada orgânica fértil, pela subida das águas durante a época das chuvas. Estas cheias e consequente renovação fértil dos solos permitiu uma subida na produção de alimentos e por consequência, da sua população; o desenvolvimento da agricultura e igualmente a pecuária, pareceu ter sido um requisito essencial para o nascimento dos grandes assentamentos urbanos.

Até há relativamente pouco tempo esta teoria não era colocada em questão, como mencionado, apesar de Jane Jacobs (1970), de forma visionária, pesa embora o diferente contexto, defender que sendo que estas atividades surgiram nas cidades, pelo que a cidade as precedia, nomeadamente a agricultura. À medida que a inovação tecnológica e a estabilidade destas assentamentos foi aumentando, os melhoramentos nas artes e ofícios, na exploração de recursos, aliados à existência de linhas de água navegáveis, e até à construção de canais para o efeito, as trocas comerciais foram aumentando, colmatando-se a escassez de certas matérias primas com ao comércio, e trocando-se conhecimento e o modo de bem fazer, o que veio incrementar as trocas comerciais e o aparecimento de mais profissões, deixando a agricultura de ser o principal fator económico e, de certa forma, de sobrevivência de uma comunidade (Lefebvre, 2003; Morris, 2018).

No entanto, estas culturas antigas denominam-se de civilizações mortas pelo facto do seu progresso ter sido brutalmente interrompido: pelo próprio declínio interno; por fatores naturais ou por invasões de outros povos.

Assim, ao longo dos tempos, e até agora conhecidas, contabilizam-se as mais numerosas e variadas civilizações que marcaram a história e os meios urbanos: desde os sumérios aos romanos, dos gregos aos maias, dos egípcios aos aztecas, que com o decorrer dos tempos se extinguíram, ou os chineses, no vale do Rio Amarelo ou Rio Huang He, que desde a sua origem no final do terceiro milénio a.C., perdura, sem interrupção até aos nossos dias, tendo influenciado fortemente o sudeste asiático, nomeadamente o Japão(Lefebvre, 2003; Seddon, 201; Morris, 2018).

Outros povos, com menor grau de importância na história civilizacional, como na América do Norte e Sul, Ásia ou Oceânia aparentemente, não possuíam uma cultura urbana até às expansões coloniais dos europeus a partir do século XVI que a introduziu territórios desabitados, ou a impôs aos “povos primitivos” com que se deparou. Assim, cabe referir alguns dos principais momentos do crescimento das cidades ao longo da história e que moldaram a construção das cidades na Europa ocidental e, por consequência influenciaram direta ou indiretamente a cidade em Portugal.

## **4. Pré-Antiguidade**

### **4.1 Os primeiros assentamentos**

Os vestígios dos primeiros seres humanos encontram-se muito antes da formação de civilizações, há cerca de um milhão de anos, com a característica destes seres pioneiros serem nómadas e por isso circulavam um pouco por todo o lado, até cerca de 25.000 a.C. quando a evolução física do homem, conhecido como Homo Sapiens, terá chegado ao seu término e daí ter-se-á iniciado um processo mais vincado de evolução cultural. Estes homens, desde que surgiram no Paleolítico, até ao Neolítico, passando ainda pelo Mesolítico, viviam e sobreviviam de uma forma muito similar aos demais animais da época pré-histórica, e sendo estes nómadas, movimentavam-se recolhendo alimentos que encontravam no meio natural, na sua maioria vegetais, frutos, e posteriormente com o aperfeiçoamento da caça e da pesca, alimentavam-se dos animais, crustáceos e peixes que capturavam (Seddon, 2018).



**Figura 4** - Mapa Mundi com localização das primeiras civilizações da antiguidade (Web 1, abr. 2019)  
A. Antigo Egito; B. Mesopotâmia; C. Vale do Indo; D. China

Vendo a Figura 1, terá sido há cerca de 15.000 anos, que o homem terá adotado uma política de fixação territorial, o que terá dado início a um novo capítulo na história da humanidade, ao assumir o domínio sobre o cultivo dos alimentos que ingeriam e, quase em simultâneo, domesticando os animais. Este momento definiu uma economia baseada no acesso crescente a alimentos, o que veio permitir não só o estabelecimento de residências permanentes, como o crescimento destas, a existência de excedentes e a sua troca e comércio com outros povos (Seddon, 2018).

É neste momento da história que terá surgido a primeira unidade “urbana”, denominada de aldeia, a partir da qual a humanidade terá evoluído de assentamentos rudimentares para núcleos cada vez mais sofisticados quer socialmente, quer politicamente, quer tecnologicamente (Benevolo, 1983; Mumford, 2004; Morris, 2018). Assim, cabe destacar algumas destas civilizações de forma a compreender a complexidade dos seus assentamentos e o modo como alguns influenciaram, se assemelham ou podem melhorar a realidade atual (Hall, 1999).

## 4.2. Mesopotâmia

### 4.2.1 Civilização Suméria

A Suméria, na região denominada da Mesopotâmia, era constituída por um conjunto de cidades-Estado, entre outras, Eridu, Erech, Lagash, Shuruppak, Akkad, Jemdet Nasr, entre muitas outras. Destas, cabe destacar a cidade de Ur, cujo auge se iniciou e continuou durante terceira dinastia sob a regência do rei Ur-Nammu. Seria de pensar que, enquanto Cidades-Estado, teriam, cada uma o seu sistema económico autónomo e diverso, mas, no entanto, todas elas tinham a conexão de possuírem uma cultura comum e de adotarem idênticos sistemas urbanos. Contudo, Ur, pela sua dimensão e sofisticação dos vestígios encontrados e estudados, constitui-se como, uma das maiores representantes das cidades do estado Sumério.

No que concerne à terceira dinastia é possível distinguir três partes fundamentais (figura 3): a antiga cidade muralhada, o *temenos*, que se trata do recinto sagrado e religioso, que continha no seu perímetro o Zígarate, templos e edifícios governamentais e por fim, a cidade exterior (Childe, 1979, 1996; Benevolo, 1983; Mumford, 2004; Morris 2008).



Figura 2 - Reconstituição da primeira urbe da história: Ur (Web 2, 2022)

A cidade, de planta oval e irregular como resultado do crescimento orgânico, com cerca de 1200 metros de comprimento e 800 metros de largura, apresentava uma muralha, com cerca de 8 metros de altura, possuindo no auge, uma população máxima estimada em 250.000 habitantes: destes, 35.000 habitantes estariam na cidade intramuros. Apesar do crescimento orgânico, o zígarate, por si só, enquanto montanha

artificial, era um projeto planejado, com os seus cantos dispostos de acordo com os pontos cardeais (Childe, 1979, 1996; Benevolo, 1983).

Do lado Oeste das muralhas corriam as águas do rio Eufrates, com um grande lago, navegável a cercar a cidade a Norte e a Leste. Nestes dois pontos foram onde se construídos dois portos, com ancoradouros protegidos, existindo ainda a possibilidade de um canal, de menor dimensão, a atravessar a área urbana (Childe, 1979, 1996; Benevolo, 1983; Morris, 1979).

No que se refere aos materiais de construção, a muralha, a nível estrutural era toda ela feita em adobe e a espessura na sua base nunca poderia ter menos de 23 metros. A maior parte da área a noroeste da cidade era ocupada pelo *temenos*, que continha os únicos espaços abertos da cidade, contudo o seu uso estava apenas permitido aos sacerdotes e membros da corte. O espaço restante da cidade intramuros era densamente povoado. A secção habitacional da cidade constituía uma das suas áreas mais antigas, que parecia ser destinada apenas a famílias de classe média: as habitações eram controladas e erguidas de acordo com uma planta geral, mas a dimensão, a volumetria e as plantas (com diferentes arranjos interiores) variavam, dependendo de vários fatores, como a disponibilidade do espaço interior, da riqueza e posição social do seu proprietário (Benevolo, 1983; Morris, 1979).

Os achados arqueológicos, mostraram que a construção e associação das habitações era bem mais sofisticada do que aparentava, com habitações de dois andares ao invés de um, e com entre 13 e 14 habitações à volta de um pátio central pavimentado que permitia entrada de luz natural e ventilação natural nos diferentes compartimentos.

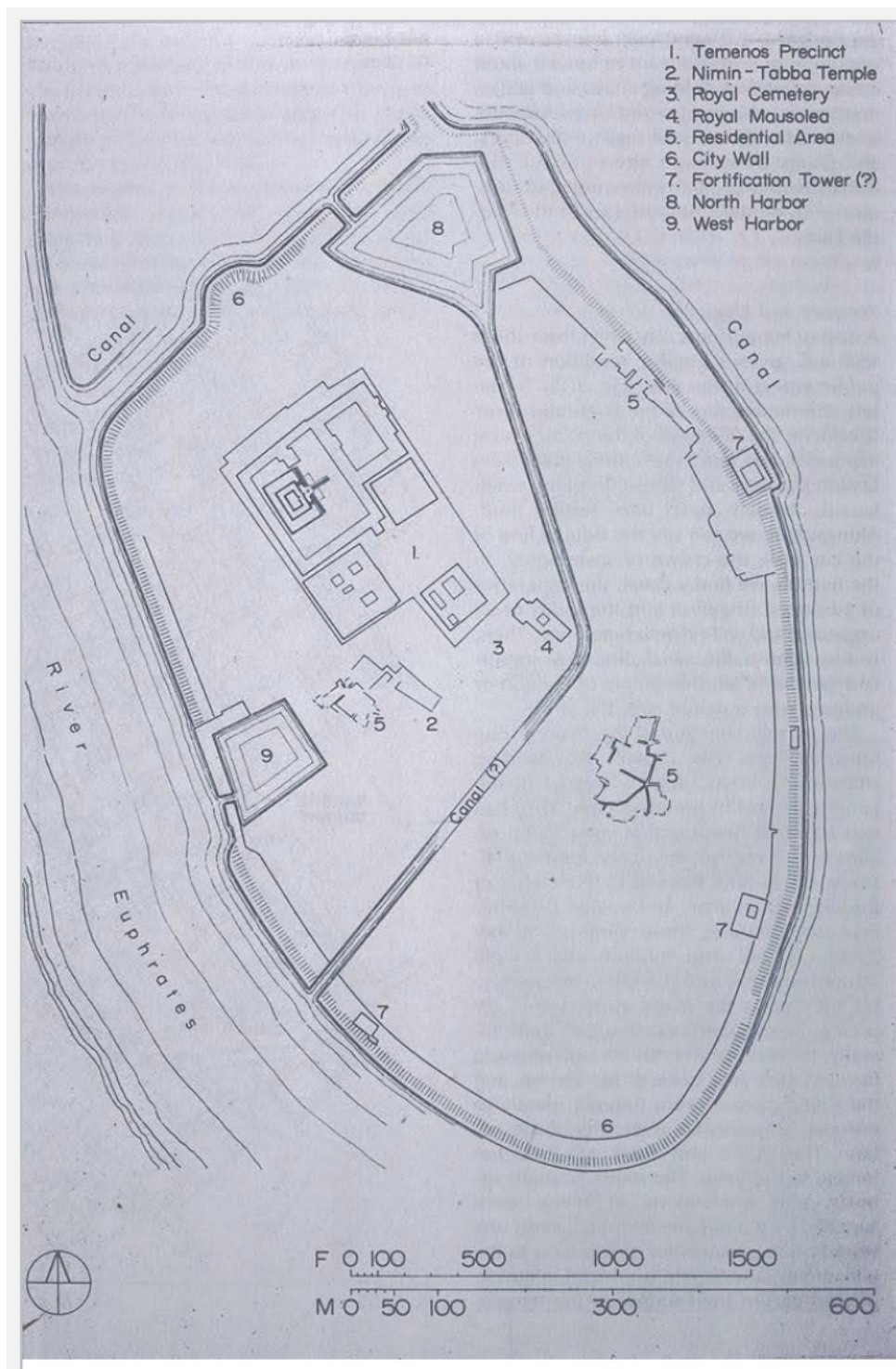
Ur demonstrou ser uma grande cidade, sobretudo se atendermos à população humana na época, sofisticada e altamente organizada. As suas ruas eram as típicas ruas de cidade densa: ruas estreitas, barulhentas e sujas, com a habitação, como referido, a desenvolver-se e a se organizar entre si, a partir e em volta de pátios. Contudo, este tipo de plano de habitações agrupadas, não derivaria de nenhum plano urbano planejado, evoluindo de forma natural, orgânica.

Aliás, o tipo de evolução urbana orgânica foi predominante na maior parte da história dos aglomerados humanos, persistindo até aos tempos mais recentes, tendo, para alguns autores, na época medieval cristã e muçulmana, o seu auge assumindo ainda hoje, uma forma aleatória, desorganizada e por vezes, descontrolada (Le Goff, 1992; Hall, 1999).

Contudo, na Suméria, em Ur, cabe referir que, sendo uma das principais causas da origem das cidades, a agricultura era o setor mais importante da cidade, e com o seu

desenvolvimento, cresceu exponencialmente a população da cidade, o que permitiu o aumento da cidade em área, tornando-a na maior do seu tempo. No entanto, esta atividade setorial realizava-se fora do perímetro citadino, fora da cidade muralhada. Cabe referir que a muralha, na cultura suméria, existia com um duplo propósito: servindo como mecanismo de defesa militar ou de separação entre a cidade e o campo; e como ferramenta de coerção sobre a população cuja existência protegia, dependia da proteção por ela fornecida (Mumford, 2004; Morris, 1979).

Assim, a estrutura das cidades mesopotâmicas, de acordo com Leonardo Woolley (Morris, 1979), as cidades mesopotâmicas na sua grande generalidade, assemelhavam-se muito com as cidades africanas tardias, tipicamente muralhadas, com ruas estreitas e de crescimento orgânico. As ruas estreitas aliadas ao espaço delimitado pela interseção das mesmas, fornecia o espaço destinado ao espaço habitacional controlada. Esta forma rede oferecia uma cércea equilibrada, sendo a paisagem só dominada pela imponência do zigurate na cidadela, o local mais importante de toda a cidade. Para além das semelhanças com as cidades africanas, o mesmo autor, citado por Morris (1979), afirma que embora exista uma grande distância geográfica, cultural e temporal, as cidades da mesopotâmica e da época medieval partilharam várias características, como o excesso de construções, resultado da elevada população intramuros, que, por sua vez, resultava no congestionamento de grande parte da cidade, com a ocupação crescente de todos os espaços livres (Morris, 1979).



**Figura 3** - Morfologia da cidade e cidadela de Ur (Web 3, 2022)

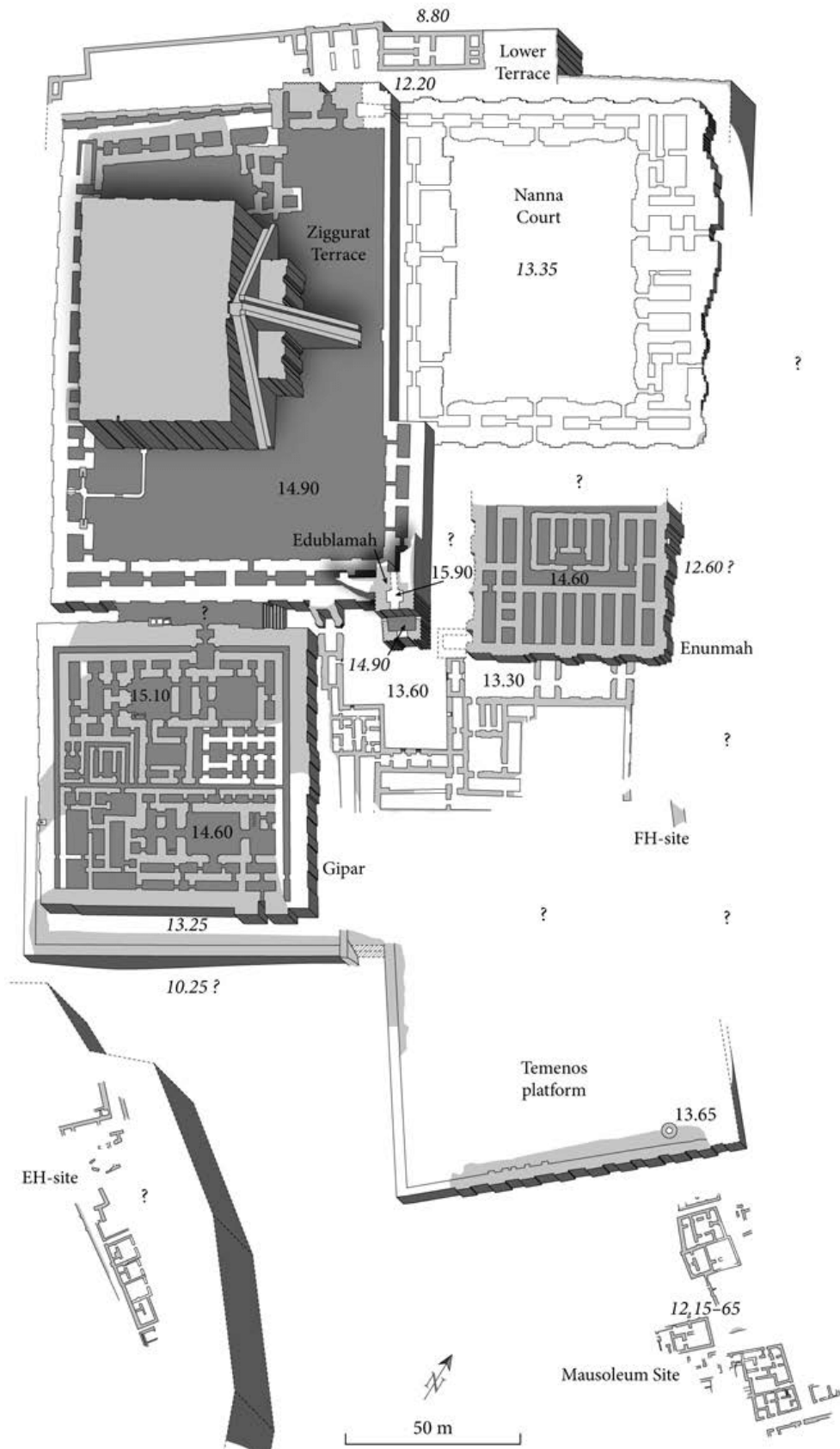


Figura 4 - Organização espacial do Temenos de Ur (Web 4, jan. 2018)

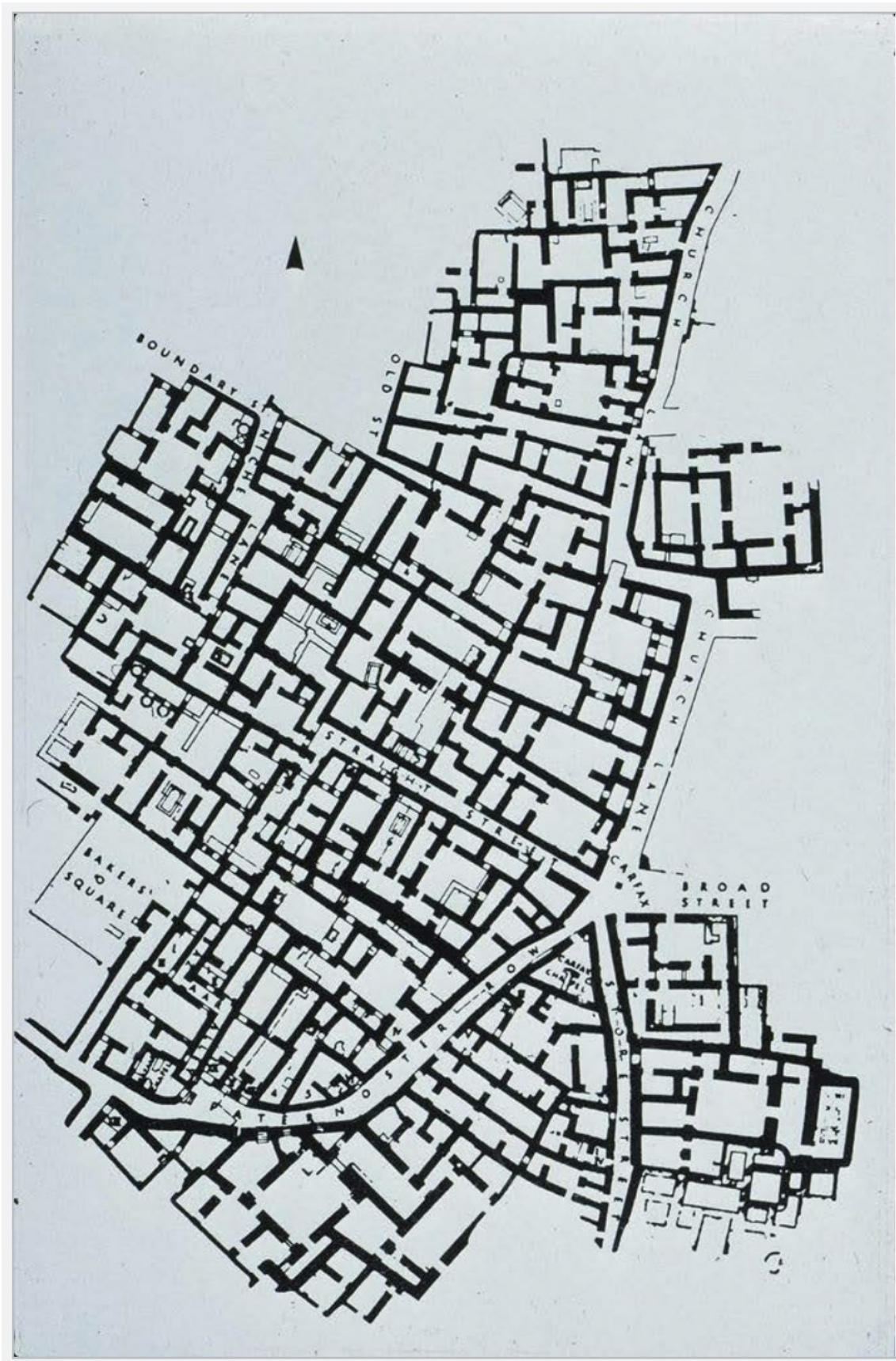
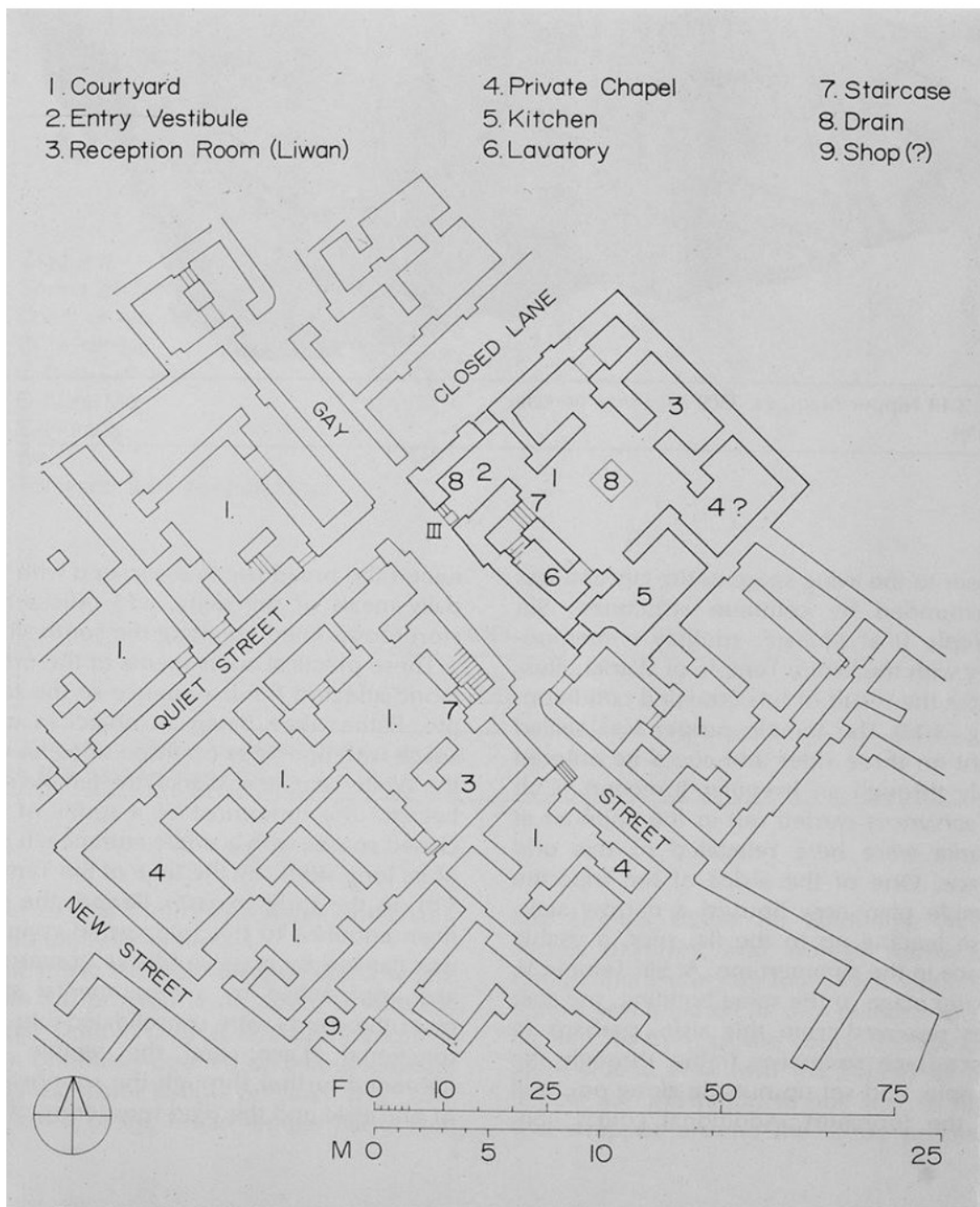


Figura 5 - Plano do bairro residencial a Sudeste do Temenos de Ur (Web 5, 2022)



**Figura 6** - Plano aproximado de bairro residencial entre o porto oeste e o temenos de Ur (Web 4, 2022)

### **4.2.2 Babilónia**

A babilónia é muito provavelmente a mais famosa cidade da mesopotâmia, não só pelo facto de ser uma antiga megacidade, possivelmente a maior cidade do mundo na época, mas também por estar altamente bem conservada, e por sobreviverem mitos e histórias. Esta cidade, encontra-se ao largo do rio Eufrates e teve habitantes famosos, até com presença na Bíblia (Benevolo,1983; Mumford, 2004; Morris, 1979).

Heródoto, o grande historiador e geógrafo grego, faz um relato, que, embora apresente alguns fatos ainda não comprovados, colocou a cidade no imaginário dos povos, não só pela presença de um edifício que ele considerou como uma das maravilhas da antiguidade – os seus Jardins Suspensos-, como pelo fato de as crescentes descobertas arqueológicas mostrarem o refinamento e o desenvolvimento da cidade e do seu povo (Morris, 1979).

Babilónia, segundo o historiador, erguendo-se no alto de uma planície, dividida a meio pelo Eufrates, era uma cidade tão grande que nenhuma a igualava, formando um quadrado perfeito com mais de 20 km de lado. Rodeada de duas camadas de muralhas, muito altas, construídas em alvenaria com a lama retirada do fundo do fosso de água que rodeava a cidade, que seria posteriormente, transformada em tijolo. A muralha era acompanhada de portas de entrada, magnificamente decoradas (famosa porta Azul), e por torres. Os dois panos de muralhas serviam de defesa, principalmente a primeira, sendo o segundo pano, mais pequeno, e de menor espessura (Benevolo,1983; Mumford, 2004; Morris, 1979).

De referir que a estrutura interna da cidade era de vias paralelas e perpendiculares, sendo, portanto, dotada de uma malha regular, com uma cércea equilibrada de 3 a 4 pisos, e cada centro de cada divisão da cidade encontrava-se uma fortaleza central, estando o palácio real e o principal Templo/Zigurate, numa dessas divisões, rodeado igualmente de um muro de grandes dimensões e de grande contenção defensiva. No centro do recinto principal, existiria uma torre, igualmente feita de alvenaria, tão grande que seria formada de estrutura por cima de outra, contabilizando até 8 pisos, formando assim uma megaestrutura para a época, que poderia tratar-se da famosa torre de Babel e dos seus jardins suspensos, com espaços de descanso e que recriavam as ambiências, a fauna e flora do mundo então conhecido (Mumford, 2004).

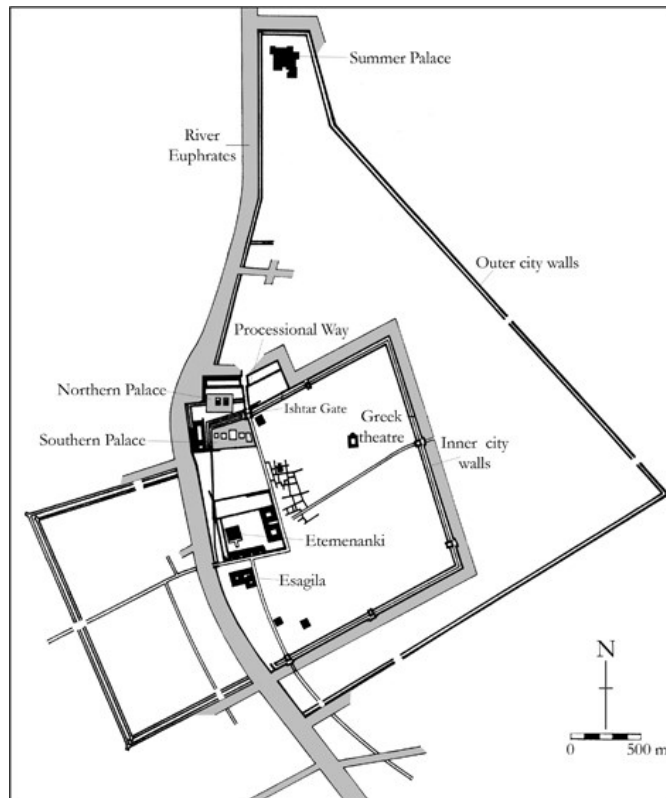


Figura 7 - Plano morfológico da cidade da Babilónia (Web 7, 2022)

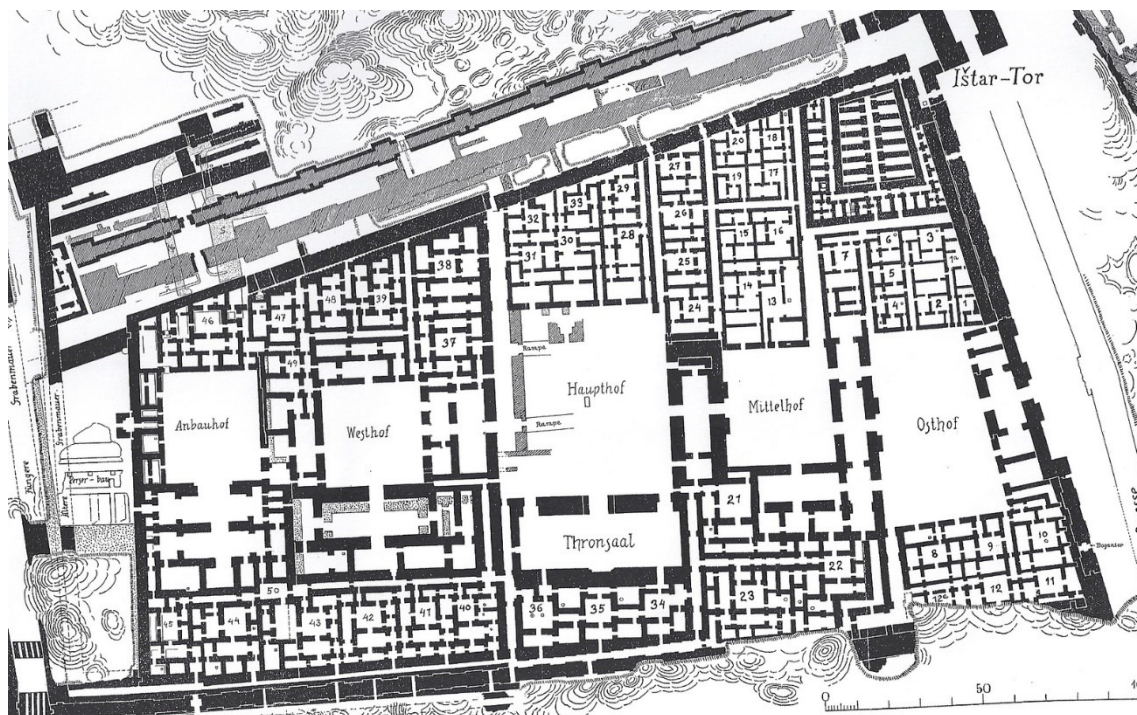


Figura 8 - Plano da área palacial da Babilónia (Web 8, 2022)

### 4.3 Antigo Egito

O Antigo Egito é capaz de ser a civilização antiga mais reconhecida atualmente, mas não é por isso a mais antiga, por isso é errado assumir que a origem da civilização egípcia se desenrolou de forma similar à Mesopotâmia. Não obstante, e, independentemente do facto de ser a próxima grande civilização a surgir na linha temporal, a sua aproximação em termos geográficos como em termos naturais, por se desenvolverem no prolongamento de um grande rio que percorria vales e planaltos férteis que ofereciam imensuráveis oportunidades ao homem, a evolução da civilização egípcia e dos seus assentamentos urbanos desenvolveu-se de forma totalmente distinta (Morris, 1979). Apesar disso, estas duas civilizações aparentemente, partilhavam de ideais e valores similares, no que à vertente religiosa e ao culto diz respeito.

Por outro lado, também não se deve pensar que a origem da civilização egípcia, que passou por várias dinastias e pela unificação do Egito Inferior e Egito Superior sob um único reino, seja muito mais recente comparada com a civilização mesopotâmica, devido à ausência de vestígios urbanos datados de antes de 2500 a.C., isto porque, apesar de em tempos ter sido descrito como uma civilização onde vilas e cidades inexistiram, as mesmas parecem ter existido de facto, igualmente antigas quanto as da Mesopotâmia, mas que por diversas razões, teriam assumido diferentes formas, estando atualmente a serem descobertos, graças a utilização de satélites, importantes aglomerados por baixo das areias do deserto (Benevolo,1983; Mumford, 2004; Morris, 1979).



*Figura 9 - Localização dos antigos reinos egípcios e as suas urbes ao longo do Nilo sobreposta na atual geografia (Web 9, 2022)*

A razão para as dúvidas que tem permanecido, prende-se com o tipo e a cultura egípcia, pois a habitação, quer fosse da população operária ou do próprio faraó, seria “neste mundo”, de natureza transitória e efémera, porque a cidade e a vida dos seres era isso mesmo: efémera, não passando de um momento temporário com pouco ou nada para aproveitar, tirando o culto aos deuses ou ao próprio faraó, porque para o antigos egípcios, o mais importante não era a vida que tinha naquele momento, mas sim a vida eterna que lhes esperava após a morte (Seddon, 2018).

O Egito numa época pré dinástica, dividia-se em duas partes, o Egito Inferior e o Superior, e durante este tempo, não se possuem vestígios de cidade nem de habitações fixas cívicas. Somente na sua última fase pré-dinástica, a partir de cerca de 1500 a.C. é que a cidade no seu sentido físico começa a ganhar expressão, nas descobertas encontradas até à data em Mênfis e em Luxor, sobretudo de índole religiosa. Num contexto mais puramente cívico, Tell-El-Amarna, ou Aquetaton, marca o início de uma nova era (Mumford, 2004).

A maioria destas cidades, era defendida pela sua localização, pelo que muros defensivos em pedra eram, aparentemente, desnecessários, até pelo facto de a pedra somente ser usada para a construção de templos e túmulos, constituindo a cidade divina fixa do faraó. Nem o palácio real era construído com essa mesma intenção de durabilidade, assim, junto com as habitações da restante população, o material de eleição seria o tijolo de barro seco ao sol, que permitia a sua reutilização em posteriores, construções. As condições climáticas, escassez, assim como a valerosidade dos materiais seriam outros fatores importantes, daí a falta de vestígios da cidade em volta da “cidadela” de culto. Contudo, H.W. Fairman (Childe, 1996), inúmeras algumas cidades muralhadas, durante a terceira fase da civilização, como Negada II, à entrada do período dinástico, com fortes sistemas defensivos feitos em tijolo, e na qual, a forma da cidade assumia uma forma oval e/ou circular (Gordon, 1979,1996; Benevolo 1983).

Neste sentido, encontrou-se um símbolo que pode ser muito importante: o *Niwt*, (Figura 10). Este hieróglifo representa a cidade, numa forma circular, com uma cruz centrada, que representa as vias, e os 4 espaços resultantes, sejam as áreas abertas ou as de construções. Esta tese tem sido defendida já que quando surge este símbolo aparecem também cidades com esta forma, como é o caso de El-Kab (Mumford, 2004).



*Figura 10 - (Níwt) Hieróglifo egípcio que representa a cidade (Web 10, nov. 2010)*

Esta cidade apresentava uma muralha, que cortava uma cidade aparentemente já existente, e mais primitiva. Apesar desta aproximação do modo de fazer cidade, no Egito, já no período dinástico onde essa mudança foi mais acentuada, a ideologia religiosa, mantinha-se, mas não impediu o surgimento de várias aldeias, espalhadas ao longo do Nilo, a acompanharem os templos e monumentos funerários de repouso eterno do faraó, a cidade mantinha-se como unicamente para os mortos (Gordon, 1979,1996; Benevolo 1983; Mumford 2004).

Quanto ao planeamento urbano, é incerto afirmar com precisão, quando e onde surgiu, se é que existiu de todo planeamento o Antigo Egito. Não sendo uma prática comum, ainda se encontra algumas evidências. Tal como nas cidades, os assentamentos e aldeias que se encontram junto ao Nilo, tinham a grande necessidade de aproveitar o precioso solo aluvial, pelo que se compreende o crescimento orgânico; A subida das águas, igualmente obrigava à subida das habitações, pelo que ou os primeiros assentamentos eram inundados pelo Nilo, ou eram reconstruídos sob a as ruínas da primeira construção, e assim, surgiam um amontoado de habitações. Muitas das vilas e cidades egípcias mais recentes foram construídas sobre as ruínas de um antigo assentamento, o que pode ter levado também a um problema de espaço e de consequente expansão. Agora, a habitação propriamente dita, teve grande influencia no planeamento.

De referir que a habitação encontrada tinha forma circular, e no Egito Superior o assentamento era separado do cemitério, mas no Egito Inferior a tradição era diferente; a habitação era sinónimo de túmulo, e, aquando o surgimento do tijolo na construção, durante o período de Negada II, as habitações e túmulos surgem já numa forma retangular, o que na organização da casa e na relação do conjunto das habitações, pode demonstrar uma certa proximidade com algum tipo de planeamento (Childe, 1979, 1996).

### 4.3.1 Forma urbana egípcia

Como já se abordou anteriormente, os assentamentos habitacionais ou se encontravam à parte ou eram efêmeros, e, se existissem, estariam em volta da cidadela “divina”. A ausência de vestígios, torna uma difícil percepção da relação entre as áreas habitacionais e os monumentos colossais. Estes monumentos são constituídos sobretudo por templos, sepulturas como sejam as pirâmides, obeliscos, e estátuas, algumas, todos usualmente, de grandes dimensões, parecendo competir com a imensidão da paisagem natural, mostrando a magnificência do faraó para e pelo qual, foram construídos (Morris, 1979).

Portanto, pode-se afirmar que, com os vestígios encontrados até bem recentemente, as cidades egípcias não têm uma forma urbana definida. Nenhum plano de cidade é idêntico: Méfis, Luxor, Tebas, todas diferentes são distintas umas das outras. Porém, cabe questionar onde habitava a população, enquanto a moradia eterna do faraó estava em construção. Aparentemente, acampariam nas imediações, até ao término da construção, o que poderia levar a vida todo do trabalhador, não chegando assim a possuir uma habitação, uma residência fixa, como o atualmente o entendemos. Estes acampamentos seriam o local onde morariam muitas famílias de operários que se estabeleciam assim, junto aos locais de construção até a obra ser concluída, e o acampamento ser abandonado ou, a que se pensa, na maior parte das vezes, ser desmontado para voltar a ser erguido junto à próxima obra. No entanto, não existem vestígios capazes de demonstrar plantas que comprovem a organização, o planeamento ou sequer, a existência de algo mais, já que todos os recursos financeiros, humanos e materiais eram utilizados nos grandes monumentos, onde cada faraó, não seguiria um plano pré-determinado, mas sim, escolheria um local a construção da sua residência eterna (Morris, 1979).

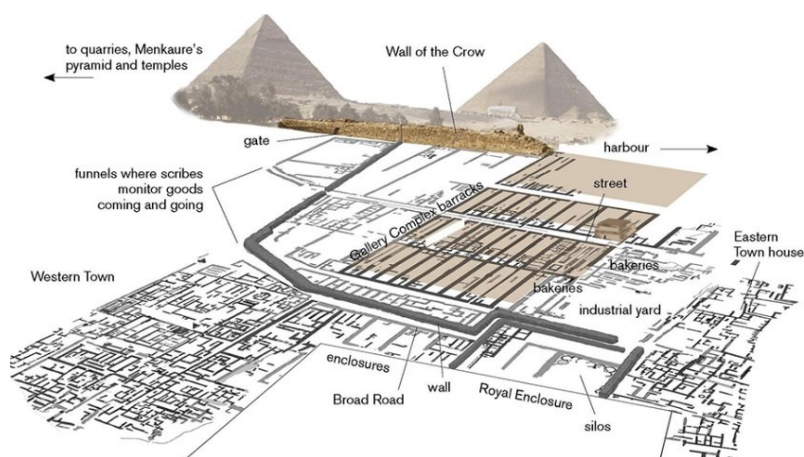


Figura 11 - Reconstituição do plano urbano operário de Gizé (Web 11, 2013)

### **4.3.2 Tell-El-Amarna**

Tell-el-Amarna, encontra-se a meio caminho entre o Cairo e Luxor. Ainda que não se encontre totalmente escavada é um exemplo dessas estruturas, desses aglomerados de construção rápida, “relâmpago”, de apoio às construções funerárias do antigo Egito, apresentando uma certa indicação de ter sido planeada.

Amarna foi construída durante o reinado do faraó Amenófis IV, que no final da XVIII dinastia decidiu implementar uma reforma religiosa. De referir que o Antigo Egito, enquanto civilização politeísta, cada cidade, comunidade, assentamento, aldeia, veneravam um grupo de deuses diferentes. Por isso, com a dificuldade de implementar essas reformas na capital, a primeira medida passou por mudar precisamente a capital de Tebas para um terreno na margem oriental do Nilo, onde as falésias recuam para formar um grande semicírculo de largos quilómetros. O faraó fundou esta cidade, que não se diferenciava das outras no que à função de carácter religioso diz respeito, mas, que tinha apenas uma divindade como Deus (monoteísmo em oposição ao politeísmo até então em vigor), afastando-se do Deus Amon(-Rá) para se aproximar de Áton, o que resultou na mudança do seu nome, passando a chamar-se Aquenatón (Morris, 2008).

Enquanto que a antiga capital, Tebas, encontrava-se dividida pelas duas margens do Nilo, a nova capital, cidade Amarna desenvolve-se ao longo do rio, por três artérias principais paralelas a este, que relacionam as diferentes áreas do aglomerado. Assim, a cidade, construída na margem oriental do Nilo, compreenderia uma extensão de cerca de 8 km, rodeada por um extenso semicírculo de falésias com uma extensão de 11 km de extensão, e 3,5 a 5 km de largura. Teria sido o local ideal para construir a nova capital, naturalmente defendida e apta a acompanhar a nova ordem religiosa, ao ficar naturalmente isolada do mundo exterior, longe das suas ameaças, onde a extensa falésia servia de muralha natural, a salvo de ataques, e com boa defesa, já que o único acesso se fazia pelo rio Nilo (Morris, 1979).

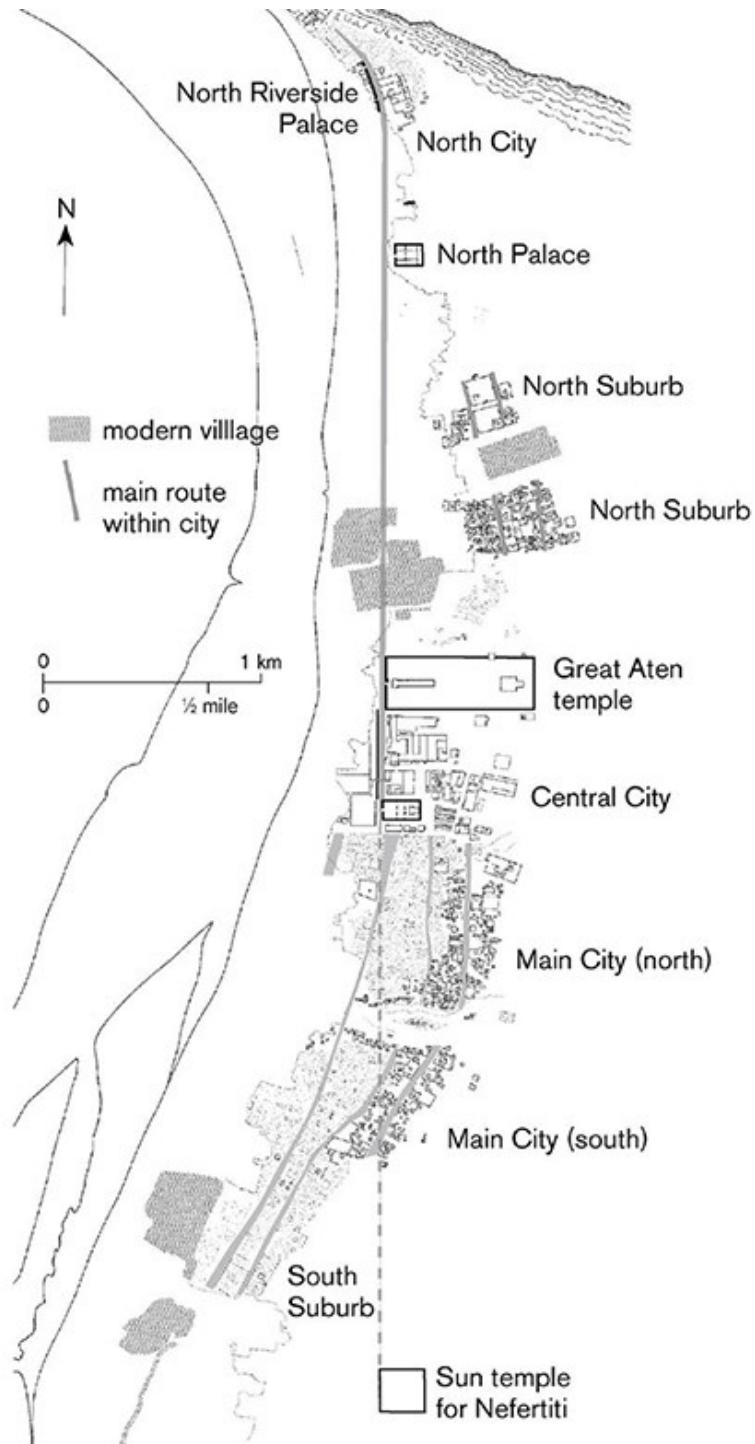


Figura 12 - Plano geral da cidade de Amarna (Web 12, 2013)

### 4.3.3 Organização de Amarna

O enquadramento da cidade é simples, desenvolvendo-se a partir das referidas três grandes vias que se estendem de sul a norte paralelamente ao rio, Segundo H.W. Fairman (Morris, 1979), a construção ao longo das vias formaria uma malha de aparência regular, interligada por templos e palácios reais, e, se bem que não tivesse sido projetada em quarteirões definidos, a sua regularidade parece dever-se ao fato de aparentar ser um acampamento de trabalhadores qualificados, numa das áreas, e na outra de ser destinada à população economicamente mais bafejada (Mumford, 2004; Morris, 1979).

Em contraste, a área habitacional dos mais pobres, dos operários com poucas ou nenhuma qualificação, com habitações mais rudimentares, escondia-se, nos espaços vacantes por trás das habitações da população hierarquicamente mais importante, longe dos polos de interesse da cidade, sendo maioritariamente de crescimento orgânico, a zona este, contudo, aparenta uma certa regularidade (Benevolo, 1983; Mumford, 2004; Morris, 1979).

Aparentemente, em Aqueenáton, a expansão orgânica foi acompanhada por outra regular confinada, contudo, a parte da classe trabalhadora. A estrutura regulava-se por uma certa organização linear, paralela, entre as habitações e as ruas que as serviam, estando estas unidas umas às outras, formando um espaço geométrico retangular, dentro de um complexo erigido intramuros, onde a entrada se fazia apenas por um lado, a sul. Esta conceção arquitetural pode estar ligada a questões climatéricas, até por se tratar de um local com temperaturas muito elevadas em grande parte do ano. As ruas, com cerca de 2 metros de largura, poderiam ter o propósito de fazer sombra e de refrescar o espaço, contudo, como a sua orientação Norte-Sul não fomentaria esta questão, alguns autores pensam que seriam para controlar a população, ao formar espaços confinados, onde seria fácil repreender qualquer manifestação. Não excluindo nenhuma, talvez que a questão ambiental e a de segurança, estivessem, ambas, presentes nesta conceção.

Amarna, enquanto cidade unificada, não chegou nem a suas décadas de existência, já que após a morte de Aqueenáton, o seu herdeiro Tutankatón, conhecido Tutankhamón, decidiu anular a reforma imposta pelo seu pai, repondo a capital em Tebas, e restabelecendo o poder religioso direcionado na crença do Deus Amon, relegando Amarna, e a evolução urbana que esta prometia trazer, ao esquecimento, perdida debaixo das areias do deserto (Morris, 1979).

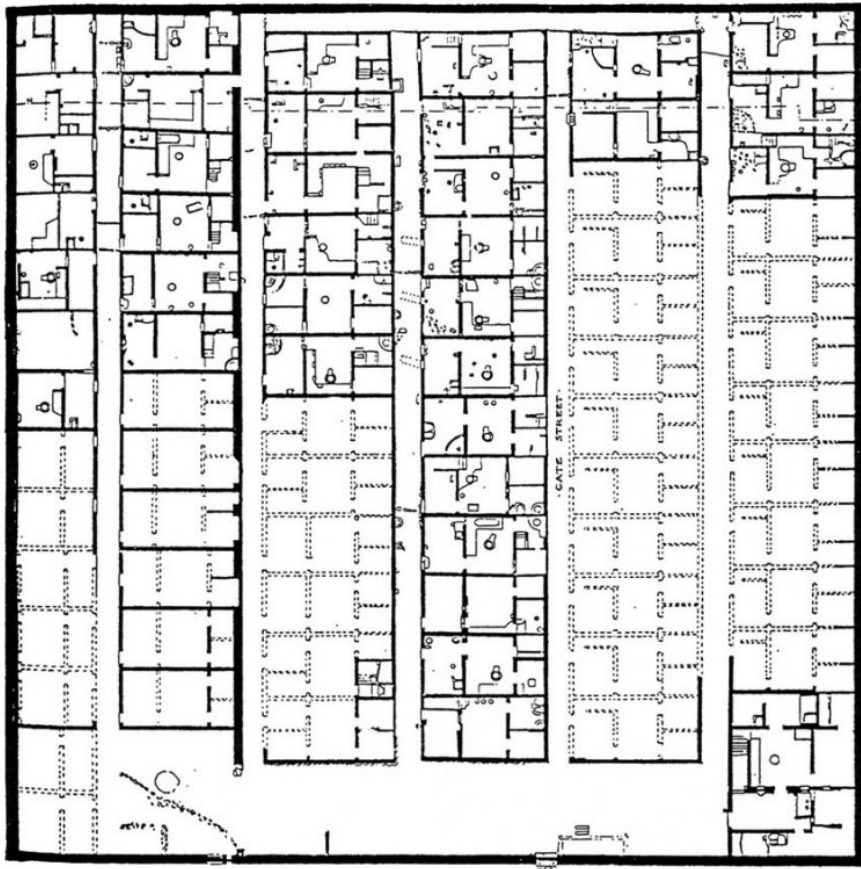


Figura 13 - Plano residencial de Amarna (Web 13, 2022)

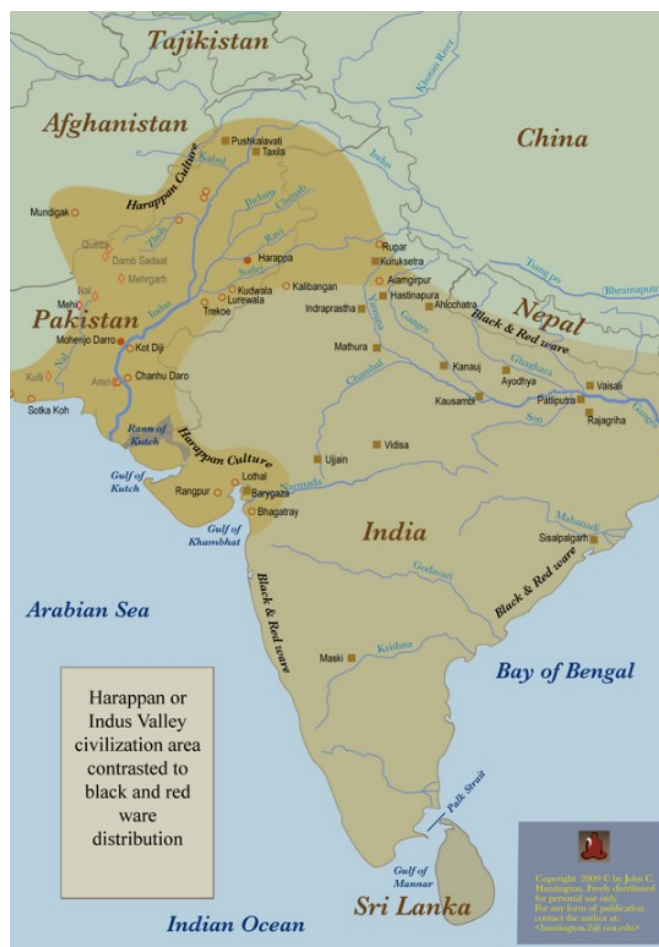
## **4.4 Vale do Indo**

### **4.4.1 Civilização de Harappa**

A terceira civilização - das ditas primeiras grandes civilizações - Harappa ou do Vale do rio Indo, surge por volta do final do terceiro milénio antes de Cristo e apresenta uma característica única, até então não encontrada: todas as cidades encontradas, são cidades planeadas de raiz, com os mesmos elementos morfológicos e com as mesmas características socioculturais, políticas e económicas (Possehl, 1989; Beato, 1996; Jha, 2006; Morris, 1979).

Cerca de 5000 anos depois ainda muito se está por descobrir e estudar sobre esta civilização, mas cabe referir que, apesar da sistematização e da repetição do tipo de aglomerado, em termos políticos, não existe, aparentemente, nenhum governo centralizado, incorporado num rei ou outro tipo de governante, como é apanágio das primeiras civilizações, já que não foram encontrados vestígios de palácios, tumbas ou quaisquer outras insígnias reais. A ausência de uma imagem política real, aliada ao facto de terem sido descobertas muito poucas armas mostra uma sociedade aparentemente igualitária, à semelhança do que tem sido descoberto recentemente, na Turquia, com assentamentos, embora bastante mais antigos, como Çatal Hüyük (Mellaart, 1967; Beato, 1996).

Para este facto a situação geográfica um pouco periférica face aos núcleos das primeiras civilizações e o facto de se localizarem em áreas altas, ao longo de um rio novo, de fortes amplitudes anuais de caudal, poderá ter contribuído para esta organização política e cultural, sem aparentes classes dominadoras, mas com certas componentes filosófico/teológicas importantes (idem).



*Figura 14 - Localização da civilização de harappa a amarelo sobre a geografia atual (Web 14, 2022)*

Apesar de oficialmente se tratar da civilização do Vale do Indo, esta mesma cultura adotou a toponímia de uma das suas cidades mais importantes: Harappa. Harappa, cidade terá existido entre 2500 e 1750 a.C., época em que, de forma súbita, vive uma fase de declínio e termina. Os factos para o seu declínio são de muita controvérsia sendo aparentemente, duas opções mais consensuais: ou por motivos ou algum fenómeno natural, como uma seca extrema ou uma doença; ou por motivos humanos, resultado de possíveis e sucessivas invasões por parte de povos belicamente mais dotados (Morris, 1979).

#### **4.4.2 Organização**

Diferindo bastante da malha encontrada na cidade da antiga Mesopotâmia, onde prevalecia uma malha irregular, a malha urbana das cidades da civilização Harappa é o oposto, pautando-se pela regularidade, numa ortogonalidade maioritariamente retangular, em que as ruas por ela desenhadas constituíam o esqueleto rodoviário, que formava os planos edificados, com complexas, mas eficazes tecnologias aplicadas, como os casos dos sistemas de esgoto e despejo do lixo. Estes sistemas padronizados refletem perfeitamente como esta sociedade vivia, de forma ordenada, sedentária e com preocupações higiénicas (Possehl, 1989; Beato, 1996; Jha, 2006; Morris, 1979).

Até à data, as cidades da cultura de Harappa foram identificadas como as primeiras cidades urbanisticamente planeadas, como a sua antiga malha ortogonal veio provar, reforçado pelo facto de, em todas as cidades, existirem os mesmos edifícios públicos, o mesmo tipo de habitações, e infraestruturas e de os primeiros, ocuparem as mesmas posições relativas, na malha urbana (Possehl, 1989; Beato, 1996; Jha, 2006).

#### **4.4.3 Planeamento urbano**

A bacia do Indo foi fundamental para o desenvolvimento destes assentamentos urbanos, servindo não só a produção de alimentos e a manutenção de animais como via principal de deslocação permitindo as trocas entre as diferentes cidades e entre outros povos.

Das cidades encontradas, cabe, pelos vestígios encontrados, destacar três: Harappa, Lothal e Mohenjo-Daro. Esta última, dadas as suas dimensões será destacada, mas cabe referir que todas possuíam uma cidadela, na parte alta, conseguida, sempre que a topografia não ajudava, à custa de plataformas de tijolos, e localizada a oeste, separada da área a que chamavam de “*cidade baixa*”. Ambas as zonas eram defendidas por muros de proteção. Na cidadela, encontravam-se os edifícios públicos mais importantes, comuns a todas as cidades, mas com volumetrias distintas, acompanhando o número de habitantes de cada uma. De referir que com a elevação da parte alta se pretendia proteger os edifícios mais importantes, e como tal, mais onerosos, das cheias do rio e consequentes inundações das suas margens após a época das chuvas e do degelo já que o rio nasce no sudoeste do Tibete, e atravessa os profundos desfiladeiros dos Himalaias (Possehl, 1989; Beato, 1996; Jha, 2006; Morris, 1979).

Algumas, como Lothal possuíam um porto, servido por canais artificiais de ligação ao rio. Descrevendo-se um pouco melhor a sua principal cidade, fica-se com uma ideia de como seriam estas cidades, planeadas de raiz, e replicadas ao longo do rio.

#### **4.4.4 Mohenjo-Daro**

Esta cidade, provavelmente o caso mais bem documentado desta civilização, encontra-se localizada na margem esquerda do rio Indo, a cerca de 5 quilómetros deste curso da água. De acordo com os autores consultados, Possehl, (1989); Beato (1996), Jha, (200) e Morris, (1979) passa-se a descrever a cidade:

Mohenjo-Daro, mais concretamente a sua cidadela, com os seus muros de tijolos de cerca de 13 metros de altura, foi construída no alto da planície, bastante acima do nível do rio, não aparentando ter existido qualquer tipo de sede de um governante “absoluto”, à semelhança das outras cidades desta civilização, estava dividida em duas áreas, a:

Cidade Alta – rodeada de muralhas, algumas artificialmente elevadas sobre plataformas de tijolos, onde se encontram os principais edifícios comunitários, cívico-religiosos e lúdico/sociais, como armazéns, celeiro e os banhos. No caso desta cidade, estes possuíam dimensões apreciáveis, com 12 por 7 metros e uma profundidade de 2,5 metros, revestidos de betume que os tornavam impermeáveis. Rodeados de pórticos e outras salas, com mais de um andar e de construção em tijolo, o seu abastecimento provinha de um poço próximo;

Cidade Baixa – amuralhada, com estabelecimentos comerciais como restaurantes, (um de grande dimensão, com 26,5 por 19,5 metros, tinturarias e oficinas várias, como as de ferreiros. As habitações dispostas na malha ortogonal ao longo das vias principais, e com vielas menores a servirem de circuito por onde a entrada das casas era feita, tinham pelo menos um pátio interno, e eram construídas em tijolo, podendo possuir mais do que um andar com casa de banho com latrina. A tipologia variava, desde habitações de um cómodo até edifícios de maiores dimensões, vários quartos e pátios, e com mais do que um andar. O acesso aos andares superiores e às coberturas seria feito através de escadas de alvenaria colocadas no exterior das habitações;

O sistema de esgotos era complexo: o abastecimento era feito através de poços, públicos e privados, alguns distando vários quilómetros da cidade, mas servindo o sistema de abastecimento através de canalização, de águas e esgotos por debaixo das ruas

pavimentadas, aproveitando também as águas das chuvas. O sistema levava até jusante, as águas residuais;

Ambas as áreas eram ligadas entre si por uma rua mais larga, com elementos de ornamentação, nomeadamente arcos.

De referir que a malha ortogonal da cidade, orientada segundo os pontos cardeais, provavelmente de forma a conter os ventos e a moderar a temperatura, chegou até aos dias de hoje com algumas irregularidades, na planta da cidade baixa, que parecem resultar de reconstruções posteriores (Possehl, 1989; Beato, 1996; Jha, 2006; Morris, 1979).



Figura 15 - Plano residencial de Mohenjo-Daro (Web 15, mar. 2019)

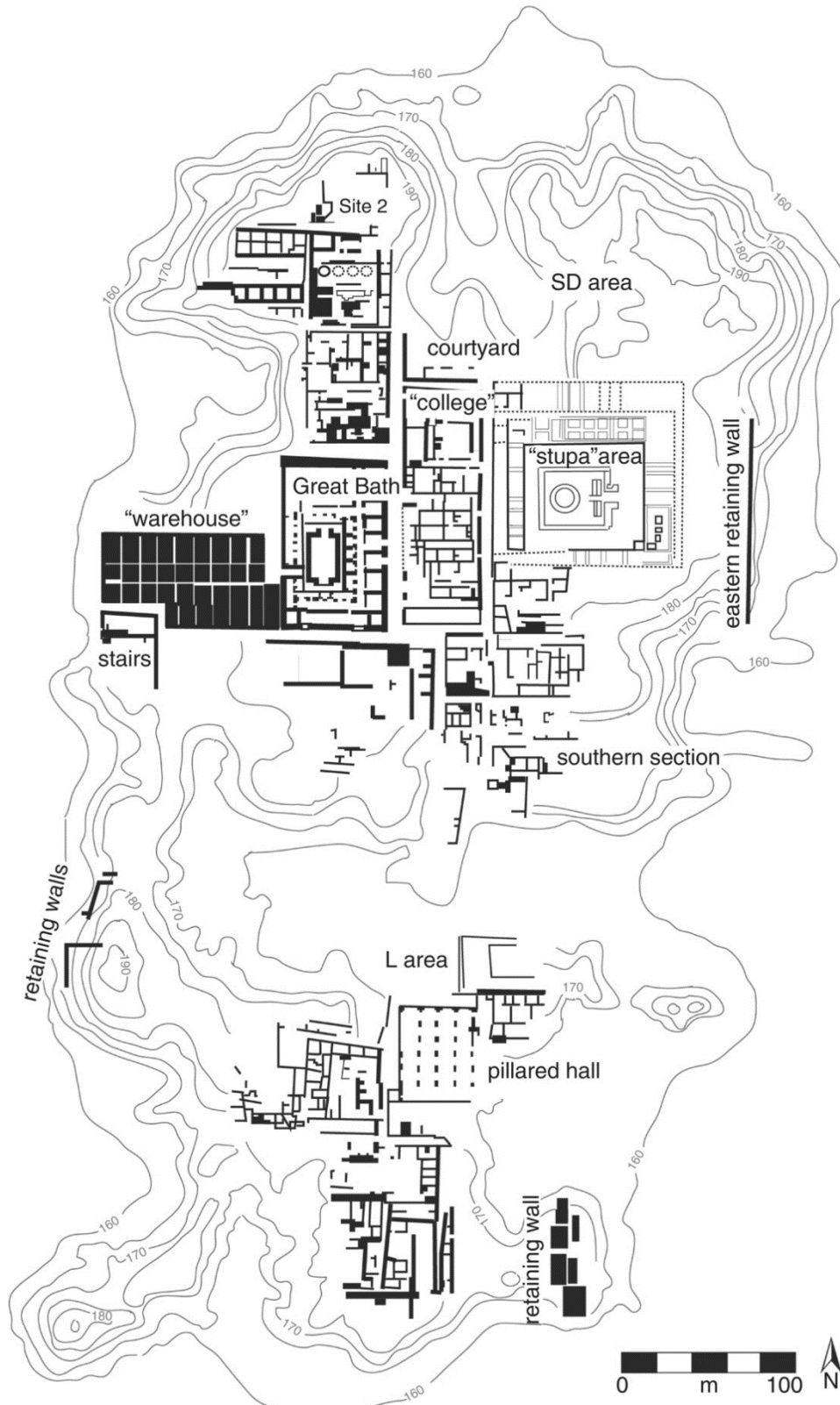


Figura 16 - Plano geral da cidade de Mohenjo-Daro (Web 16, mar. 2015)

## 5. Mundo Clássico

### 5.1 Grécia Antiga

O território grego é muito característico e muito fragmentado devido não só às suas cadeias montanhosas bem como às suas numerosas e ilhas. Este facto teve influência no desenvolvimento da civilização grega e das suas cidades, nomeadamente com o fato de os povoados, por vezes isolados, se desenvolverem com governos autónomos e se organizarem como cidades-estado, com governos e algumas características culturais próprias.

Antes de elencar as características da cidade grega, sobretudo no seu auge, no século V a.C., cabe referir que uma importante civilização se desenvolveu antes, na ilha grega de Creta: a civilização minoica.

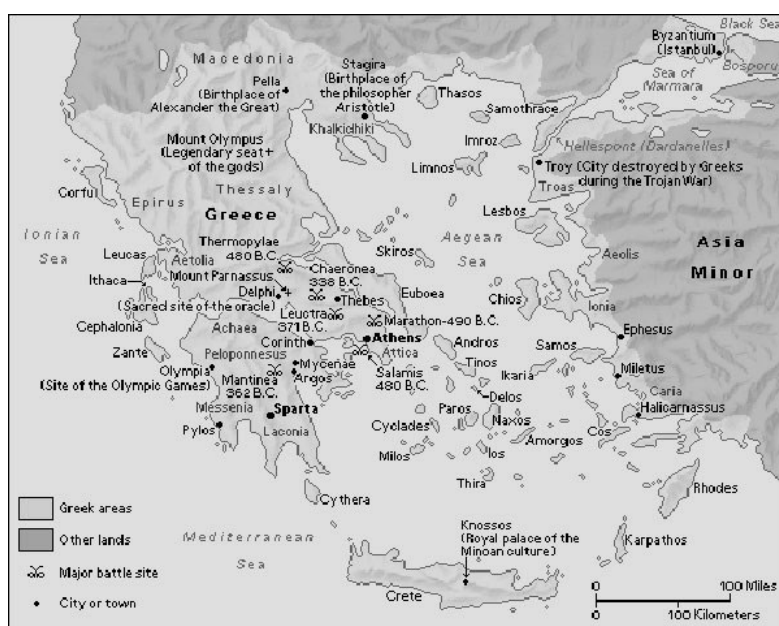


Figura 17 - Localização do território grego da antiguidade clássica (Web 17, jun. 2015)

#### 5.1.2 Desenvolvimento

Creta gozava de uma liberdade defensiva como a que se vira no Egito Antigo. Esta ilha no meio do mar Egeu era uma fortaleza nela mesmo, dispondo de uma autêntica muralha natural impenetrável, pelo que, apesar da evidência da existência dos meios militares, os aldeões, camponeses, agricultores, pescadores, todos estes viviam sem o

receio diário de uma possível invasão iminente, e sob este conceito, a ilha e a comunidade minoica cresceu (Mumford, 2004).

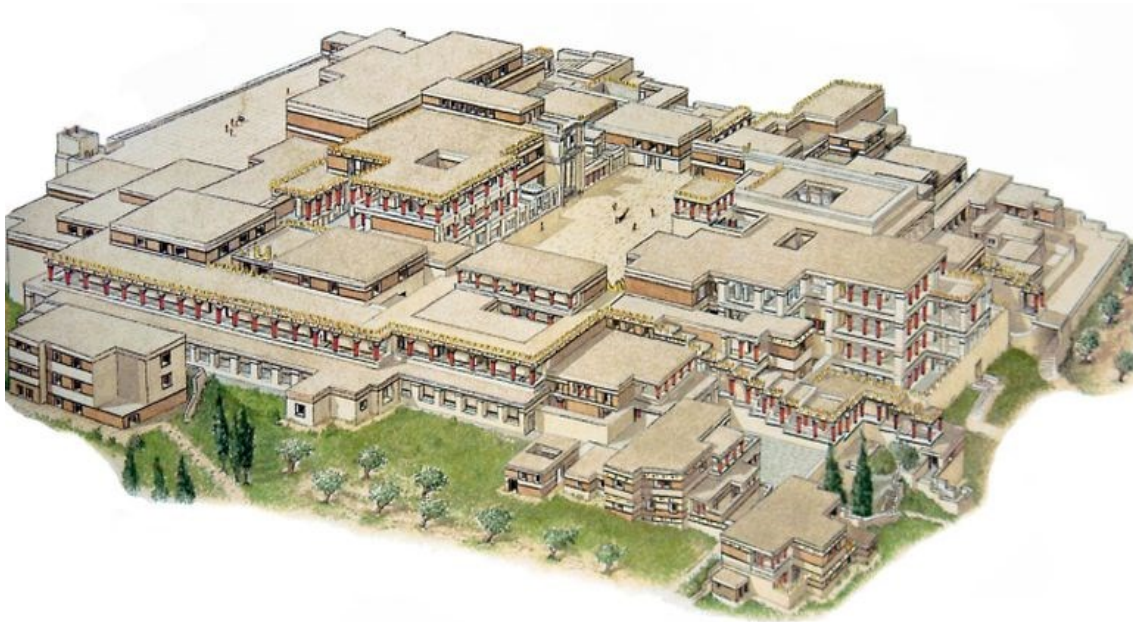


*Figura 18 - Localização geográfica da ilha de Creta (Web 18, jan. 2014)*

Cnossos, é o grande vestígio arqueológico do urbanismo minoico, e esta era formada pela cidadela no seu núcleo central. Esta cidadela era o local onde se encontravam tanto o grande palácio como o templo. Pouco chegou aos nossos dias, com exceção de algumas pinturas e restos desse aglomerado. Contudo, com base nos estígios de faiança, foi possível reconstruir um pouco a cidade e o modo de vida dos seus habitantes.

Assim, a cidade consistiria de torres e casas de índole fortificado, e nela habitavam, em uníssono, homens, militares e animais. As habitações e os recursos sanitários igualmente desenvolvidos, fazendo lembrar as técnicas encontradas anteriormente na Suméria. As habitações, no entanto, trouxeram uma surpresa algo inesperada ao arqueólogo, especialmente pela época de que se tratava, já que aparentavam ter entre 2 a 3 andares, mas com a inovação de possuírem entradas de luz, janelas, deixando para trás, as habitações de fachada plana, nas quais a luz natural penetrava para o seu interior unicamente através de pátios abertos (Mumford, 2004).

A civilização minoica perde-se, desaparecendo quase por completo, sem se saber fundamentalmente as razões que a conduziram ao seu fim, mas suspeitando-se, que causas naturais podem ter tido um papel importante um sismo de grande magnitude e consequente marmoto, destruindo a maior parte da ilha.



*Figura 19 - Reconstituição da cidade palácio de Cnosso (Web 19, jun. 2017)*

Por então, na Grécia continental, estará a assurgir a civilização micénica com a sua sociedade composta por guerreiros e dirigentes que vão começar a expandir-se e a formar aldeias e aglomerados, partindo numa aventura de conquista no mar mediterrâneo oriental. Estes aglomerados foram-se desenvolvendo, adquirindo uma nova consciência, uma nova ordem urbana, uma consciencialização mais próxima do que viria a ser a Pólis grega (idem).

As cidades junto ao mar negro, começaram a expandir-se, como que a colonizar e a criar centros urbanos em aldeias e assentamentos remotos junto à costa. Esta colonização chegaria mesmo a áreas como o Egipto, que se encontrava pouco mais a sul, na Sicília, proximidades à península Itálica, e chegaria ainda a terras gaulesas, com Marselha a destacar-se. Mesmo que, os micénicos, fossem famosos guerreiros e com um historial notável de violência, estas campanhas pelo Mediterrâneo fora não tinham razões militares, mas antes razões agrícolas para expandir a sua área de influência.

Progressivamente, se vai formando a Grécia, se vai desenvolvendo a cultura e o pensamento grego, que atinge o seu auge no séc. V a. C., com auge da Democracia ateniense, da pólis e das suas manifestações físicas, com o aparecimento do planeamento grego de cidades ligadas às colónias fundadas na Ásia menor. As várias áreas do saber vão se desenvolver sobretudo as ideias e criações culturais, como as diferentes formas de arte e saber, , como a literatura, teatro, matemática, filosofia, noções de lógica, e a

própria arte em sim, as artes plásticas e visuais, como esculturas e pintura atingem um patamar de desenvolvimento quase que incomparável, escudados por valores culturais e democráticos, oferecidos e aperfeiçoados pelos gregos com o passar dos anos, dos séculos, e a cima de tudo, de mentalidade, em que o Homem deve viver em comunidade com a natureza ( Mumford, 2004).

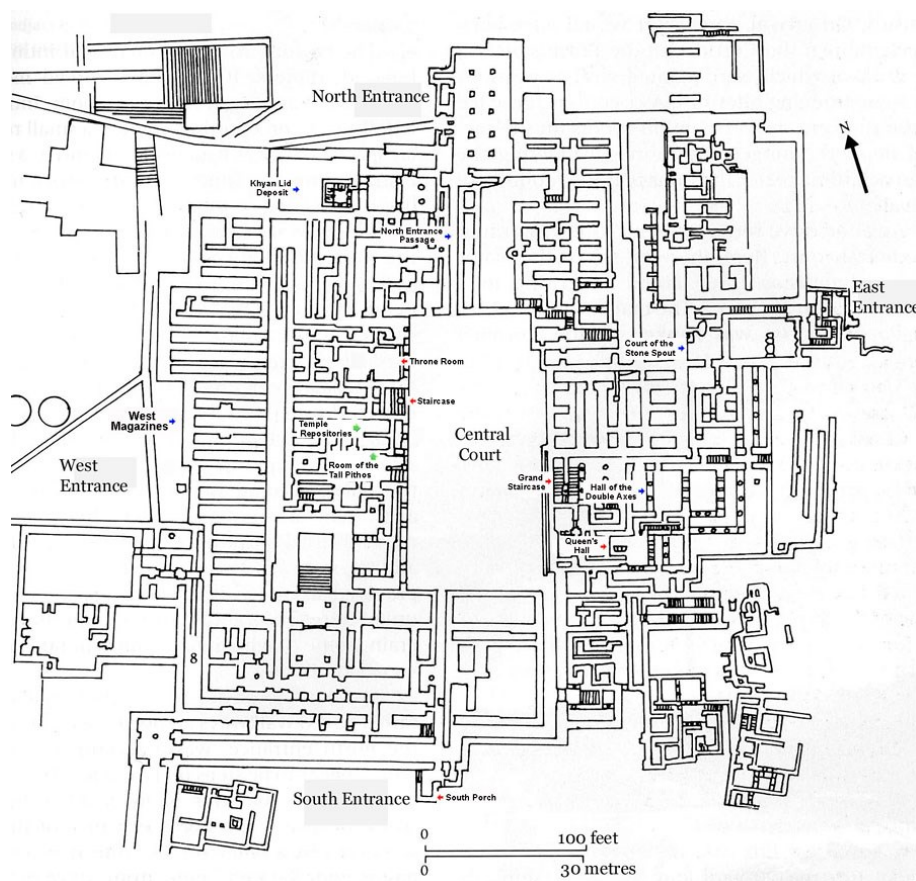


Figura 20 - Plano do palácio de Cosso (Web 20, 2016)

### 5.1.3 Caracterização da Pólis

Apesar de uma topografia bastante irregular e encostas abruptas, com o seu padrão defensivo natural, a Grécia e a costa da Jónia, ainda possuíam terras férteis, ainda que limitadas, em áreas que se caracterizavam por vales, planícies e planaltos remotos. Tal condição ainda permitia a criação de pequenos assentamentos declarados Estados independentes, em suma, compostos por um núcleo urbano rodeado de áreas agrícolas, desde campos a aldeias ou vilarejos, submissos a esta cidade-estado independente. Se bem que estas cidades-estado fossem independentes e autónomas e entrassem de forma

inconsistente em batalhas entre si, sentiam um enorme orgulho com grande sentimento de nação e acima de tudo de serem gregos, e juntavam forças para combater inimigos comuns e invasoras, contra povos invasores como os persas

O núcleo urbano da Pólis grega apresentava limites fundamentalmente bem definidos, com uma aparente forma urbana compacta, palco de uma vida social integrada. Contudo, achar que a cultura grega estava completamente conectada é uma falácia. Efetivamente, pode-se afirmar que a cidade e o país tinham uma conexão intrínseca, mas existiam áreas na Grécia que eram remotas e onde as populações não compartilhavam do mesmo tipo de cultura. Mesmo sendo habitante da cidade em si, o cidadão desenvolveu uma consciência do ambiente formado na sua periferia, como o campo a montanha e o mar, assim como a vida rural e os seus habitantes obtiveram consciência dos costumes urbanos, o que gerou uma atitude saudável entre as duas comunidades distintivamente “separadas”. Até porque a vida nas Cidade-Estado dependia e baseava-se em grande parte na agricultura (Mumford, 2004; Hall, 1999).

Conhecendo-se a morfologia natural do território, acidentado, que por si é uma desvantagem em questões de assentamento, o clima veio beneficiar bastante a base de vida diária da Grécia antiga, com um clima mediterrânico, suave e estável ao longo do ano: o Verão longo, é típico da região, maioritariamente temperado e ensolarado e bastante quente, à exceção das planícies do interior onde a atmosfera é seca, pelo que o calor que se faz sentir nunca se torna demasiado abrasador nem insuportável, atenuado de dia pelas brisas que vêm da costa marítima; já o Inverno é o oposto, sendo mais rigoroso e frio nas montanhas, com bastante precipitação, mas relativamente curto. O clima torna aprazível a vida social e comunitária ao ar livre em grande parte do tempo. Este acaso vai encorajar o desenvolvimento da sociedade grega, até esta chegar ao conceito pioneiro da democracia grega. De todas as cidade-estado gregas, em apenas três habitavam cerca de mais de 20.000 habitantes sendo elas Atenas, atual capital e antiga Cidade-Estado que ocupa a planície Ática, Siracusa e Acragante. Muitas outras cidade-estado, por si só famosas devido a outros fatores, como Delfos, Esparta, Tessalónica ou Corinto, nunca chegaram a ultrapassar os 5000 habitantes (idem).

Durante esta época, a Grécia enquanto nação formada por nações independentes funcionou como uma forma de autogoverno. Esta possibilitava a cada líder de cada Cidade-Estado a possibilidade de se reunirem uns com os outros, ao ar livre, num ambiente de pura harmonia e discussão de opiniões e ideias, se bem com alguma tensão por vezes, para discutirem o futuro desta nação de aglomerados autónomos. Com o evoluir da Grécia, a tecnologia evolutiva permitiu que técnicas construtivas mais avançadas fossem desenvolvidas, como a construção de edifícios e espaços capazes de

albergar os diferentes órgãos da cidade, como a assembleia representativa, espaço que permitiria reunir os homens sob um único espaço comum. Este local democrático ser chamado de Bouleuterion. No entanto, o processo evolutivo tinha lugar num ambiente cultural, onde inicialmente as grandes apresentações e representações teatrais se faziam no exterior, junto a auditórios naturais, passando estas a serem apresentadas num teatro construído, com uma entidade arquitetónica e paisagística majestosamente erguida em locais onde a topografia favorecia a sua construção (Beato, 1996; Mumford, 2004; Morris, 1979; Lamas, 2010).

Os gregos possuíam assim a capacidade de aproveitar as suas criações, o seu tempo livre e os seus privilégios cívicos, unicamente negados aos estrangeiros, mulheres e escravos, onde, no auge da democracia ateniense, possuíam uma ligação com a terra, com a natureza do seu território.



*Figura 21 - Reconstituição da Polis grega Atenas durante o período romano (Web 21, mai. 2022)*

#### **5.1.4 Arte da construção grega**

O momento revolucionário para um novo processo arquitetural e urbano grego deveu-se a um material: o mármore. Esta era a matéria-prima de eleição das cidades gregas, provando ser um material durável, facilmente trabalhado ao mais ínfimo detalhe, permitindo assim atingir um patamar altíssimo no aperfeiçoamento da arte e cultura arquitetónica grega. A arte era sinónimo de cultura, e a cultura grega respirava das formas de arte aperfeiçoadas, testemunhada nas suas obras-primas como as esculturas que vibravam e idolatravam o divino e eventualmente o Homem, como os seus imponentes edifícios cívicos, puros objetos de arte. A nova mentalidade levou a este aperfeiçoamento, e ao surgir de novos métodos de construção, e posteriormente de construção de cidades, onde impera o cuidado na sua organização (idem).

Mas esta herança deixada pelos helénicos, apesar da sua contribuição para outras culturas, representa perfeitamente o sistema de valores gregos, que privilegiava o espaço cívico, o espaço público, o espaço de uso diário, onde a vida do cidadão grego decorria, não investindo no conforto doméstico, porque ao contrário dos edifícios cívicos, as habitações serviam quase que apenas para pernoitar, não passando de edifícios rudimentares, sendo marcante o contraste entre as áreas cívicas de grande esplendor com as habitações rudimentares (Morris, 1979).

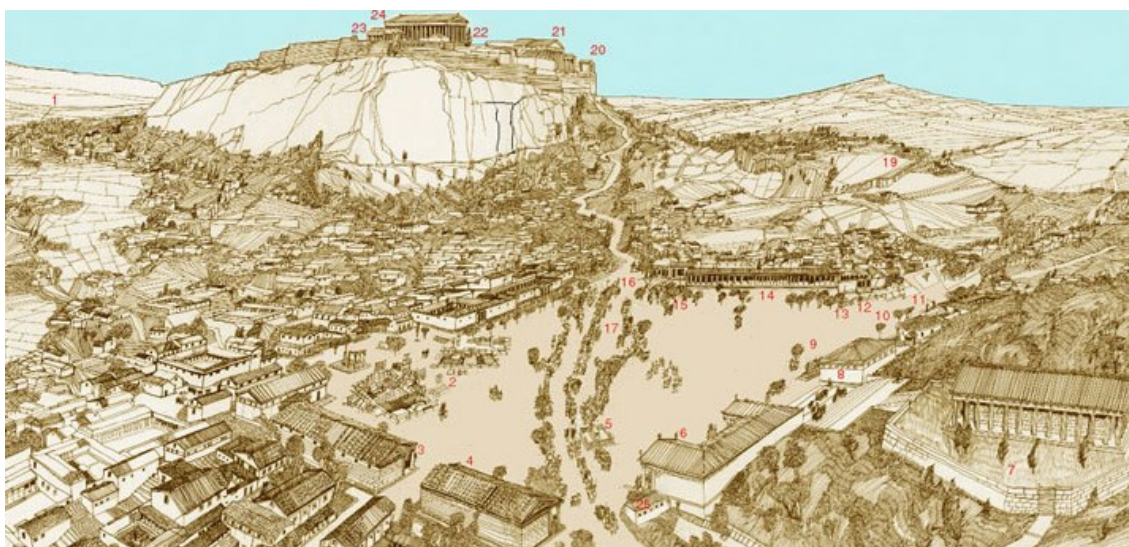
A atividade colonizadora permitiu o crescimento urbano significativo, no qual este processo de expansão, testemunhou uma evolução paralela de dois pontos significativos em questões religiosas e políticas nas cidades gregas. Essa mesma evolução trouxe ao mundo a Acrópole e a Ágora. Como se sabe, a Acrópole era ocupada pelos edifícios cívicos e religiosos das cidades, encontrando-se sempre no ponto mais alto da cidade; quanto à Ágora, esta definia-se pelo espaço cívico e social, tido como centro quotidiano com inúmeros propósitos, sendo o espaço de comércio, mas sobretudo de debate político e de governo da cidade e de onde a democracia surge, como sistema de governo. Estas duas áreas tornaram-se primordiais na vida da cidade, mas principalmente como elementos fundamentais na composição da forma urbana da cidade grega, porque seriam estes que, a partir do século V a.C., permitiriam o desenvolvimento de um método base, sistemático, planeado, para organizar a urbe de forma democrática (Benevolo, 1983; Beato, 1996; Mumford, 2004; Morris, 1979; Lamas, 2010).

## 5.2 Componentes urbanos gregos

### 5.2.1 Ágora

Este espaço, um dos mais importantes da cidade, sabe-se que não teve origem em nenhuma das anteriores três civilizações antigas por se desconhecer tal elemento pelo que é uma invenção urbana totalmente grega. A Ágora, representa um espaço vago, na malha urbana, de forma propositada, a céu aberto, com alguns elementos construídos, que auxiliam a reunião cívica, o mercado e um espaço politizado, onde quaisquer negócios e questões de interesse civil poderiam ser abordadas. No auge da civilização, 500 a.C., a Ágora, enraizada na cultura democrática grega, tornar-se-ia o elemento mais importante do urbanismo grego. A partir de este espaço político-social atravessa um processo intensivo de aperfeiçoamento, desenvolvendo uma consciência de perceção espacial e fundamentalmente de estética, valores intrínsecos da cultura grega clássica (Mumford, 2004; Morris, 1979).

De forma resumida a Ágora, enquanto espaço público, não se tratava meramente de uma praça, era a imagem cénica diária da vida político-social, o espaço com maior afluência e concentração dos seus cidadãos, que utilizavam os diversos espaços, da cidade com as suas funções especializadas, como alguns templos menores de divindades, ou os espaços edificadas como o Bouleuterion ou a Estoa. Como marco resultante do planeamento da cidade, e símbolo da democracia e assim da igualdade de todos os cidadãos, a praça pública tinha de se encontrar o mais próximo quanto possível do centro da cidade, mas no caso das cidades de crescimento orgânico, como Atenas, a ágora teria de se localizar entre a porta principal da cidade e da entrada da Acrópole (idem).



*Figura 22 - Representação da localização da Ágora na cidade (Atenas) e o seu quotidiano (Web 22, fev. 2011)*

### 5.2.2 Acrópole

Para além da Ágora, pela altura do seu auge, a cidade grega compreendia já vários elementos urbanísticos tidos como básicos na cultura grega clássica, a começar pelo muro da cidade, a passar pelos complexos residenciais e ainda algumas áreas destinadas a fins culturais e de lazer, como o teatro, o ginásio, e ainda, dependendo da cidade, um porto comercial e um bairro industrial. Em importância, depois do centro político e cívico, a acrópole era o espaço mais importante da paisagem urbana grega, enquanto espaço de culto e de alguma atividade cívica

Enquanto espaço urbano é um dos ícones do urbanismo grego, definido primeiramente como um núcleo fortificado que servia como elemento defensivo da cidade, para passar, de forma gradual, a ser um espaço de culto e devoção, assemelhando-se muito com os temenos encontrados na Suméria, verdadeiras fortalezas defensivas que abrigavam edificado religioso, mas de igual forma, não necessariamente alvo de uma organização planeada. O maior exemplo de todas é o caso da Acrópole de Atenas, que se tornou no santuário de devoção religiosa da cidade, onde se encontra o famoso Parthenón (Morris, 1979).

O grego sempre fora um povo liberto e sem necessidade de grandes elementos defensivos, no entanto, a partir do século VI e V a.C., a população sabendo dos riscos cada vez mais iminentes, sente a necessidade de abordar uma mudança nessa questão, procurando proteger os aglomerados no seu todo.

A cidade em si, dona de uma dimensão não muito grande, com a acrópole como núcleo central elevado, não necessitava de ser defensivamente fortificada. Isto deve-se ao facto de a acrópole ser uma fortaleza natural, que albergava os cidadãos atenienses em caso de ataque e tentativa de invasão, esperando que os perpetradores dos ataques se rendessem ou abandonassem o cerco, no pior dos cenários. Na acrópole localiza-se os mais edifícios importantes de Atenas, ficando as habitações na parte baixa da cidade. A sociedade grega no auge, não investe numa fortaleza como outros povos, já que para Aristóteles, a fortificação seria considerada antidemocrática, símbolo de tirania, servindo apenas para a oligarquia e conseqüente queda da democracia. Assim a defesa da cidade ficou-se pela construção de muralhas em torno da cidade, englobando os campos de cultivo que abasteciam de alimento as cidades e respeitando sempre a forma orgânica da cidade e do terreno, sobretudo nas novas cidades planeadas da Ásia Menor, triunfo urbano dos ideais democráticos (Mumford, 2004; Morris, 1979).



*Figura 23 - Reconstituição da Acrópole localizada no ponto mais alto da cidade (Atenas) (Web 23, 2022)*

### **5.2.3 Áreas residenciais**

A questão da habitação e do conforto que esta mesma gerava, tinha um papel secundário na organização urbana, sendo implementadas no resto dos espaços que sobravam após a construção dos espaços coletivos da cidade. A arte e a intelectualidade eram a base do modo de vida grego, nada mais tinha o mesmo impacto que os dois elementos culturais mais importantes como a Ágora e a Acrópole, onde foram depositados, esforços do ponto de vista artístico e arquitetônico, geométrico, matemático, e que resultaram na sua majestade, dimensão, beleza e integração na paisagem (Benevolo, 1983; Beato, 1996; Mumford, 2004; Morris, 1979; Lamas, 2010).

Como consequência desse presumível desinteresse pela habitação, pelo menos na sua concepção estética e de conforto, as condições sanitárias eram praticamente nulas, não por não existir a tecnologia, mas sim por puro desinteresse. Questões higiênicas, como o escoamento de águas, esgotos e a recolha do lixo era praticamente inexistente; isto gerava um enorme contraste entre a magnitude e a magnificência das áreas cívicas e negligência que se testemunhava nos bairros residenciais. As habitações assumiam assim uma forma bastante básica e comum, agrupando-se em torno de um pátio, com acomodações para os escravos e para as mulheres. Este modo de vida, centrado na vida pública, veio trazer toda uma nova senda de edifícios culturais e lúdicos, que ainda hoje são imprescindíveis no modo de vida da civilização ocidental como o teatro, o ginásio e o estádio, este último capaz de albergar competições tão importantes em termos de participantes e de espetadores, como os primeiros jogos olímpicos (Morris, 1979).

## 5.3 Cidades gregas

### 5.3.1 Mileto

Juntamente com Priene, Mileto é uma das manifestações mais relevantes da cidade grega democrática. Com cem anos de diferença na sua construção, e próximas entre si, as duas cidades regem-se pelos mesmos princípios. Mileto enquanto cidade comercial sempre foi bastante ativa e rica, mas instável em questões políticas, sendo que os conflitos internos tornaram a cidade cada vez mais debilitada perante potenciais inimigos, facto que permitiria aos persas a sua destruição em 494 a.C..

Com a população de orgulho recuperado, começa a reconstrução de Mileto: inicialmente, esta desenvolver-se-ia seguindo a narrativa orgânica original da cidade, um pouco à imagem que se verificará, na reconstrução de Londres após o grande incêndio de 1666 – número bastante curioso dado a história britânica com a igreja católica –, mas logo um plano urbanístico foi adotado. Plano que acabaria por se tornar a base do próprio urbanismo grego planeado. O plano não previa uma expansão até porque a ideia passava apenas por reconstruir o original destruído, mas de forma fortuita, foi o que se testemunhou. A expansão de Mileto não trouxe consequências inesperadas não sendo fundamental a demolição de habitações para dar lugar à Ágora, que foi substancialmente alargada permitindo a sua e a instalação de outros edifícios de apoio.

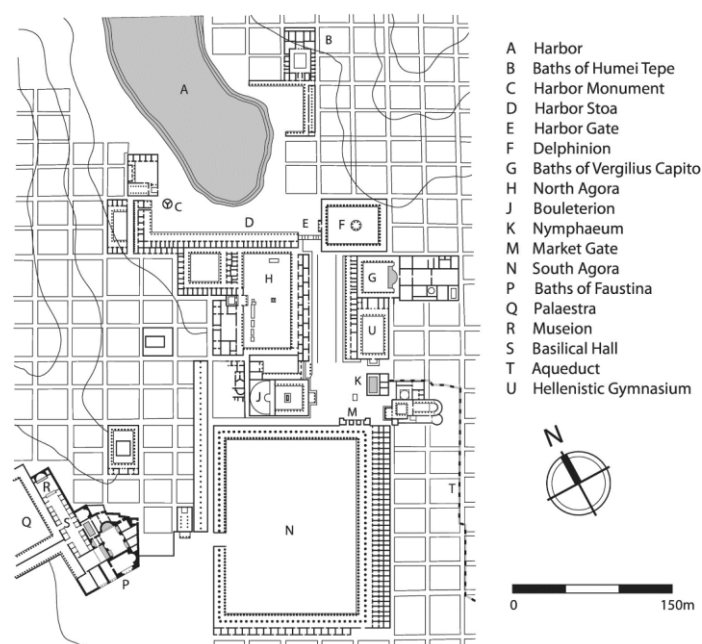
A reconstrução de Mileto, sobre a supervisão do génio de um homem de nome Hipódamo, data de 479 a.C., e define-se como um plano ortogonal; um plano quadricular implementado numa península rochosa na costa acidentada da ásia menor, que resultou de um pensamento que visava a transcrição da organização política para a urbanística, procurando uma estrutura urbana, qualificável e correspondente com a especulação filosófica e matemática grega, conferindo uma nova entidade urbana. Por isso esse pensamento regia-se na base de 3 elementos fundamentais a qualquer plano Hipodâmico, como a funcionalidade, a uniformidade e a racionalidade. Estes foram os 3 pontos cruciais que permitiu explorar a organização e planeamento, levando à reconstrução e construção de novos assentamentos urbanos sobretudo na ásia menor (Benevolo, 1983; Beato, 1996; Mumford, 2004; Morris, 1979; Lamas, 2010).

A organização imposta por Hipódamo em Mileto comporta, como afirmado, um plano ortogonal caracterizado por um rigor geométrico do traçado delimitando zonas urbanas. O núcleo dessa malha destina-se aos edifícios e espaços políticos e sociais mais importantes, como a Ágora, de composição orgânica, rodeada pelas áreas residenciais, separadas em 3 divisões distintas e separadas. O teatro, encontrava-se no núcleo da

cidade, onde existia um porto, que se ligava à Ágora através de uma via paralela a esta. A cidade era estabelecida num espaço intramuros, com um recinto que possuía uma área de cerca de 90 hectares (Morris, 1979).

A área habitacional, através do novo plano, possui uma disposição racional de vias principais com as vias secundárias, mais agradável e de circulação mais facilitada, com uma malha viária regular através de vias paralelas e perpendiculares entre si, gerando quarteirões regulares e simétricos. É notório o contraste das quadrículas, separadas pela Ágora, apresentando a zona localizada na península a sul, uma quadrícula maior em dimensão e de espaços, e as duas zonas mais a norte, uma quadrícula mais pequena, isto por se encontrarem na parte mais estreita da cidade, estando assim adaptada à dimensão da península onde se situa (Benevolo, 1983; Beato, 1996; Mumford, 2004; Morris, 1979; Lamas, 2010).

Assim, ao colocar os edifícios e espaços públicos no centro do aglomerado, simbolicamente, indicava-se que cada um dos seus cidadãos teria acesso aos mesmos, percorrendo as ruas sobre a forma de escadas ou rampas, já que a noção de integração do homem natureza, era uma das premissas da democracia ateniense, juntamente com a noção de Aristóteles de que uma cidade só funcionaria até 10 000 cidadãos, número a partir do qual se deveria fundar uma nova, já que considerava que este seria limite a partir do qual os espaços públicos deixariam de funcionar apropriadamente (Beato, 1996; Mumford, 2004; Morris, 1979).



*Figura 24 - Plano aproximado da organização central da cidade de Mileto (Web 24, ago. 2019)*

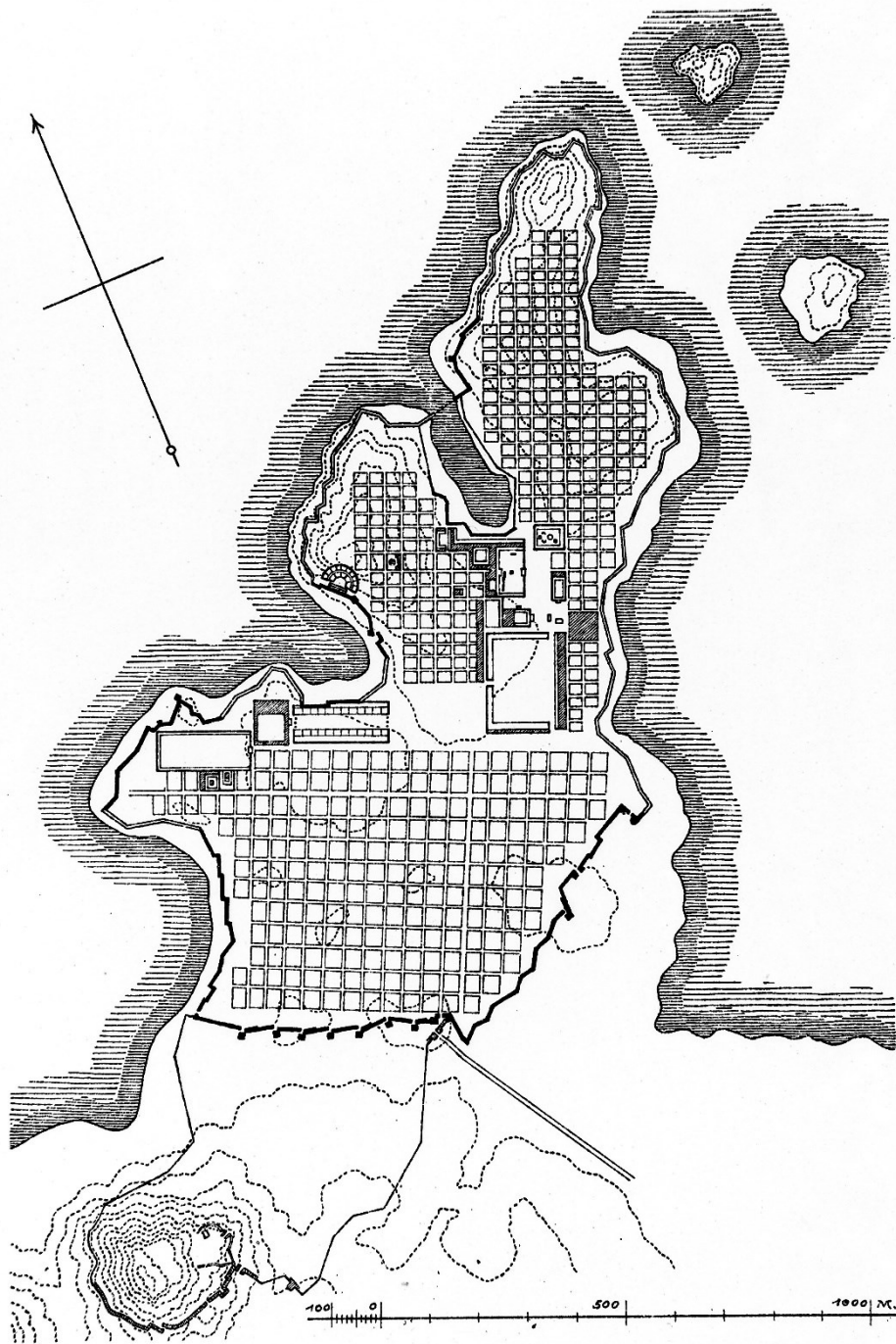


Abb. 6. Milet.

Figura 25 - Planta geral e geográfica de Mileto (Web 25, out. 2014)

### 5.3.2 Atenas

Mesmo que os gregos não tenham sido, os pioneiros no planeamento e organização da cidade, são sem dúvida uma das culturas que mais contribuiu para os avanços da construção. Atenas, a personagem principal de toda uma cultura, enquanto cidade, apresenta no seu auge, construções de grande beleza e complexidade, assim como algumas áreas planeadas de raiz, sobretudo a do seu porto comercial, o Pireu (Beato, 1996; Mumford, 2004; Morris, 1979).



*Figura 26 - Reconstituição de Atenas pré-período romano e a sua morfologia (Web 26, mar. 2017)*

O século V a.C., traz muitas mudanças no panorama grego geral, associando-se a um período de grande contribuição para a cultura europeia e Mundial tornando-se o centro cultural europeu, reforçado pelo fato de, entre 499 e 479 a.C., os gregos sob a liderança de Atenas, terem obtido uma vitória sobre o imponente exército persa, o que não impediu que muitos aglomerados tivessem sido total, ou parcialmente destruídos sendo necessária a sua reconstrução, como o caso, já mencionado de Mileto. Enquanto esta cidade optou por ser reconstruída na sua totalidade segundo um plano geométrico, Atenas preferiu restaurar a sua forma original, com uma expansão maioritariamente orgânica, com exceção do seu porto. Mas esta ocasião bélica veio provar ser uma momento chave para a afirmação de Atenas e inspirou os Atenienses a começar uma guerra pela hegemonia do Mediterrâneo, contra Esparta; portanto, este período turbulento de sucessivos conflitos armados teve como consequência a afirmação do modo de pensar ateniense na área da política, ciências, artes e arquitetura, entre outras,

estas últimas visíveis sobretudo, no conjunto edificado na Acrópole. E, se bem que este período não durou muito, fruto das guerras posteriormente travadas com outras cidades, nomeadamente Esparta e Tebas, e com os macedónicos, em 338 a.C., sendo por estes tomada, às mãos de Alexandre o Grande, a sua cultura influencia ainda hoje, a civilização ocidental (Morris, 1979)

#### **5.4 Morfologia ateniense**

A sua localização sempre foi um ponto de grande interesse natural e social, desde há quase 5000 anos, tratando-se como referido, de uma área geográfica bastante acidentada, com várias colinas e com forte presença de nascentes de água doce; esta morfologia de volumes em altura ofereceu condições para fazer da cidade uma fortaleza natural. Esta condição permitiu que, no topo de uma das encostas rochosas, a cerca de 90 metros, se estabelecesse o primeiro assentamento neolítico da cidade. Seria neste planalto, de forma irregular, que seria o local onde se viria a construir a Acrópole já mencionada. A partir do século 8 a.C., Atenas começou a sua expansão, tanto em autoridade como em extensão territorial, com o desenvolvimento de novos bairros residenciais, de forma orgânica, na planície, na parte baixa que circundava as encostas do monte da Acrópole, que aos poucos e poucos foi assumindo a sua função religiosa (Mumford, 2004; Morris, 1979).

A associar-se com o desenvolvimento das áreas habitacionais e religiosas, é imperativo a necessidade do local identificado como o centro da cidade, o centro com propósito social, de convívio e de debate, surgindo a praça grega: a Ágora. Atenas não se tratava de uma cidade costeira, mas cada vez com uma maior vontade expansionista necessitava de um porto próprio, que servisse e estivesse ligado à cidade, com finalidade de concretizar as suas expectativas políticas. O Pireu foi o local escolhido para esse empreendimento conector, o qual só estaria concretizada sob a liderança de Péricles cerca de 40 anos depois. Contudo este empreendimento foi extensivo, unindo a cidade ao mar, numa extensão de cerca de 14 km, com o desenvolvimento da zona portuária a fazer-se segundo os ditames do planeamento grego da época (Mumford, 2004; Morris, 1979).

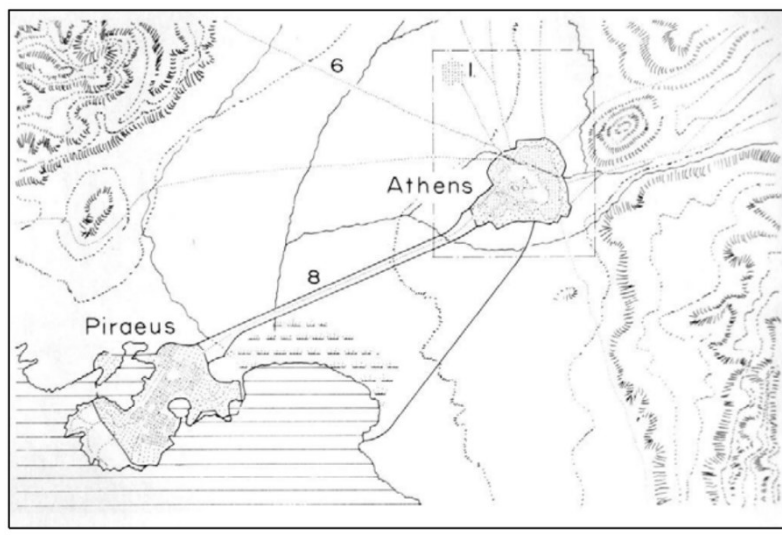


Figura 27 - Relação e ligação de Atenas ao Pireu (Web 27, 2022)

### 5.4.1 Ágora de Atenas

A imagem cénica, do alto do monte, era dominada pela Acrópole, porém, como já referido, o espaço social e de convívio pertencia à Ágora, caracterizada como a praça, fundamental na constituição da malha urbana grega clássica e representativa da vida quotidiana ateniense. Assim como o resto dos principais polos de Atenas, a Ágora junto com os seus primeiros edifícios, foi destruída após as invasões persas, pelo que este espaço fez, obrigatoriamente, parte da reconstrução da cidade. Todavia, a Ágora, foi alvo de uma reconstrução mais lenta, e os seus edifícios foram reerguidos exatamente no mesmo sítio onde se encontravam antes destes serem destruídos (Mumford, 2004; Morris, 1979).

A Ágora clássica ateniense, como espaço fundamental do quotidiano ateniense e de manifestação pública, este espaço social, possuía dos mais diversos edifícios com as mais diversas definições; por exemplo, para além de espaço de mercado ou de cariz político, encontravam-se edifícios de culto e de homenagens a divindades. Estes edifícios estavam integrados no lado oeste da Ágora, onde se encontra o *Tholos*; o antigo *Bouleuterion*; juntamente a estes edifícios existia também o *Metroon*, construído mais tarde, e que pela sua implementação, é identificado como o antigo *Bouleuterion*, espaço que, inicialmente, serviu de arquivo da Polis. Continuando mais a oeste, no topo da colina de *Agoreo*, de frente para a grande esplanada da Ágora, está instalado o *Heféstion*, templo de ordem dórica, que data do final do século V. O espaço da Ágora, a partir do segundo século, quando a praça foi regularizada em fora, estava delimitado por *Estoas*, corredores de colunatas. A praça era usada igualmente para demonstrações culturais como peças teatrais, mas não possuía nenhum espaço físico para tais manifestações,

surgindo espaços para estes fins, sobretudo a partir do século I a.C., como o Teatro Dionísio, a céu aberto construído perto da Acrópole e um grande auditório, este último, erguido na parte centro-sul da Ágora, já o Odeão foi o primeiro edifício artístico e cultural, coberto, a ser construído (idem).

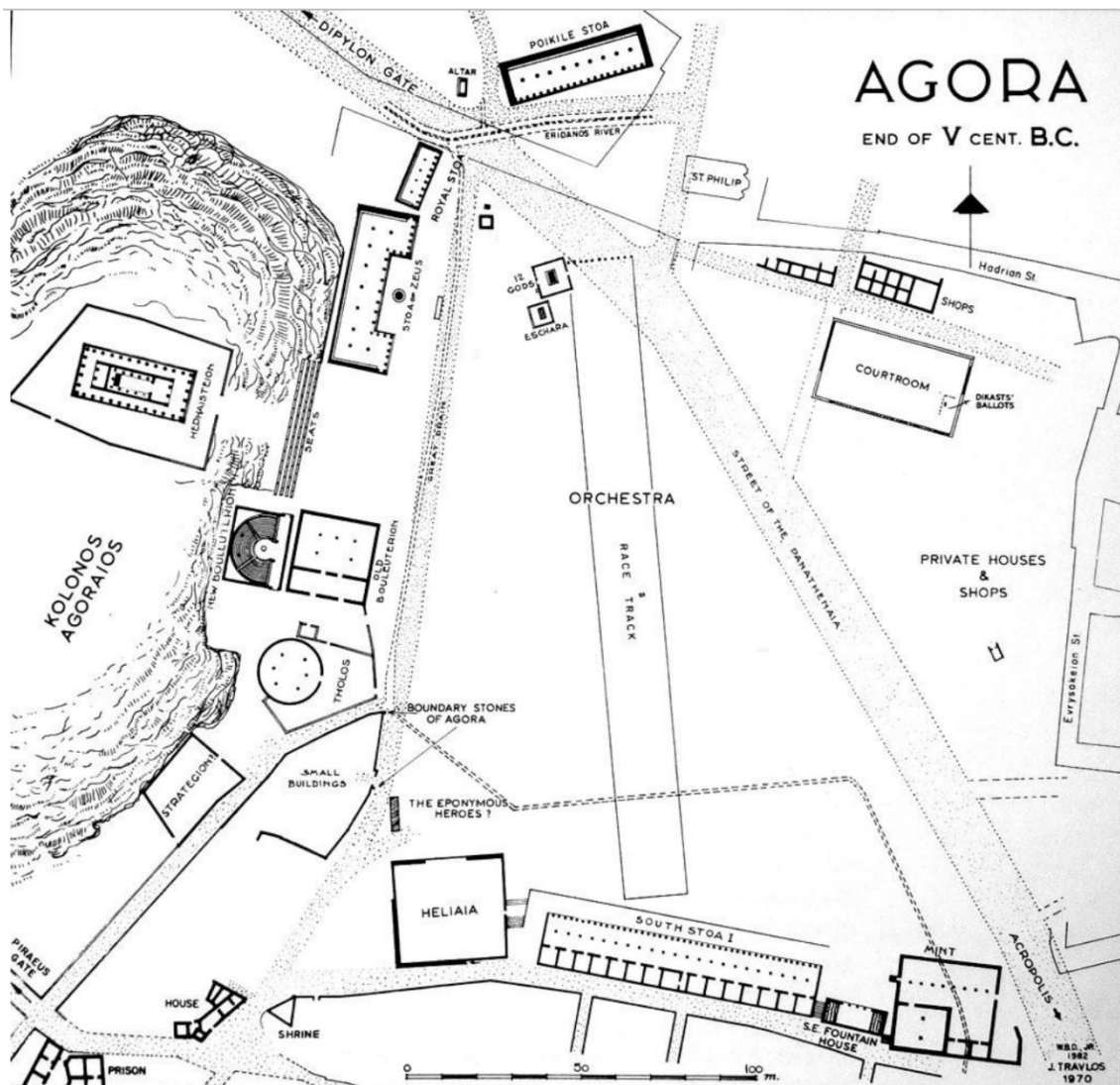


Figura 28 - Plano da Ágora de Atenas (Web 28, 2022)

### 5.4.2 Acrópole de Atenas

A Acrópole de Atenas, enquanto espaço natural, tinha inicialmente, a intenção de servir como elemento defensivo da cidade, tornando-se no ex-libris da paisagem cénica de Atenas. É preciso entender que a invasão persa, foi no final, uma parte importante para a reconstrução e acima de tudo, reinvenção grega, e a Acrópole, enquanto local religioso era fulcral no dia a dia do cidadão ateniense, portanto, após a destruição, este local de culto foi reconstruído com o erguer de 4 construções importantes e construídas de acordo com as novas capacidades artísticas e tecnológicas: o *Partenón*, o *Erecteion*, o Propileu e ainda a estátua da Deusa Atena. Quanto à sua organização, a implementação destes 4 elementos arquitetónicos, segue uma estrutura regular, intencional, com o *Partenón*, na parte mais alta, realçando a sua importância e a sua proximidade aos céus ao divino; o *Erecteion*, por sua vez, foi construído paralelamente ao *Partenón* na parte norte do monte. Estes dois elementos, junto com o Propileu a oeste, definiam dentro de um triângulo invisível, o espaço central da Acrópole, que permitiu a construção de uma majestosa estátua de bronze dedicada a *Atena Promacos*; esta estátua, dominava a imagem da Acrópole, e da cidade, podendo ser vista a partir das suas zonas planas. Por último, o templo de *Atena Niké*, isolado, fora da muralha, do lado direito do *Propileu* (Mumford, 2004; Morris, 1979).



Figura 29 - Estado atual da Acrópole e a sua relação com a cidade de Atenas (Web 29, set. 2022)

A reconstrução da Acrópole com novos templos e uma nova forma de organização, manifestou fisicamente, o novo pensamento lógico da interconexão do espaço com os edifícios, e dos edifícios entre si. Este momento demonstra umas das poucas vezes em que se procurou uma relação planeada em Atenas (idem).

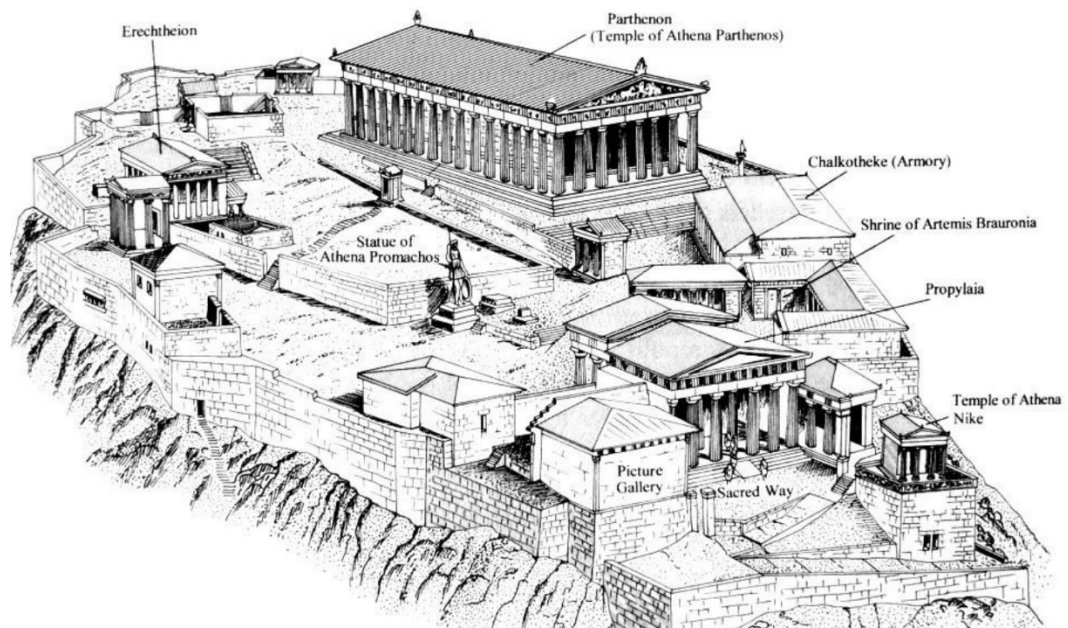


Figura 30 - Ilustração da Acrópole e sua organização (Web 30, 2022)

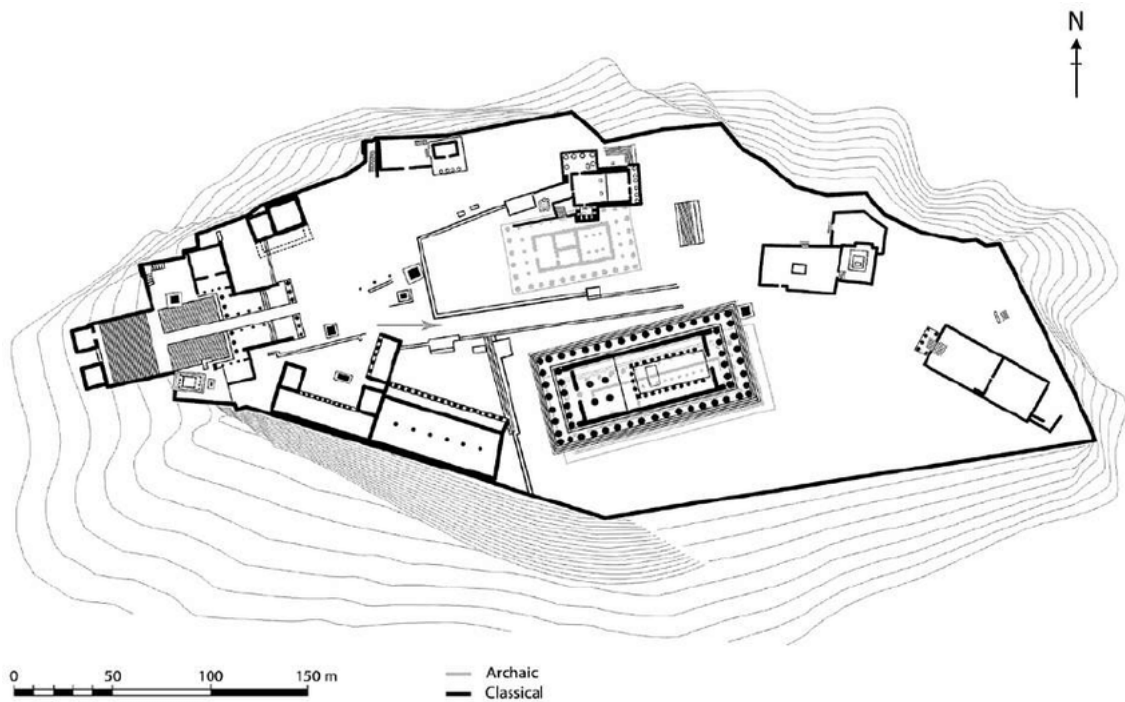


Figura 31 - Plano geral do velho e novo edificado da Acrópole de Atenas (Web 31, abr. 2011)

## 5.5 Conclusões do urbanismo grego

O planeamento urbano grego é, sem dúvida, reconhecido pela sua regularidade e pelas relações formais que os edifícios estabelecem entre si, mas a realidade é que o planeamento sistemático das cidades gregas não provém de regras “académicas”; a sua forma urbana resulta primordialmente da necessidade através da aplicação de métodos de planeamento básicos, simples, ao local, e pela indubitável lei de que o urbanismo é fruto da arte da prática. O espaço urbano, das cidade-estado gregas, era o resultado do empirismo: o seu espaço urbano era o resultado da implementação de vários edifícios, aglomerados em torno de um espaço comum., sempre que possível, a Ágora. Apesar de não ser uma noção aplicada pelos gregos, a sua evolução urbana, de certo modo “ingénua, revelou uma problemática estética surpreendente e bem conseguida”, sendo Aristóteles, à época, o filósofo pioneiro ao abordar a questão da estética, e do limite da população (Morris, 1979).

A estética enquanto noção secundária, foi implementada, embora com sucesso, de forma não intencional, pelos arquitetos e artistas gregos que procuram a magnificência do edificado com o uso de diferentes volumes. A partir do século V a.C., a prioridade fixou-se nos grandes espaços com edifícios de importância à vida quotidiana, na ágora, deixando para segundo plano o arranjo dos templos, monumentos e as estátuas, numa tradução física da importância do cidadão no governo da cidade, para a democracia de então (Morris, 1979).

## 5.6 Roma

### 5.6.1 Império romano

Roma, e todo o seu imenso império, foi sem dúvida um dos maiores marcos conhecidos da vida urbana que a história mundial viu nascer e florescer por 3 continentes em que as palavras atribuídas Júlio César: “*Veni, Vidi, Vici*” (Vim, Vi, Venci), mostram o espírito que imperou durante grande parte da sua existência.

Este vasto império, que toma o nome da cidade que o originou, viu esta ser fundada por volta 753 a.C., a partir de um pequeno povoado nas margens do Tibre, envolto em colinas. Na sua história, é possível encontrar três grandes fases em termos de organização e desenvolvimento: monarquia, de 753 a 510 a.C.; república de 509 a 27 a.C.; e Roma imperial, de 27 a.C. a 330 d.C., escolhendo-se esta última data, que, não sendo a do fim do império Romano do Ocidente, corresponde ao término do protagonismo da cidade de Roma enquanto sua capital, já que foi neste ano que passou Constantinopla, atual Istambul, a desempenhar esse papel (Benevolo, 1983; Beato, 1996; Hall, 1999; Mumford, 2004; Morris, 1979).



Figura 32 - Extensão do Império Romano por volta de 117 D.C. (Web 32, 2022)

A cidade de Roma existiria já há praticamente um milénio quando decidiu adotar uma política expansionista, após ter aproveitado para manter e consolidar o seu território na Península Itálica e nas ilhas na sua proximidade. No entanto, essa atitude conquistadora, assim como anteriormente a dos gregos surgiu, com o resultado de uma

guerra. Neste caso trata-se das guerras Púnicas, que opuseram os romanos contra os cartagineses, já que estes dominavam e controlavam na época, o comércio mediterrâneo, através do grande porto de Cartago, e que resultaram na vitória dos itálicos. A conquista do Mediterrâneo, e desta parte do norte de África, na atual Tunísia, foi o ponto de partida para uma expansão feita à custa de vitórias militares e da aculturação da maior parte dos povos conquistados (Beato, 1996; Hall, 1999; Mumford, 2004; Morris, 1979).

O Império Romano é por alguns autores tido como menos importante nas áreas artísticas em oposição aos gregos, sendo que Mumford (2004, p. 103):

*"A contribuição especial de Roma para o planeamento foi principalmente uma questão de engenharia robusta e exibicionismo exacerbado: o gosto do novo-rico, orgulhoso das curiosidades resultantes do seu saqueamento, de suas numerosas estátuas e obeliscos, roubados ou copiados meticulosamente, de suas aquisições imitativas, de suas decorações caras recém encomendadas."*

Porém, para outros como Paul Zucker (in Morris, 1979, p.303), a contribuição artística grega, permitiu que os romanos desenvolvessem métodos e "valores artísticos totalmente novos e originais, enquanto assumiram o vocabulário artístico dos gregos". A verdade é que quer se considere que Roma se tenha limitado a imitar ou a ter novas ideias, é inegável o facto da imensa importância que esta teve na propagação dos conceitos urbanísticos, de higiene, gestão e mobilidade (entre outros), que permitiram desenvolver e moldar a civilização urbana sobretudo a europeia, e que perduram até aos nossos dias (Beato, 1996; Morris, 1979).

Com o passar dos séculos, a extensão do império foi-se cada vez mais alastrando para longe de Roma, atingindo o auge em área com o imperador Trajano em 117 d. C., depois das conquistas da Mesopotâmia e da Assíria, territórios que, de difícil defesa, muito afastados da capital, juntamente com a área que corresponde atualmente à Arménia, foram posteriormente abandonados por Adriano, seu sucessor. O Império, depois de dividido no séc. IV por Constantino, como referido, após vários saques, vai acabar por ver a sua parte ocidental cair sob o jugo de diferentes povos do centro da Europa, entre eles os Vândalos, Alanos e Godos, que acabaram por tomar definitivamente a cidade de Roma, sua capital, no ano de 476 d. C.. O do oriente com a capital em Constantinopla, atual Istambul, vai perdurar até à sua queda em 1453 nas mãos do exército otomano. Para esta queda, muitos fatores são apontados, sendo os mais consensuais, a crise económica, moral, e a corrupção das elites e dos gestores públicos (Gibbon, 2005).

### 5.6.2 Fortificação urbana romana

Roma foi o maior aglomerado, em expansão territorial e demográfica, das cidades antigas, atingindo um milhão de habitantes no seu auge. Contudo, a cidade de Roma, expandiu-se sobretudo, de forma orgânica, não planeada, contrastando com as cidades de crescimento controlado e planeado espalhadas pelo império, a partir de acampamentos romanos, “castras”. Os motivos para o estabelecimento destes acampamentos eram muito diversos, mas os mais comuns eram aqueles que: por motivo de deslocação de avanço no território Romano, e não de defesa, localizavam-se sobretudo junto a linhas navegáveis, nos vales, junto aos recursos hídricos necessários para o dia a dia do exército; por oferta dos terrenos por parte do imperador devido a serviços prestados, como o caso de Aosta (Turim), fundada em 25 a.C., pela Guarda Pretoriana de Augusto, que o defendeu de uma tentativa de assassinato; ou como forma de consolidar e povoar territórios, como o caso de Timgad, na Argélia, fundada em 100 d.C., pela terceira legião de Trajano, a qual foi recompensada com esses terrenos após a sua saída do ativo do exército. Por diferentes motivos, muitos deixaram de ser temporários, passando paulatinamente a crescerem e a transformarem-se em núcleos urbanos importantes de acordo com as regras impostas na conceção desses acampamentos (Beato, 1996; Hall, 1999; Mumford, 2004; Morris, 1979).

É em África, concretamente na Argélia, onde se localiza a última cidade mencionada, Timgad, em muitíssimo bom estado de conservação, já que, esteve coberta pelas areias do deserto do Saara durante centenas de anos. A sua construção segue o *modus operandi* romano de planeamento, com uma planta ortogonal, desenhada a partir de dois eixos principais, “Cardo”, Norte-Sul e “Decumanos”, Este-Oeste que se cruzam entre si, podendo este cruzamento estar centrado ou não, face ao resto da planta.

A estrutura de blocos habitacionais é regular, de forma quadrangular e/ou retangular, formados por ruas secundárias desenhadas a partir das duas principais mencionadas; a estrutura viária é transversal e perpendicular aos dois eixos principais sendo que no seu cruzamento se localizavam os edifícios mais importantes nomeadamente o Fórum (equivalente romano da Ágora), da cidade, rodeado de colunatas, com os seus templos e demais edifícios de comércio, cultura, lazer e religião. Cada extremidade destas vias principais desembocava nas entradas e saídas da cidade. Usualmente, tal como acontece nesta cidade, apenas o anfiteatro, por razões de aproveitamento máximo da topografia, se localizava fora do centro da cidade.

A civilização Romana é sobretudo urbana, sendo que cada província e território conquistado possuía várias cidades, que, mesmo podendo ser de crescimento orgânico, a partir de povoações conquistadas aos povos que nelas habitavam, replicavam, a uma

escala adequada ao tamanho da sua população, as amenidades, os edifícios e espaços que Roma e as cidades planeadas de raiz possuíam. De referir que à semelhança de outras civilizações, os Romanos quando venciam algum povo, se este se rendia, normalmente aculturavam-no, mas se resistia e perdia, era transformado em mão-de-obra escrava, tão necessária à construção e manutenção dos edifícios e estruturas romanas, sobretudo na sua capital.

Collinwood, (1970), define o conceito de romanização e urbanização como sinónimos, já que permitia uma partilha de cultura e valores sociais e económicos, através da coexistência dos romanos com os nativos, possibilitando uma evolução destes últimos. Estas tribos viviam da condição de *municipium* ou de *civitas*, conforme o seu estatuto de atividade económica, usufruindo de todas as regalias e do direito a serem distinguidos, em parte, como cidadãos romanos (Morris, 1979; Mumford, 2004). Mumford afirma que:

*“Do ponto de vista político e urbano, Roma continua a ser um exemplo a evitar: sua história apresenta toda uma série de sinais clássicos de advertência a prever e avisar quando a vida der errado. Onde as multidões convergem em números sufocantes, onde os aluguéis de moradias disparam e as condições de vida se deterioram, onde a exploração unilateral de territórios distantes remove as pressões para alcançar o equilíbrio e a harmonia no que se deve ter. Ao alcance, sempre que esses fenómenos ocorrem, os precedentes da construção romana reaparecem quase automaticamente, como é o caso hoje: o circo, o arranha-céu residencial, a superlotação de competições e exibições, jogos de futebol, concursos internacionais de beleza, a omnipresença do nu realçada pela publicidade, a constante excitação dos sentidos através do sexo, álcool e violência, todos correspondem ao mais puro estilo romano.” (p.105).*

Contudo, como já mencionado, o urbanismo romano, para muitos autores, continua a ser algo extremamente importante e que marca a paisagem sobretudo da Europa, onde muitas das principais cidades europeias, como Paris, a Lutécia Romana, ou Londínio, a Londres de então, foram fundadas a partir de acampamentos Romanos (Collinwood, 1970; Beato, 1996; Hall, 1999; Morris, 1979).

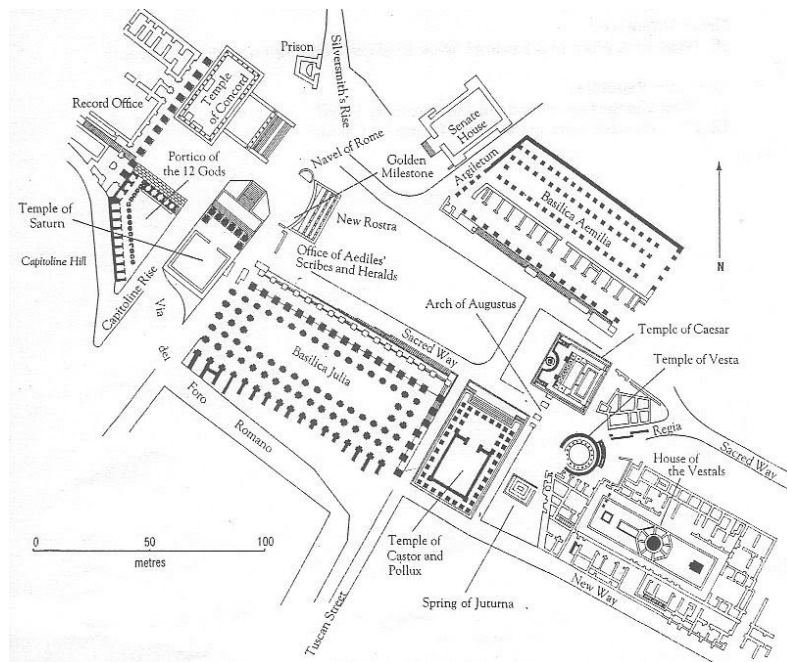


Figura 33 - Plano do fórum romano (Web 33, out. 2017)

### 5.6.3 Componentes da forma urbana romana

Para além de todos os elementos que foram surgindo ao longo dos séculos, as ligações por terra eram seguras e feitas a partir de um sistema viário, que no auge, possui mais de 80000 km de estradas pavimentadas. Estas vieram complementar um sistema viário primário já existente, e definiam-se em 3 níveis: a *itínera*, o *actus* e a *viae*. A *itínera* era uma via de uso unicamente pedonal; o *actus* era usado unicamente pela circulação rodada, permitindo a passagem de um carro de cada vez, e por fim, a *viae* era a via larga, que permitia a passagem de dois carros em simultâneo. Quanto às habitações, as cidades romanas eram servidas por dois tipos: a *Domus* e a *Insulae*. A *Domus* é a habitação de nível superior, para famílias privilegiadas, enquanto a *insulae* se refere aos blocos de apartamentos, sobrepostos, pertencentes às famílias mais humildes. À medida que a população aumentava, as *insulae* também o faziam, acrescentando-se piso atrás de piso, chegando a atingir os oito pisos. Quanto ao comércio, este era feito na sua maioria, nos pisos térreos das *insulae*, através de lojistas moradores daquele tipo de habitação, com uma maior participação junto aos fóruns (Morris, 1979).

Quanto a Roma em si, o centro, e mesmo não tendo sido uma cidade planeada no sentido da palavra, desenvolvia-se continuamente de forma controlada e de forma orgânica, implementando soluções à medida que as necessidades surgissem, até o majestoso Coliseu interromper este processo. O fórum foi construído de forma planeada,

num eixo principal angulado entre o Capitólio e o Quirinal, direção norte. O fórum, durante o período monárquico estabeleceu-se com uma forma de paralelogramo regular, e nos seus inícios este espaço era usado para várias funções, entre elas as de atividade comercial, pública e de manifestações políticas. O cidadão romano vivia e desfrutava muito da vida de forma boémia, com muito entretenimento, festividades, pelo que, por Roma foram construídos, além de vários fóruns, vários centros recreativos teatros, casas de banho públicas, termas, sendo a mais famosas as de *Caracalla*, bibliotecas, museus, lojas e salas de descanso (Collinwood, 1970; Beato, 1996; Hall, 1999; Morris, 1979).

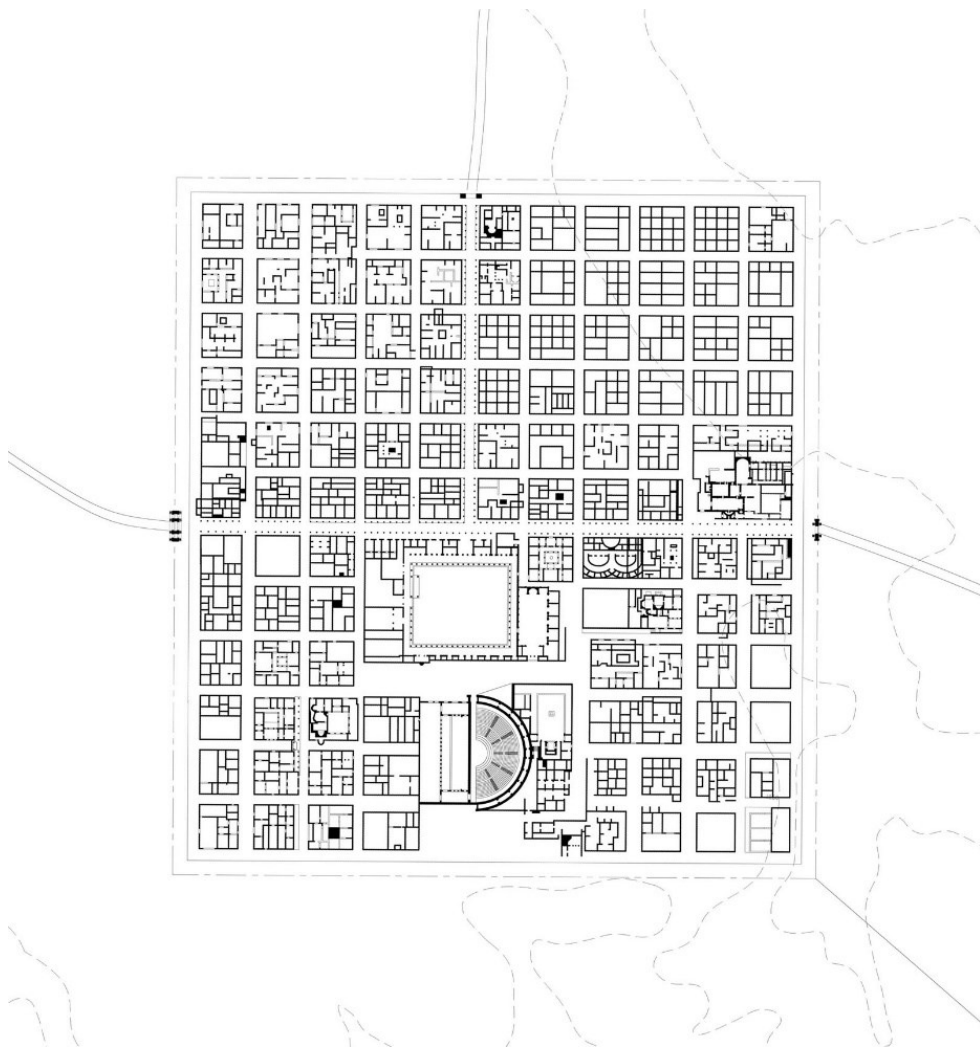
### **5.7 Timgad**

Como já abordado em páginas anteriores, Timgad, é provavelmente o modelo exemplo de uma cidade romana, e com a particularidade de se encontrar fora do continente europeu, já que se encontra em África, no norte da Argélia. Esta cidade é o exemplo de cidade romana fundada, neste caso, pelo o imperador Trajano, em 100 d.C., a partir de um acampamento militar.

Nos vestígios existentes, é possível verificar a sua planta regular ortogonal equilátera, com 350 metros nos seus 4 lados, bem como partes da sua muralha, bem como distinguir os dois grandes eixos que a atravessam e se cruzam na área principal. o *Cardo* e o *Decumanos*, características deste tipo de cidade. Posteriormente, a cidade expandiu-se para lá dos muros, com ramificações contínuas às vias principais, com construção controlada, mas com ligeira tendência a seguir uma evolução orgânica. O centro da cidade corresponde ao espaço público, com o fórum no centro e o teatro numa posição mais a sul, descentrada. O sistema viário era constituído por 11 vias em cada sentido, nos quais os seus cruzamentos formavam os blocos residenciais, geometricamente idênticos e simétricos, com 20 metros de cada lado. Das 4 portas de entrada da cidade, apenas 3 foram identificadas, sendo que a porta de Trajano é a que se mantêm em melhor estado de preservação. Outros edifícios de interesse público encontravam-se dispersos, dentro e fora dos muros periféricos, estando um grande espaço de banhos junto a uma das entradas. (Morris, 1979)



*Figura 34 - Ruínas preservadas de Timgad sendo bem visível o nível de organização e planificação (Web 34, nov. 2020)*



*Figura 35 - Plano geral de Timgad (Web 35, jun. 2017)*

## **6. Idade Média**

### **6.1 A cidade Medieval**

Esta época, marca um novo capítulo na história da humanidade; dá-se com a queda do império romano do ocidente, e corresponde a uma época muito conturbada da Europa Ocidental, onde lutas, invasões, doenças e pragas impedem o crescimento e levam ao declínio das infraestruturas romanas, à queda da população e ao abandono de muitas cidades. A retoma irá acontecer a partir do século XII, com a baixa idade média (Le Goff, 1992).

No início da idade média, são poucos os aglomerados que mantêm a sua população. A maior parte é abandonada, apenas vendo este processo revertido com o adiantar na época e com a lenta consolidação dos diferentes reinos que vão aparecer. Devido ao avanço e conquista pelos árabes de grande parte da península ibérica, ao fecho por parte dos piratas árabes da comercialização do mediterrâneo, da perigosidade das suas incursões, raptos e pilhagens dos povos do Norte, nomeadamente, dos vikings, a população decresce e foge para o interior. A maior parte refugia-se junto de um senhor que as protege em troca do trabalho na terra e da participação em lutas pela manutenção das terras e dos seus privilégios, feudalismo. A igreja vai assumir um importante papel, de refugio e consolo das populações face à adversidade quotidiana. Com o crescimento das ordens religiosas e do sistema feudal, alguns povoados vão crescer em torno, ou de conventos e mosteiros, ou de torres de proteção, os chamados Burgos. Durante grande parte deste período, os esforços monetários e de trabalho vão concentrar-se nos refúgios defensivos e espirituais das populações: nas Muralhas, nas Igrejas, sendo todo o espaço intramuros ocupados com habitação, para sua proteção (Le Goff, 1992; Beato, 1996; Hall, 1999; Morris, 1979).

À medida que baixamos na idade média, e se atenuam os problemas de segurança, com a expulsão dos árabes da península, por exemplo, e o fim de guerras entre os principais países da época como a dos 100 anos, que opôs França e Inglaterra em luta pela posse dos territórios da Aquitânia (Bordéus), a população vai aumentando e as cidades vão aparecendo ou crescendo, fruto da retoma comercial, pesa embora os surtos de epidemias que se mantêm durante toda esta época. Assim os núcleos urbanos existentes, ou se devem; a núcleos romanos que pelas suas características, nomeadamente de defesa, se mantiveram e cresceram; ou a partir de aldeias, que por possuírem feiras e mercados, ou por estarem próximas de algum castelo ou mosteiro/convento, ou serem palco de algum torneio; ou foram crescendo, ou por razões

defensivas em torno de alguma torre e/ou castelo. Todas se expandem de forma orgânica, ocupando todos os espaços, como mencionado, intramuros. As exceções são as cidades planeadas que vão surgir fundadas de raiz, e que vão aparecer devido a três motivos: ou são cidades construídas para defesa dos territórios franceses e ingleses durante a guerra dos 100 anos, as Bastides; ou são cidades fundadas a partir da permanência de cruzadas ou são cidades planeadas, para a consolidação e povoamento dos territórios conquistados aos turcos, na Europa central já no fim da idade média.

Como o afirma Henri Pirenne (1989), é no fim da idade média, com o aumento das atividades comerciais, que as cidades europeias voltam a crescer, já que “foi só no século XII que, progredindo gradativamente, se conseguiu transformar definitivamente a Europa Ocidental. O desenvolvimento económico libertou-se da tradicional imobilidade à qual uma organização social o condenou, dependente apenas dos laços do homem com a terra.”

Durante 6 anos em pleno século XIII, a Europa irá assistir à maior pandemia já vista, a Peste Negra, em que se estima que metade da população tenha sido dizimada europeia. Como consequência, pesa embora as deficientes condições higiénicas dos aglomerados, foi para estes que a pouca população do campo que sobreviveu se refugiou, em busca de melhor qualidade de vida (Morris, 1979).



Figura 36 - Sinónimo de Idade Média: londrinos a fugir à Peste Negra, ilustração de 1625 (Web 36, mai. 2020)

## 6.2 Morfologia urbana medieval

Esta época marca uma altura de mudanças no panorama urbano e arquitetónico, isto quando a população medieval se mostrava indiferente aos vários estilos levados a cabo pela Europa fora. Estas, eram na sua grande maioria, estruturalmente similares, independentemente das novas cidades terem uma malha planeada, ou a malha não controlada das cidades de crescimento orgânico, afastando-se por completo da malha quadricular romana. Marca também uma época de construção de muitos mosteiros e castelos, com um elemento comum a todos, a muralha. Este é o primeiro elemento construído associado ao medievalismo - um muro de grandes dimensões, se possível com torres de controlo e portões, ditas, portas da cidade (Pirenne, 1989; Morris 1979).

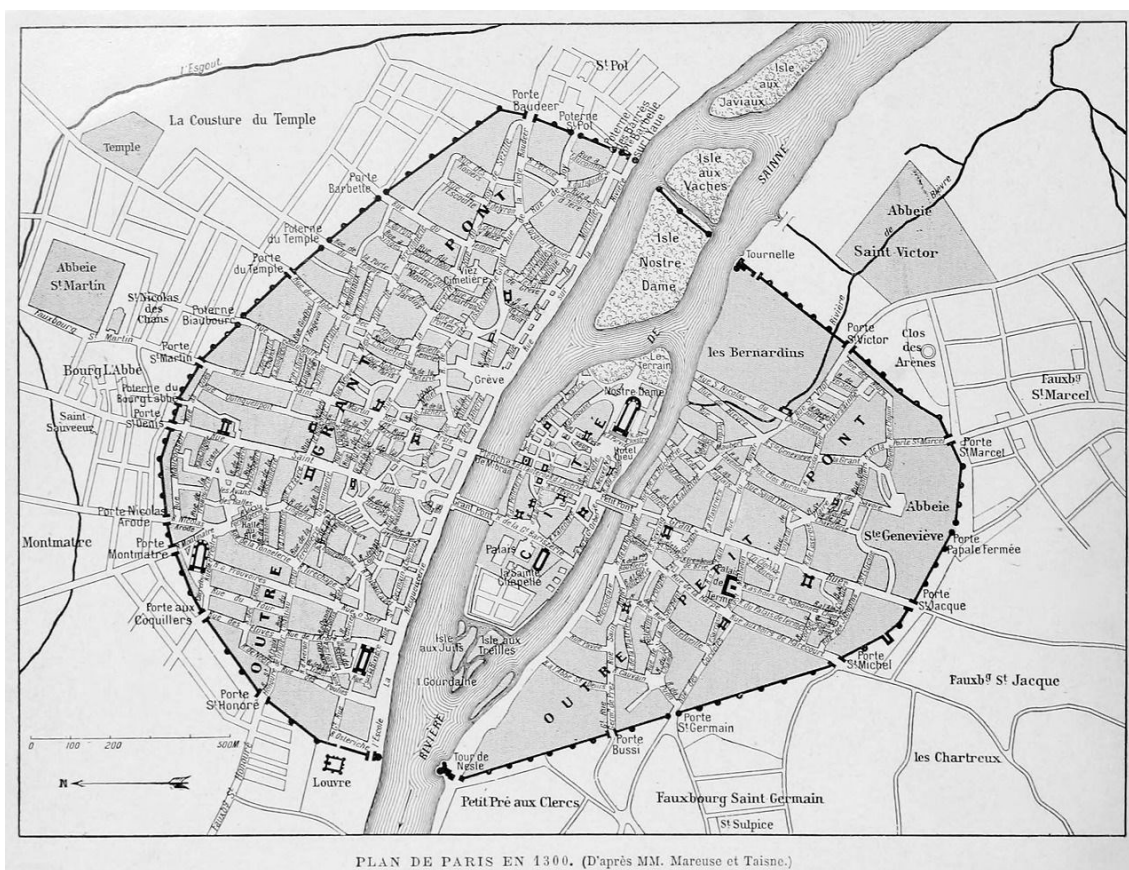


Figura 37 - Plano da cidade de Paris Medieval, cerca de 1300 (Web 37, fev. 2014)

Intramuros, o sistema viário é bastante rudimentar, irregular, tendo a base desenhada pelas ruas e trilhas rurais já existentes de tempos mais remotos. Enquanto época muito chegada à religião, devota e temerária a construção de igrejas é outra das suas características. Estas construções dedicadas ao culto, vieram influenciar outro elemento cotidiano enquanto característica importante da cidade medieval: o mercado

que poderia ser realizado num espaço físico ou mesmo vários, normalmente em redor das igrejas, mas também podia ter lugar em qualquer parte da cidade, em qualquer esquina pública ou privada. Basicamente, a própria cidade medieval no séc. XII, é um mercado, mas a céu aberto. Não havendo uma forma predeterminada, pelo menos nas cidades não planeadas, cabe referir que nas cidades medievais de origem romana, o mercado pode não ocupar forçosamente o lugar do fórum, visto este ter, entretanto sido tomado para novas construções (Pirenne, 1989; Morris, 1979).

O sistema viário, definida pelo crescimento orgânico das cidades antigas, teve grande influência nesta prática comercial, sendo que as vias medievais se caracterizam em ruas tortuosas, estreitas e insalubres e irregulares, que faziam ligação dos portões ao centro da cidade, proporcionando proximidades lineares de comunicação e comércio. Esta expansão orgânica derivava da necessidade resultando da crescente expansão de edifícios de comércio e habitação sobre as vias, e mesmo sobre pontes, como a *Ponte Vecchio* em Florença, ou a *Ponte Notre-Dame* em Paris (já destruída). No caso de cidades mais recentes, as ruas podem já ser mais largas e lineares, como se pode observar em Paris, junto à Notre Dame, nas poucas ruas medievais que prevalecem (Mumford, 2004; Harouel, 2004; Morris, 1979).

### **6.3 Novas urbes medievais planeadas**

Estas são sobretudo compostas pelas cidades de nova planta, na Europa central e pelas Bastides. Esta última é um exemplo maior de uma cidade medieval nova, que predominou em vários países europeus com particular destaque nas ilhas britânicas e na França, e na qual este segmento se vai dedicar. No entanto, por uma questão de caracterização, elas resultam de um plano pré-concebido; ao contrário de que, uma cidade de planta nova, é concebida das mais diversas formas, de forma distintiva de todas as outras cidades com estatuto medieval, onde pode conter no seu interior, apenas uma porção da cidade que chega a ser alvo de planeamento (idem).

### **6.4 Bastides**

Como definido pelo ponto anterior, uma bastide, é uma cidade fortificada com intensão defensiva com um plano pré-determinado, não apresentando um plano semelhante na sua forma, mas sim na sua função, como se pode constatar nas diferenças de uma bastide francesa, inglesa ou galesa. O maior número de bastides fundadas deu-

se a partir do século XIII e XIV, perdurando a fama deste tipo de edificado durante um século (Morris, 1979).

Apesar da forma da bastide diferir nos três países, mencionados, todos eles seguiam os mesmos princípios de planeamento. Primeiro, eram fundadas segundo normas e formas de planeamento pré-concebidas; segundo, o sistema do seu traçado podia ser reticular; e por fim, o elemento territorial, consistindo a sua fundação na doação de terrenos, que providenciavam privilégios agrícolas, económicos e defensivos. A bastide nem sempre era construída em solo virgem, muita das vezes esse terreno era doado, inclusive podia já conter vilas existentes, requalificadas como tal seguindo um esquema planeado (idem).

A bastide, é uma cidade em si, construída pela coroa ou por um senhor com vários domínios, que pretendia proteger os mesmos de hipotéticos ataques, financiando o muro e ficando a construção das habitações a cargo do próprio habitante. A Idade Média baseava-se numa sociedade agrícola, pelo que a bastide, não diferente de uma típica cidade medieval, era constituída na sua larga maioria por uma comunidade agrícola, num terreno doado à população com a construção dos muros financiada pela coroa ou por um senhor. A intenção passava por oferecer privilégios em troca de compromisso para com a coroa, nomeadamente serviço militar e de proteção e consolidação das terras na sua envolvência (Harouel, 2004; Morris, 1979).

#### **6.4.1 Características morfológicas das bastides**

A característica de uma bastide é bastante simples. Por norma, as bastides impõem-se num alto, com topografia plana e planta maioritariamente regular, seguindo uma métrica linear e geométrica. A primeira característica da bastide é a sua muralha que protege o núcleo. Essa muralha poderia ser de forma circular, oval ou retangular, consoante a adaptação ao terreno. O interior é distribuído por sectores, definidos por ruas usualmente lineares, e que levam ao núcleo da cidade, a praça. A praça, muitas vezes de forma retangular, é o ponto de ligação de todas as partes da cidade. Nem sempre convergente, mas num espaço muito próximo à praça está a igreja. O sistema viário é regular, mas, como a cidade se adapta ao terreno, nem sempre apresenta uma malha padronizada. As ruas contavam com construções de ambos os lados, de forma contínua à rua. A cidade não possuía áreas verdes de cariz público (Harouel, 2004; Mumford, 2004; Morris, 1979).



*Figura 38 - Bastide de Monpazier em França (Web 38, mai. 2018)*

## **6.5 Diferenças entre as bastides**

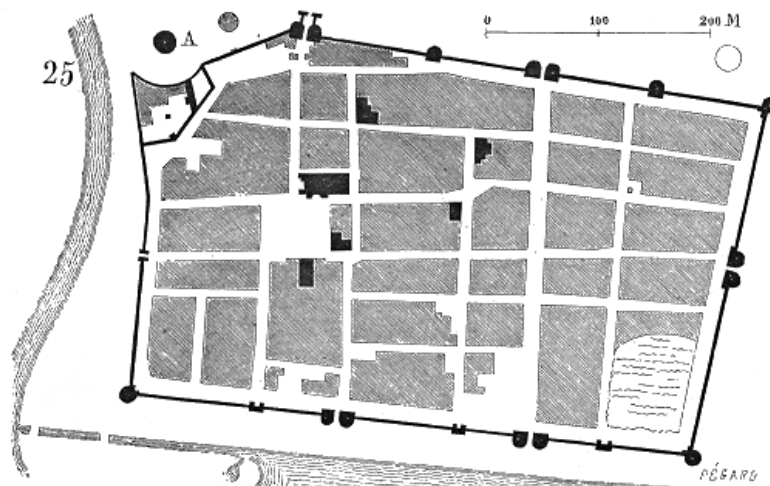
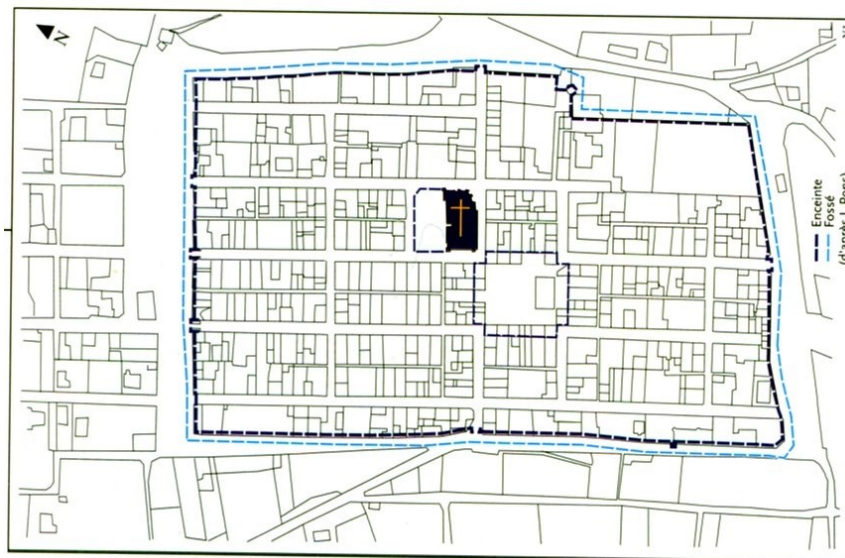
### **6.5.1 Bastides francesas**

França é o país europeu onde mais bastides existem, mais precisamente no Sudoeste do país. Muitas dessas bastides dividem-se quanto ao seu motivo de construção: muitas delas partiram dos próprios senhores locais, outras à mão do Rei de Inglaterra, Eduardo I, já que ele foi Duque da Aquitânia. A bastide francesa servia dois propósitos: primeiro, a vertente agrícola e de mercado, comum a qualquer uma; e segundo, a vertente de defesa, com um contingente militar permanente. Contrastando com as bastides britânicas, as bastides francesas não possuíam nenhuma cidadela interna, pelo menos, assim não foram projetadas. A área de implantação, era geralmente, de forma quadrangular ou retangular, formada por um muro de defesa e um fosso, sendo escassas a as que dispunham de um castelo. O recheio intramuros, para além das habitações, era constituído pelos vários elementos urbanísticos e sociais, típicos da época, como a igreja, a Câmara Municipal e o mercado. No caso destes dois últimos era usual partilharem o mesmo edifício, ficando o primeiro piso para a área de mercado e o segundo, para a câmara. A área de mercado ficava nas laterais da praça; de referir que a igreja, assim como em tempos anteriores, servia como cidadela de proteção e localiza-se numa praça separada, mas contígua à praça central.

As habitações nas bastides francesas eram construídas em parcelas definidas, em princípio, com áreas semelhantes se não iguais, embora exista evidências de habitações

que ocupassem mais espaço, tratando-se de habitações de habitantes com um estatuto social superior. As habitações das bastides e a sua estrutura não respondiam a questões estéticas, mas sim, procurando contribuir para as necessidades de defesa das cidades.

Um dos bons exemplos destas cidades planeadas é a cidade de Monpazier, fundada por Eduardo I com o interesse de defender o seu Ducado: é um dos melhores exemplos de bastide, resultante da sua malha estrutural regular e harmonia das relações atingidas dos elementos implementados bem planeados (Harouel, 2004; Morris, 1979).



*Figura 39 - Plano geral da bastide de Monpazier (Web 39, 2022)*

*Figura 40 - Plano geral da bastide de Aigues Mortes (Web 40, ago. 2005)*

## 6.5.2 Bastides britânicas

As bastides britânicas correspondem às que foram construídas na Inglaterra e no País de Gales, com maior destaque para as galesas, visto que em Inglaterra apenas duas foram construídas: Winchelsea e Kingston-upon-Hull. As bastides inglesas, na questão de organização, não diferem muito das francesas, porém as duas evoluíram de forma distinta, mas partilham um elemento em comum: o porto marítimo. Hull por exemplo, evoluiu até aos dias de hoje, tornando-se numa grande cidade contemporânea, com poucas evidências do seu passado, em manifesto contraste com a pitoresca e medieval Winchelsea. As duas diferenciam-se igualmente na sua organização, com malhas estruturais distintas, sendo que Winchelsea acompanhou um plano delineado, e Hull cresceu num sentido organizado de malha linear, mas tortuosa ao adaptar-se ao terreno, quase de forma orgânica (idem).

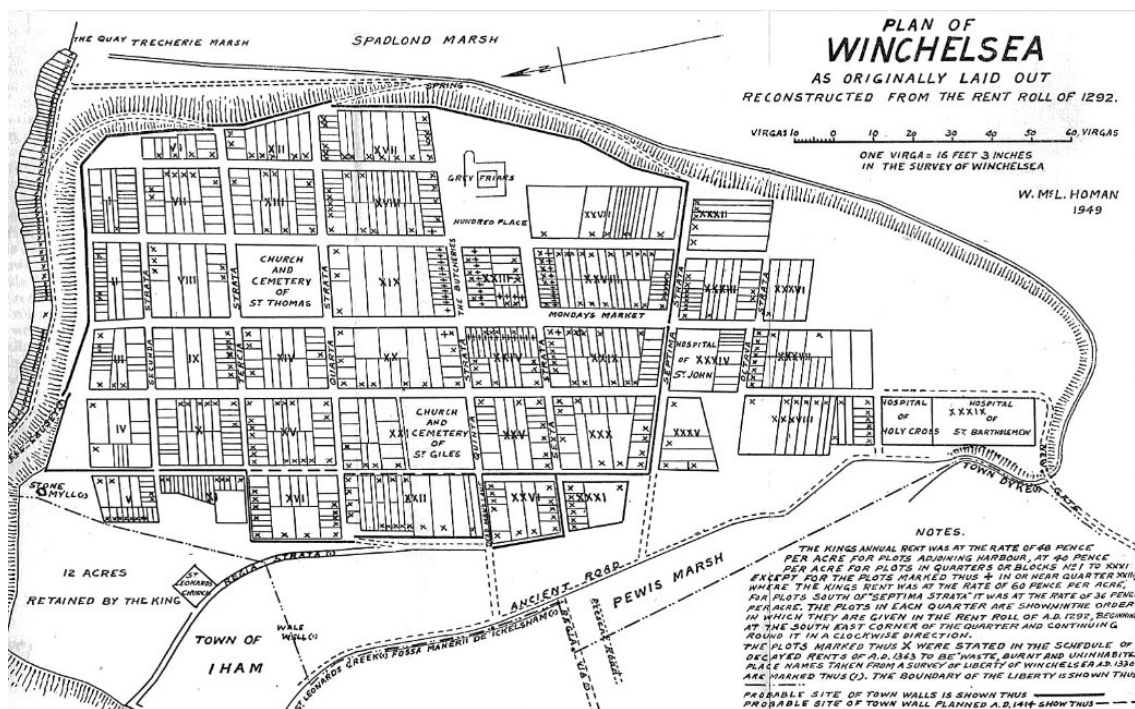
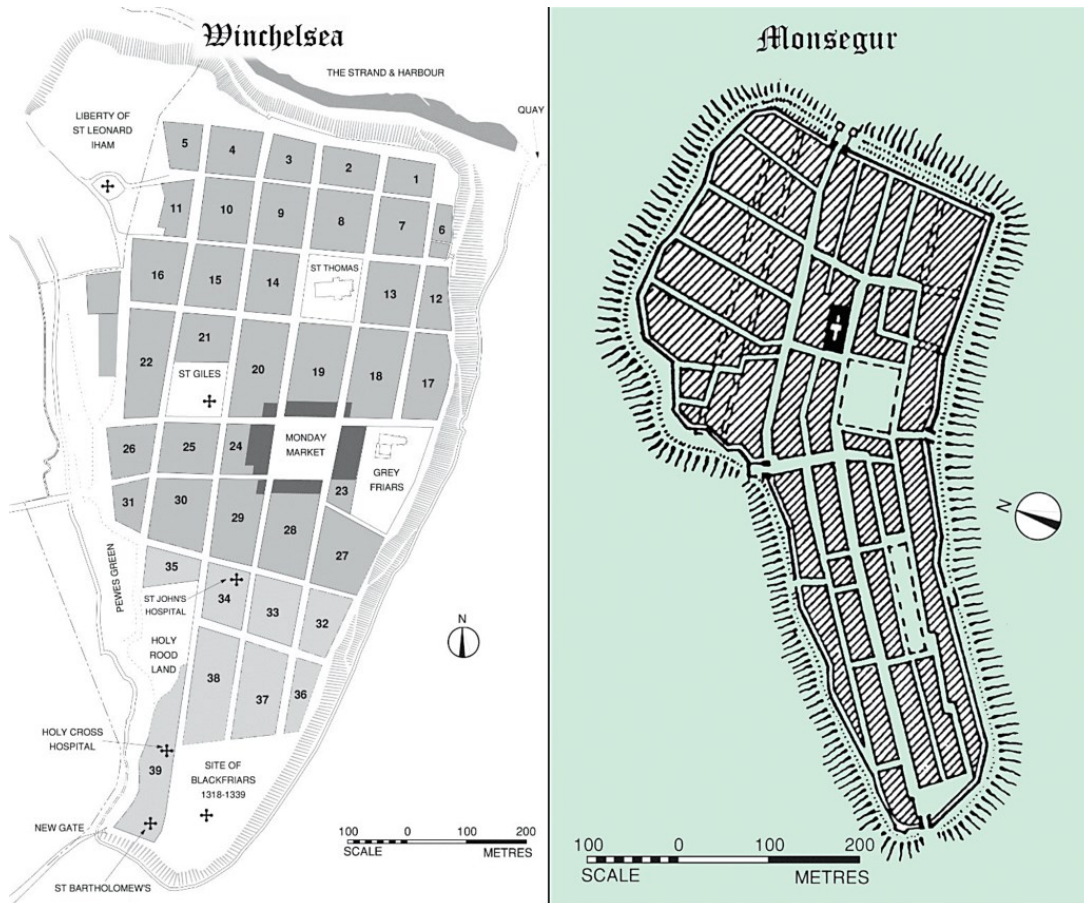


Figura 41 - Plano de 1292 da bastide britânica de Winchelsea (Web 41, 2022)



**Figura 42** - Comparação de forma similar entre a bastide britânica de Winchelsea e a bastide francesa de Monségur (Web 42, 2022)



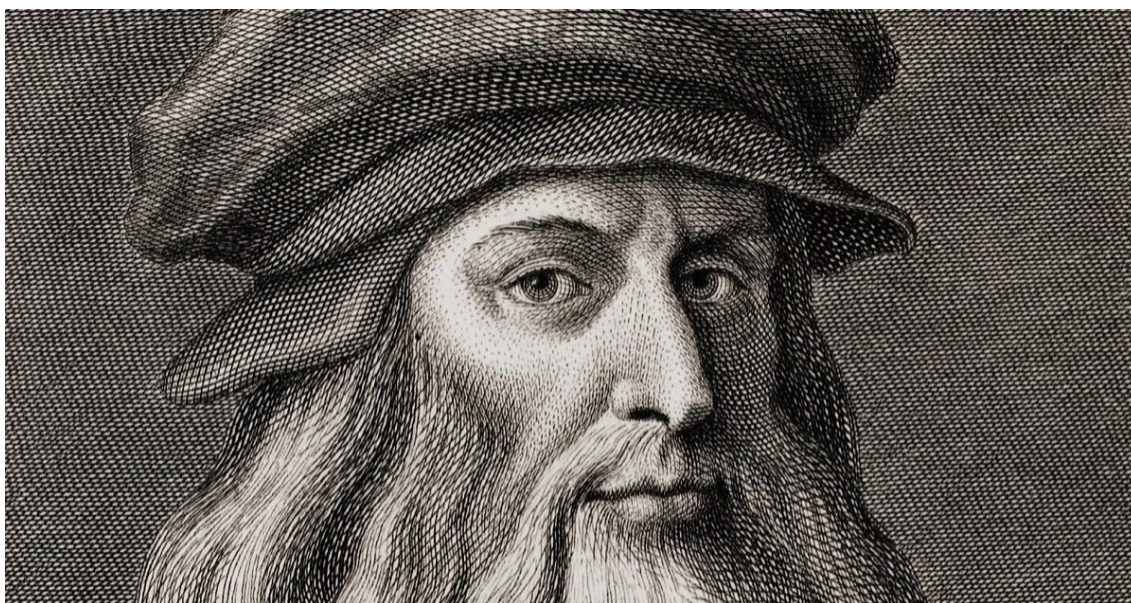
**Figura 43** - Plano medieval da bastide britânica de Kingston-upon-Hull (Web 43, set. 2012)

## 7. Renascimento

### 7.1. Origem do Renascimento

Os meados do século XIV marcam a época na história que veio a testemunhar enormes mudanças de cariz político, científico, socioeconómico, artístico e, principalmente, mudanças no panorama do urbanismo, com o surgimento de novas concessões e ideário - o Renascimento. Período que em termos gerais, nomeadamente na arquitetura marcou uma rotura com o estilo então dominante, o gótico, predominante em países como a Inglaterra e a França.

O renascimento surge na Itália, país onde, curiosamente o estilo gótico não se impôs, mas que vai influenciar fortemente o desenvolvimento, quer em termos de arquitetura, quer no urbanismo e nas artes, primeiro nas cidades de Florença e Roma, onde tem início, e posteriormente noutras cidades italiana, até se ir expandindo pela Europa, nos países não afetados pela Reforma: os movimentos de reforma da igreja liderados por Martim Lutero e Ítalo Calvino, para os quais se Deus está em todo o Lado, não é necessário construir locais de culto “sumptuosos”, vão-se traduzir em cidades austeras, muito distintas das suas congéneres italianas, que, nomeadamente, vão ser objeto de grandes remodelações, acompanhadas com a construção/remodelação de Igrejas, palácios jardins e espaços públicos segundo os princípios renascentistas (Harouel, 2004; Morris, 1979).



*Figura 44 - Leonardo da Vinci um dos maiores visionários do novo movimento estilístico italiano (Web 44, 2022)*

Após as agruras da baixa idade média, com os seus surtos de peste, o seu centro em Deus e na Igreja, opera-se uma modificação, profunda no pensar a cidade e a condição humana. O “Renascimento”, assume-se como um período pelo qual o homem assume de novo o interesse pela forma da antiguidade clássica, como ideal absoluto, como fonte de inspiração nas artes em geral, na arquitetura, no planeamento urbano da cidade; cabe referir contudo, que na sua fase inicial, embora existindo uma grande produção intelectual, em algumas artes, nomeadamente na literatura, a concretização efetiva deste novo movimento, surge um pouco mais tarde, quando o sistema feudal medieval, vai perdendo importância em favor de um novo sistema mercantilista, centrado não em Deus, mas no Homem (Pevsner, 1982; Rgan, 2004; Pevsner,2004; Morris, 1979).

Por vários autores Florença, é considerada o berço do renascimento italiano. Cidade-Estado rica e com famílias de mercadores que ansiavam por prestígio e poder, proporcionaram, através do mecenato, uma atmosfera criadora prolifera. O movimento não se iniciou na arquitetura nem no planeamento da cidade, mas sim através da evolução do seu contexto humanista literário e científico, que daí transcendeu para as artes plásticas. Neste movimento pioneiro Dante Alighieri, Petrarca e Boccaccio, são figuras de destacam-se ao cortarem com o paradigma literário medieval, em que por exemplo Petrarca, apelando à veneração da antiguidade clássica, recupera a ideologia da cidade ideal, associando-a à valorização dos conceitos básicos e estéticos associados à ordem e à regularidade, tendo o Homem no centro do seu pensamento antropocentrismo em detrimento do anterior teocentrismo (Carvalho, 2003; Morris, 1979).



*Figura 45 - Florença, o berço do Renascimento e o Duomo com a famosa cúpula (Web 45, mai. 2012)*

Não obstante as obras de arquitetura de grande relevo que marcam a imagem da arte renascentista, Florença ainda conservou, no geral, as características típicas de cidade medieval, com muitas transformações arquitetônicas, mas relativamente escassas transformações urbanísticas. Os únicos elementos de urbanismo renascentista na cidade Florença são aqueles que nasceram a partir da arquitetura, como os palácios, mas que não se interligavam devido à inserção na estrutura medieval.

De realçar que na cidade, existem apenas duas praças que tiveram contacto com o renascimento; primeiro, a Piazza della Santissima Annunziata, em que todo o seu espaço, a sua projeção, é uma realização puramente renascentista, regular onde simetria e harmonia imperam (Figura 46); a outra, a Piazza della Signoria, de origem medieval, mas em que os edifícios que a contornam sofreram uma remodelação renascentista no âmbito da fachada, embora sem a simetria característica da época (Pevsner, 1982; Rgan, 2004; Pevsner, 2004; Morris, 1979).

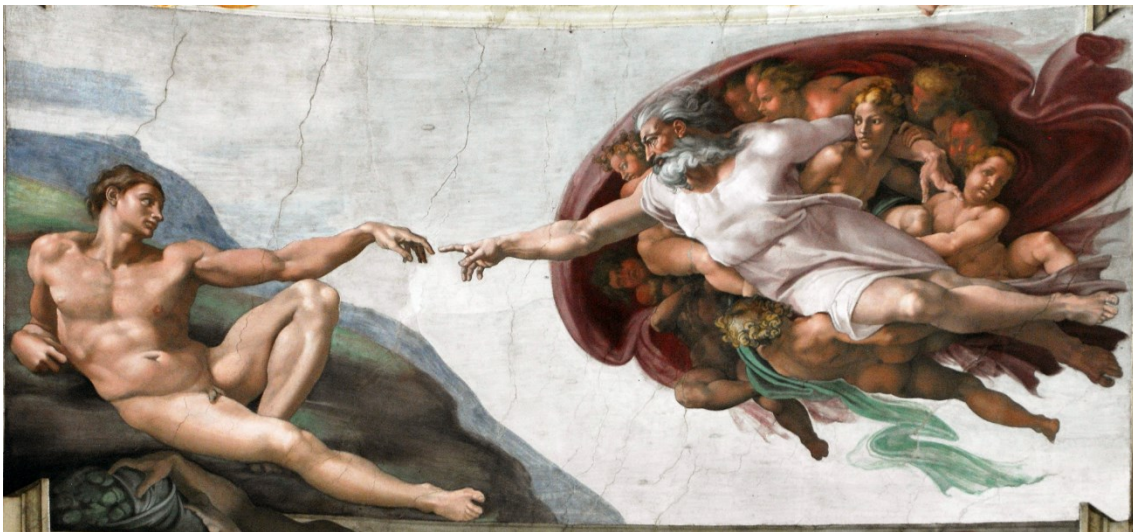


*Figura 46 - Piazza della Santissima Annunziata em Florença (Web 46, ago. 2020)*

### 7.1.1 Características do renascimento

Se, a literatura e as artes plásticas foram o gatilho para este novo movimento, a arquitetura veio fisicamente, afirmar o poder deste período. Na verdade, não se pretendia copiar a arquitetura da antiguidade clássica, mas sim, de certa forma, igualar na sua exigência e na qualidade atingida. O movimento renascentista acontece num momento em que as cidades e as suas populações aumentam significativamente num curto período. Este fator de expansão, não permitia grande oportunidade de mudança nas cidades medievais, nem sequer existia grande esforço por parte das populações (Le Goff, 1992; Morris, 1979).

A cultura medieval era baseada na defesa, agricultura e comércio, e esses eram os principais fatores na origem da fundação de cidades. No Renascimento, a defesa esteve também no cerne do estabelecimento de novas cidades, criadas de raiz, com a aplicação de novos conceitos à construção das suas muralhas, e em alguns casos, ao seu interior, de acordo com os princípios da época.



*Figura 47 - "A criação de Adão" de Miguel Ângelo, 1508-1512 (Web 47, 2022)*

O renascimento tinha uma particularidade, além das novas cidades fundadas como Palmanuova ou Neuf-Brisach, em Itália e França respetivamente, enquanto movimento artístico foi bastante importante na evolução de novas soluções artísticas e arquitetónicas, mas na vertente urbana ficou bastante aquém, limitando-se igualmente à expansão e reorganização de áreas urbanas já existentes, ou à remodelação parcial de algumas áreas das cidade, eventualmente nas de maior dimensão, de que Roma e o plano

de Sixto V, é exemplo com regularização ou a construção de praças a frente das mais emblemáticas igrejas da cidade, colocando um obelisco no seu centro que serviram como guia e orientador de novos arruamentos retos ao gosto da época e de forte caráter simbólico (Pevsner, 1982; Beato, 1996; Rgan, 2004; Giedion, 2004; Mumford, 2004; Morris, 1979).

Contudo, isto não quer dizer que o urbanismo e o próprio planeamento renascentista não tenham aportado elementos importantes para o desenvolvimento das cidades sendo que vários autores apontam sobretudo cinco aspetos: as fortificações em “estrela”, com baluartes e outros sistemas de defesa mais sofisticados; a regularização e ornamentação de praças outros espaços públicos; a abertura de vias retas que vão estruturar o espaço urbano; a anexação de bairros regulares e o limite ao crescimento de algumas cidades. Nestas operações, o uso das formas geométricas, a quadricula, a simetria, foram utilizadas para estruturar as cidades. De realçar que através da simetria, era possível atingir uma composição urbanística gerada através de um ou vários eixos, numa relação pautada e ritmada, em que a Piazza del Popolo, em Roma, com as suas igrejas gémeas, é um bom exemplo desta característica (Pevsner, 1982; Rgan, 2004; Giedion, 2004; Mumford, 2004).



*Figura 48 - Piazza del Popolo em Roma e a sua simetria (Web 48, jul. 2019)*



**Figura 49** - Pintura renascentista da cidade ideal de Fra Carnevale, cerca de 1480-1484 (Web 49, fev. 2012)

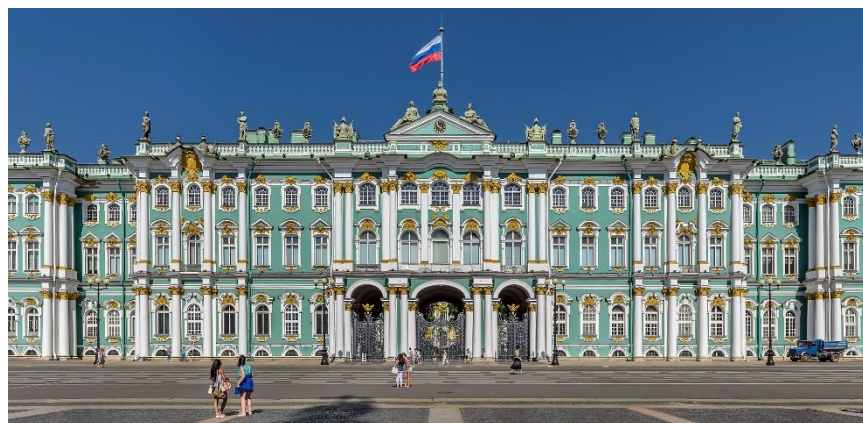
**Figura 50** - Pintura renascentista de cidade ideal de Luciano Laurana ou Melozzo da Forlì (Web 50, jul. 2014)

**Figura 51** - Architectural Veduta, autor desconhecido atribuído possivelmente a Francesco di Giorgio Martini, cerca de 1495 (Web 51, nov. 2016)

Durante este período, a arquitetura vai aliar-se ao planeamento urbano, e juntas vão desenvolver uma nova imagem da cidade, adotando um senso de equilíbrio e regularidade do classicismo, onde impera a simetria. Assim, o renascimento, com a procura pela implementação da cultura greco-romana clássica, pretendia atingir um ponto de calma, equilíbrio e (re)aplicar conceitos estéticos. Perante isto, através do mecenato, procurou-se aplicar melhorias, para a imagem coletiva e social da cidade, divergindo na sua fase final (barroco), já que as cidades, sobretudo as cidades “Palácio”, construídas então, mostram o absolutismo, o poder dos seus governantes. A magnificência e grandeza, são visíveis nas duas capitais construídas por dois monarcas: Versailles de Luís XIV, e em São Petersburgo, de Pedro o Grande (Pevsner, 1982; Rgan, 2004; Giedion, 2004; Mumford, 2004).



*Figura 52 - Palácio de Versailles, França (Web 52, set. 2018)*



*Figura 53 - Palácio de Inverno em São Petersburgo, Rússia (Web 53, nov. 2015)*

### 7.1.2 Nova idealização

À parte da requalificação das cidades, durante este tempo, as intenções do renascimento deram espaço ao movimento de novas técnicas e de novas teorias concepcionais para uma cidade típica renascentista criada de raiz. As vitórias contra os turcos e a consequente estabilização da população contribuíram para o despertar de uma nova consciencialização de mudança, com a descoberta da obra incompleta "De Architectura", de Vitruvius, arquiteto romano que terá vivido no séc. I a.C. (Morris, 1979).

O plano posto em prática pelos renascentistas idealizado pelo arquiteto romano, foram as primeiras, já que não há vestígios em parte alguma do antigo império deste tipo de assentamento, nem sequer um modelo ilustrado pelo próprio Vitruvius. Mas, em que consiste o plano de Vitruvius? Consiste numa cidade muralhada de plano circular octogonal, radiocêntrica com as suas 8 vias que percorrem caminho até as 8 torres nos vértices, e apenas 4 portas opostas duas a duas, que não teriam acesso direto para o centro, que seria o espaço destinado ao fórum, delimitado paralelamente pelas paredes periféricas, gerando um espaço igualmente octogonal, com blocos residenciais numa base regular, no espaço resultante da muralha, praça e sistema viário, complementando-se com 8 praças abertas no interior do seu volume (Morris, 1979)

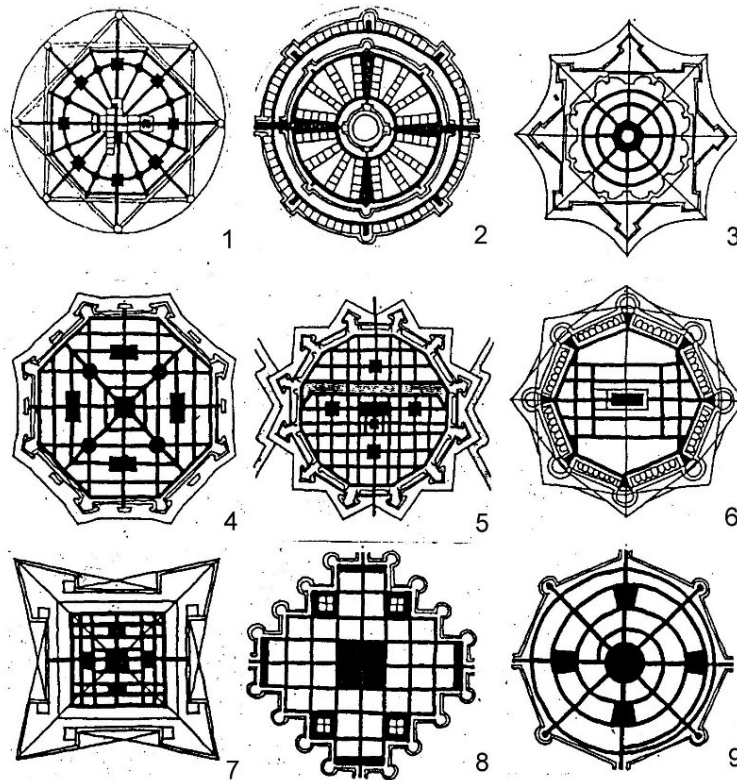


Figura 54 - Novos planos para cidades ideais renascentistas (Web 54, 2022)

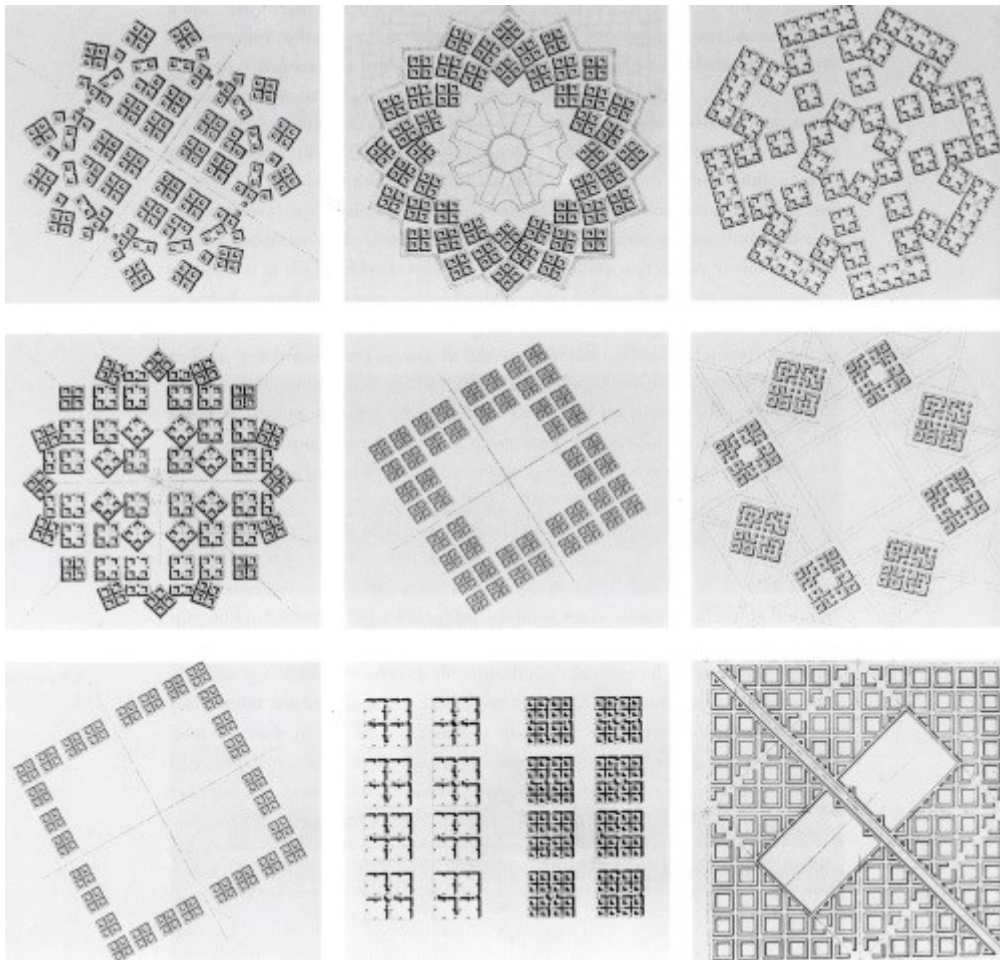


Figura 55 - Estudos para cidades ideais, Ricardo Bofill (Web 55, ago. 2013)

### 7.1.3 Palmanova e Sforzinda

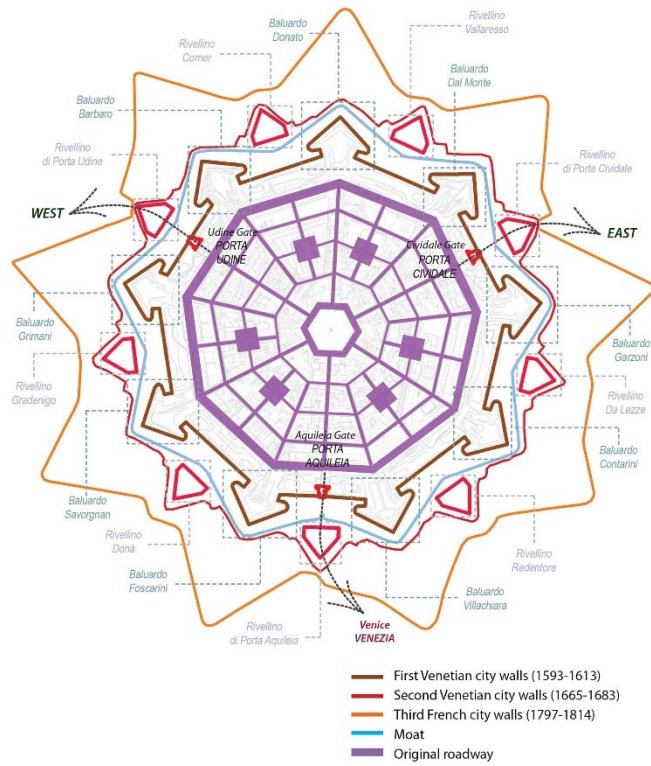
Com efeito, o aparecimento da obra veio influenciar o pensamento renascentista em vários campos artísticos assim como na concepção de cidades, de que é exemplo a cidade de Palmanova localizada na região de Friuli-Veneza Giulia, no nordeste da Itália, construída em 1593 (Figura 56).

O plano posto em prática pelo arquiteto Vincenzo Scamozzi (1548-1616), idealizado pelo arquiteto romano, consiste numa cidade muralhada de plano circular octogonal, radiocêntrica com 8 vias retas que percorrem a cidade, com 8 torres nos seus vértices, e apenas 4 portas opostas duas a duas, que não teriam acesso direto para o centro. No centro, a praça, o “fórum”, delimitado paralelamente pelas paredes dos edifícios, gerando um espaço igualmente octogonal, com blocos residenciais numa base regular: no espaço resultante da muralha, praça e sistema viário, complementando-se com 8 praças abertas no interior do casario estabelecendo relações simétricas entre si (Figura?), (Pevsner, 1982; Rgan, 2004; Giedion, 2004; Mumford, 2004; Morris, 1979)

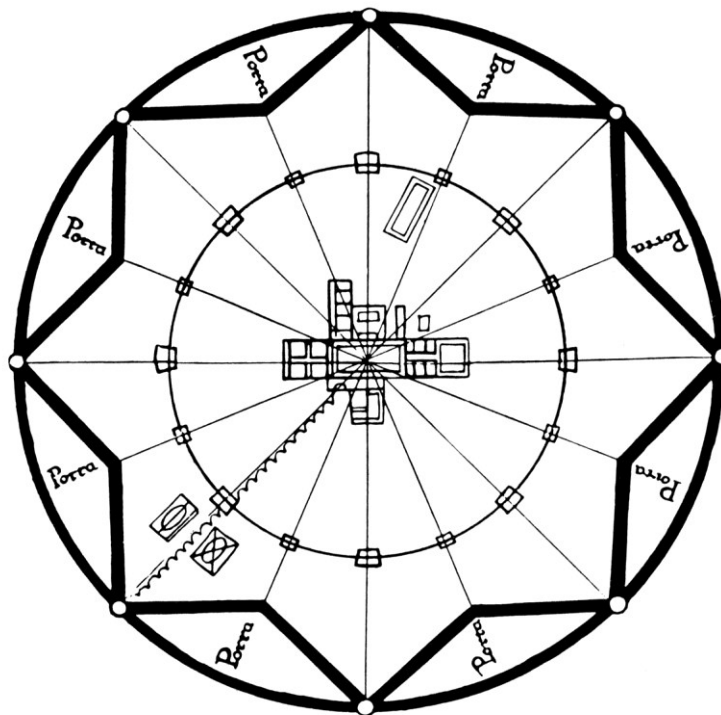
No seu tratado, Scamozzi estuda e idealiza outros tipos, possíveis, de cidades ideais semelhantes, algumas aplicando uma malha regular no seu interior, lembrando um pouco a concepção das cidades planeadas romanas anteriormente descritas, mas que não foram contruídas (Giedion, 2004; Mumford, 2004; Morris, 1979).



Figura 56 - Vista aérea atual de Palmanova (Web 56, 2022)



**Figura 57** – Plano da cidade ideal de Palmanova e a sua evolução (Web 57, set. 2016)



**Figura 58** - Cidade ideal de Sforzinda projetada por Filarete (Web 58, ago. 2006)

## 7.2 França

### 7.2.1 França renascentista e o barroco absoluto

O novo estilo renascentista chegou a França numa fase ainda recente do movimento aplicado na Itália, mas já durante o seu segundo período: o “*Quattrocento*”, A implementação deste estilo difere bastante da maneira italiana, ou mesmo, como se registou pelas terras germânicas, onde esta foi imposta pelos artistas e intelectuais que se chegaram à frente para concretizarem reformas na caracterização urbana; enquanto que, na França, o movimento renascentista impôs-se através do programa cultural dos próprios soberanos. Em França vigorava uma cultura não de burguesia, mas de corte, sendo por isso, o atraso do enraizamento do estilo na arquitetura francesa, e assim, as cidades perduraram numa onda de cariz medieval (Morris, 1979; Carvalho, 2003).

A chegada de Francisco I ao trono trouxe ares de mudança para o reino francês e para o que viria a se tornar no futuro. Francisco é merecidamente visto como o patrono do renascimento francês, grande impulsionador das belas-artes, já que ele próprio tinha paixão pela arte e arquitetura renascentista italiana; paixão essa que tem origem nas viagens a Itália em jovem, e pela qual, enquanto rei tentou atrair obras e artistas italianos para França. A operação foi tão bem-sucedida, que conseguiu atrair a chegada de nomes fortes como Leonardo da Vinci e de Andrea del Sarto. No entanto, o renascimento francês não é uma cópia do estilo italiano, mas sim um estilo completamente diferente, próprio, criado de uma fusão de renascimento italiano aplicado pelos artistas familiarizados com o estilo, da arte greco-latina clássica e da herança cultural e espiritual francesa. O primeiro impacto do renascimento em terras gaulesas foi sentido na Região do *Loire*, área dominada pela paisagem estruturada pelos mais majestosos castelos franceses, como *Chambord*, *Chenonceaux* ou *Azay-le-Rideau* (Giedion, 2004; Mumford, 2004; Morris, 1979)



*Figura 59 - Castelo de Chenonceau à esquerda (Web 59, fev. 2020)*

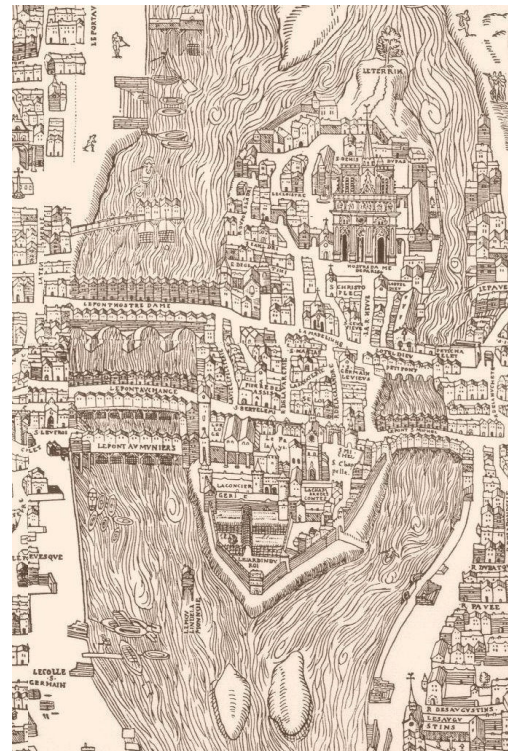
*Figura 60 - Castelos de Chambord à direita (Web 60, ago. 2020)*

### 7.2.2 O renascer de Paris

Foi sob o reinado de Francisco I que a cidade de Paris renasceu como capital da nação e centro da corte. No entanto, esta continuava com a mesma malha medieval não planeada e orgânica tão característica daquele período. Era uma cidade pequena, que em pleno século XVI tinha ficado restrita à muralha do século XIV (1367-1383) e, para além do mais, não exibia qualquer conteúdo urbanístico relevante, com apenas três pontes que serviam as 3 partes integrantes da cidade – margem esquerda, ilha da cidade e margem direita. A França, pretensa potência parecia possuir uma capital perdida no tempo (Mumford, 2004; Morris, 1979).



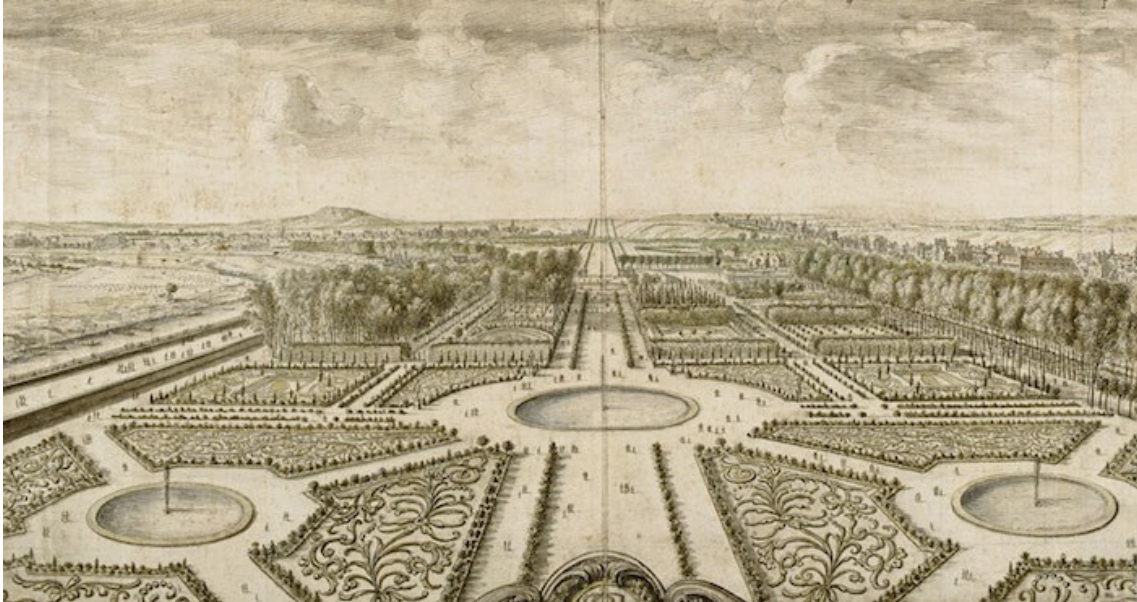
*Figura 61 - Notre-Dôme de Paris: símbolo máximo do gótico francês (Web 61, abr. 2022)*



*Figura 62 - Plano de época medieval da Île de la Cité com as suas pontes com edificado em Paris (Web 62, jan. 2011)*

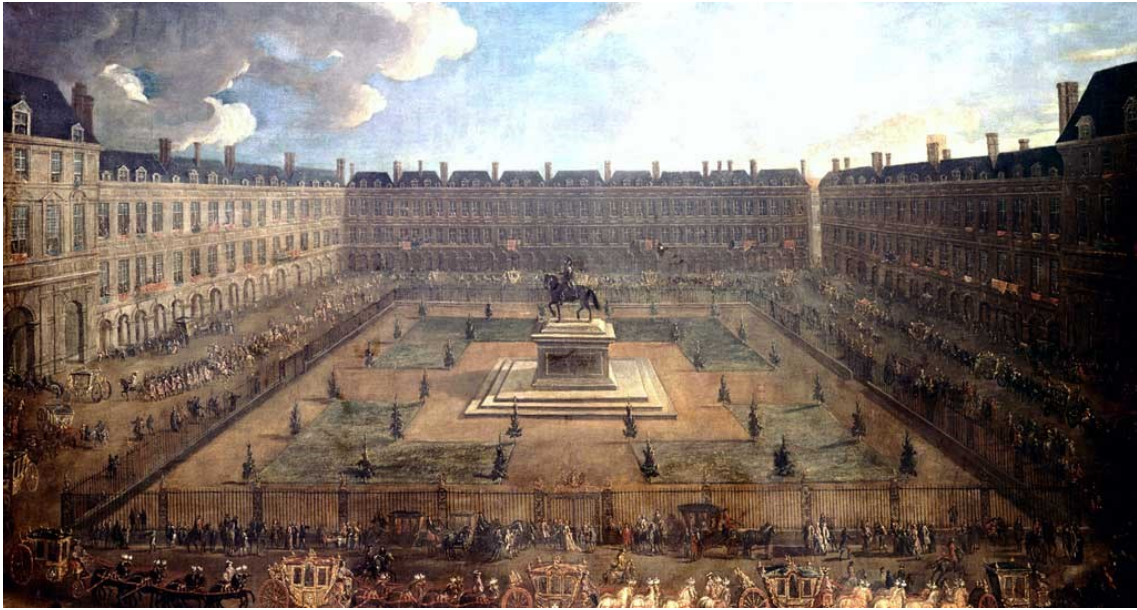
Assim, Francisco I pretendeu mudar a imagem da capital do reino, implementando transformações urbanas renascentistas, que durariam até final do século XVIII. Contudo, foram escassas as transformações de raiz, sendo as mais relevantes, a abertura do eixo que se transformaria na avenida dos Campos-Elísios e iria determinar a malha dos grandes boulevards. Outro elemento urbanístico, aplicado pelos artistas

italianos, que transformou ligeiramente a imagem cénica da cidade, prende-se com a transformação/criação de cinco praças reais, edificadas em homenagem aos governantes de então, com a colocação de uma estátua de um determinado rei no seu centro (Beato, 1996; Giedion, 2004; Mumford, 2004; Morris, 1979).



*Figura 63 - Avenida dos Champs-Élysées data cerca de 1710 (Web 63, 2022)*

A praça des Vosges, antiga Praça Royale é um destes locais, que passou por uma grande história de transformações até à sua situação atual, que permanece igual desde 1606: o local da atual praça foi, em tempos, a vila urbana do Duque de Orleães, onde Catarina de Médici assistiu à morte de seu marido Henrique II num torneio, e que culminou com a demolição da edificação existente, ficando o terreno vago. Passando por uma proposta de localização de uma fábrica, acabou por ser uma típica praça residencial, com 4 fachadas idênticas, com a estátua equestre do rei Luís XIII ao centro oferecida por Richelieu, tendo sido a primeira, deste tipo, no contexto europeu. Atualmente, a praça mantém a sua última estrutura modificada, com o centro a corresponder a uma área verde tendo já sido removida a estátua real. A envolvente da praça começou unicamente com a construção das fachadas, de modo a conseguir investidores e compradores, formando uma forma retangular chinfrada nos vértices, criando um espaço que se assemelha a um octógono (Mumford, 2004; Morris, 1979).



*Figura 64 - Place des Vosges (antiga Place Royal) no seu aspeto original (Web 64, mai. 2020)*

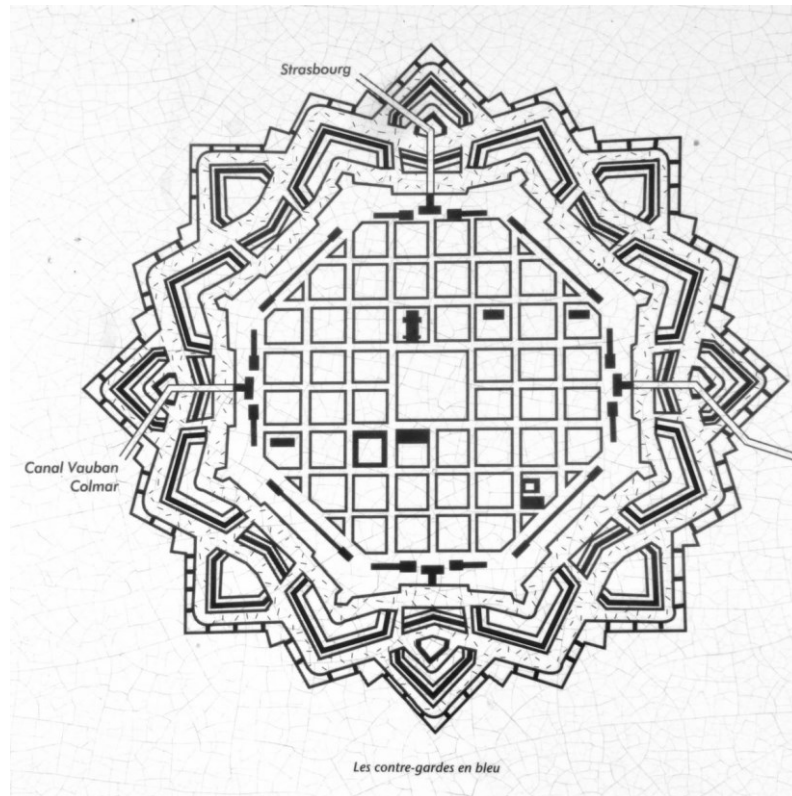


*Figura 65 - Place des Vosges atualmente (Web 65, 2022)*

### **7.3 Fortificação renascentista francesa**

São várias as cidades fortificadas francesas, como Arras, Besançon ou Neuf Brisach. Esta última é o maior exemplo, mas é somente mais um no meio de tanta fortificação construída por Vauban, arquiteto do rei Luís XIV. Todas as suas construções apresentam um elemento comum, a muralha, e as suas defesas, bastante notáveis, a que não é certamente alheio o fato de, desde os 18 anos, o arquiteto estar no exército e assim possuir uma maior percepção e sensibilidade para as necessidades defensivas. O arranjo interior apresenta, contudo, várias variações, com uma sensibilização maior na estrutura da malha, aplicando os conceitos de praça quadrangular ao centro da cidade, como se verificava nas bastides francesas, em conjunto com elementos teóricos italianos do século precedente (Giedion, 2004; Mumford, 2004; Morris, 1979).

A escolha do local para esta cidade, perto na região alpina, próximo da fronteira germano-suíça, num ponto alto da encosta, foi propositada, por forma a não só garantir o controlo sobre as enchentes do rio Reno, como permitir controlar os transportes, nomeadamente de armamento, pelo rio. De referir que a sua forma é octogonal à semelhança das fortificações renascentistas italianas, como Palmanova, com um interior regular, em blocos, que recorda as antigas cidades planeadas romanas, como a já referida Timgad. O centro pertencia à praça, apresentando-se como um espaço quadrangular equivalente a quatro blocos residenciais. Outro elemento diferenciador, neste caso, comparando com as bastides, é a colocação da igreja na praça, sem grandes ornamentações e preocupações estéticas, visto que a sua função era essencialmente militar, já que seria o local previsto para concentração e exercícios das tropas, dominando a questão funcional no conceito desta, e de outras cidades fortificadas projetadas por este arquiteto (Giedion, 2004; Morris, 1979).



**Figura 66** - Cidade fortificada de Neuf-Brisach (Web 66, mai. 2007)



**Figura 67** - Reconstituição da cidade fortificada de Besançon (Web 67, jan. 2018)

## **8. Conceitos utópicos neo-urbanos**

### **8.1 Conceitos utópicos**

O século XIX, apresenta tantas modificações e rupturas com o paradigma anterior, que se optou neste trabalho por escolher alguns dos autores cujas perspectivas de cidade se pensa, vão influenciar o urbanismo do século XX. A revolução industrial, as revoluções francesas, no ocidente, de forma sucinta, vão ter repercussões no urbanismo e na concessão de novas cidades, com o colocar em prática, das observações e reflexões, de uma série de pensadores, provenientes das mais variadas áreas sociais e profissionais.

Estes vão procurar dar resposta ao que assistem nas alterações da qualidade de vida das populações, ao modo como as cidades existentes respondem às novas exigências, da indústria, da necessidades de habitação, aos problemas sociais que surgem com a revolução industrial, (com as reivindicações das classes trabalhadoras com as transformações sociais, nomeadamente o emergir de uma classe média progressivamente maior, mais forte e com maior poder de compra), e com a aplicação das crescentes inovações tecnológicas, que vão revolucionar os sistemas de produção, o modo de viver e, sobretudo, o modo de se moverem por terra e por mar, com especial importância, no que concerne aos centros urbanos, para as viagens casa-trabalho.

Muitas destas ideias, pensadas no século XIX, vão ter a sua concretização no século seguinte, pelo que se apresentam alguns dos autores e respetivas concessões de cidades que se pensa, serem de maior relevância para o pensar da cidade de então e que podem influenciar a atualidade.

## 8.2 Cidade Jardim de Ebenezer Howard

A grande revolução industrial levada a cabo na Europa, que teve origem no Reino Unido, moldou a sociedade e originou uma nova imagem das cidades Britânicas (primeiro, pelo seu império, depois pela europa e américas) sobretudo as que se transformaram em grandes polos industriais.

Coincidindo com uma reforma agrária que encerrou às populações rurais o acesso aos campos e florestas privados para caça e recolha de alimentos que completavam ou constituíam o seu ganha pão, o aparecimento das grandes unidades industriais assentes na indústria têxtil para a qual a Inglaterra possuía tudo o necessário (água para as máquinas a vapor, carvão para as alimentar e lã (posteriormente algodão das suas colónias), vai absorver os trabalhadores não qualificados e sem hábitos urbanos, que vão sair do campo e rumar a onde podem ter trabalho, a onde podem (sobre)viver.

Assim, a cidade britânica, estabelecida pela crescente industrialização, observou um escalar demográfico, sem alojamento para o acolher nem condições sanitárias capazes. As condições de vida da classe trabalhadora vão pautar o pensamento filosófico, político e económico, a partir das grandes epidemias de cólera que vão ocorrer nos anos vinte do século XIX, e que vão mostrar que todas as classes sociais não sobrevivem à insalubridade em que vive o operariado.

Com efeito, se nas primeiras duas décadas, o poder político e a sociedade não se preocupou com este aspeto, depois das epidemias de cólera que levaram à morte de uma parte da população das grandes cidades britânicas, proveniente de todas as classes sociais, após as conclusões das diferentes comissões nomeadas para o estudo deste problema, surge o que se pode chamar como moderno planeamento urbano, ao assumir-se que é necessário, pelo controlo e higienização da forma urbana, minorar os efeitos da contaminação dos aquíferos por dejetos orgânicos, provenientes das deficientes condições em que viviam os trabalhadores industriais. É da aplicação destas primeiras diretrizes, que vão abrir ruas que permitam a circulação de ar e a dispersão de poluentes, vão impor um número mínimo de latrinas, etc., que se vai procurar melhorar a qualidade de vida das populações através de alterações na forma, física, as cidades (Beato, 1996; Rutherford, 2014).

É por esta altura, surgem as primeiras idealizações de novas cidades, utópicas, que procuram readaptar a harmonia da vida humana com o meio natural na cidade (Figura 68 e 69), e de onde cabe destacar o inglês Ebenezer Howard, cujos pensamentos vão ter influência na reconstrução europeia no pós II Grande Guerra (Hardy, 1991; Beato, 1996; Alexander, 2009; Rutherford, 2014; Bowie, 2016).



*Figura 68 e 69 - Letchworth, contruída no início do século XX de acordo com os princípios da Cidade Jardim de Howard, por Parker e Unwin (Rutherford, 2014, p.28)*

Ebenezer Howard surge com o seu conceito de “Cidade-Jardim”, defendendo a teoria de que a cidade deve ser mais sustentável, mais próxima da natureza, sem descurar toda a nova tecnologia imprescindível ao conforto e à evolução humana. Deve assim aliar o melhor do campo, com o melhor da cidade.

Organizando-a e descrevendo-a recorrendo a um diagrama de três elementos, os denominados 3 'ímanes': cidade, campo e cidade-campo. De modo muito simples, este diagrama pretende nada mais nada menos do que, apresentar as vantagens que, tanto a cidade como o campo possuem, assim como as suas desvantagens, e com isso, aplicar sua proposta de cidade-campo, livre de qualquer encontrada no campo e na cidade. Como exemplo, pode-se considerar que a cidade: oferece o salário e mais oportunidades de emprego aliadas com ao progresso; mas de outro lado, tem a desvantagem de maior custo de vida, representado, por exemplo, pelos altos preços praticados de rendas das habitações; a cidade grande, como Londres ou Manchester, esta última uma grande cidade industrial, oferece uma grande rede de atrações, repletas de oportunidades sociais e de lazer, mas contrasta com a excedentária carga horária de trabalho e com maiores distâncias casa-trabalho; a cidade oferece muitas vantagens individuais de relacionamento em sociedade, mas peca pelo cansaço físico e psicológico que por vezes, impedem os relacionamentos; o campo possui ar puro e arejamento, sol e boa exposição solar, enquanto que na cidade industrial isto nem sempre ocorre, prejudicando a saúde mental e física das populações (Hardy, 1991; Beato, 1996; Carvalho, 2003; Alexander, 2009; Rutherford, 2014; Bowie, 2016; Fernandes & Mendes, 2013).

O campo, como exemplo, oferece um leque de vantagens como sejam: a beleza e bens naturais como as paisagens cénicas, parques, florestas e ar puro, mas perde pela falta de população pelo que o ambiente do campo pode ser bastante monótono, pela falta de elementos lúdicos; pode possuir rendas mais baixas, e oferecer salários igualmente baixos, que não possibilitam a aquisição de bens que proporcionem mais conforto. Ao contrário da cidade, onde existe uma grande variedade industrial e laboral, no campo, a “indústria predominante” e a agricultura, muito ligada à época, ao pouco controlo face à natureza, muito pendente das condições climáticas, da salubridade natural da falta de água e do seu precário armazenamento, que provocam danos nas colheitas, por vezes tornando-as insuficientes, ou impróprias para consumo com perdas totais ou parciais de rendimento (Carvalho, 2003; Fernandes & Mendes, 2013).

Com todos estes pontos prós e contras da cidade e do campo, Howard, defende a teoria de que o campo e a cidade deviam, assim como o homem e mulher numa relação, sociedade humana e natureza, ser vividos em conjunto, unindo-se num só, complementando-se de forma mútua. Assim, Howard cria o terceiro elemento deste plano: a cidade-jardim, caracterizada pela união, num único meio urbano, das melhores características que o campo e a cidade têm a oferecer, com uma base sustentada de funções que seriam primordiais para assentar e sustentar essa nova comunidade (Carvalho, 2003; Rutherford, 2014; Fernandes & Mendes, 2013).

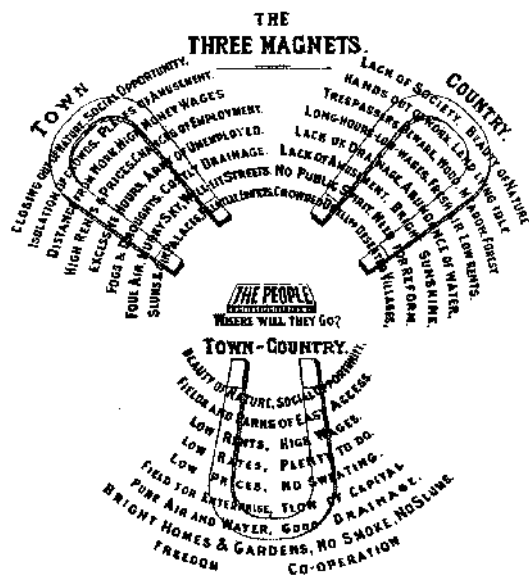


Figura 70 - Conceito dos 3 ímans por Howard (Web 70, mai. 2007)

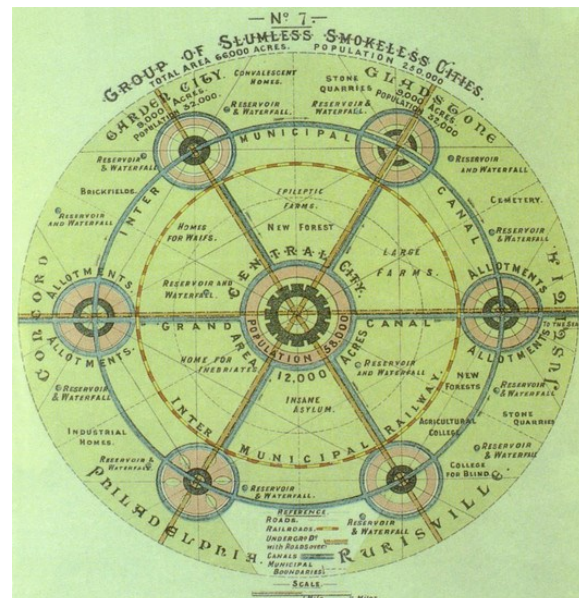


Figura 71 – Diagrama da Cidade Jardim de Ebenezer Howard (Web 71, mai. 2021)

### **8.2.1 Organização da cidade-jardim**

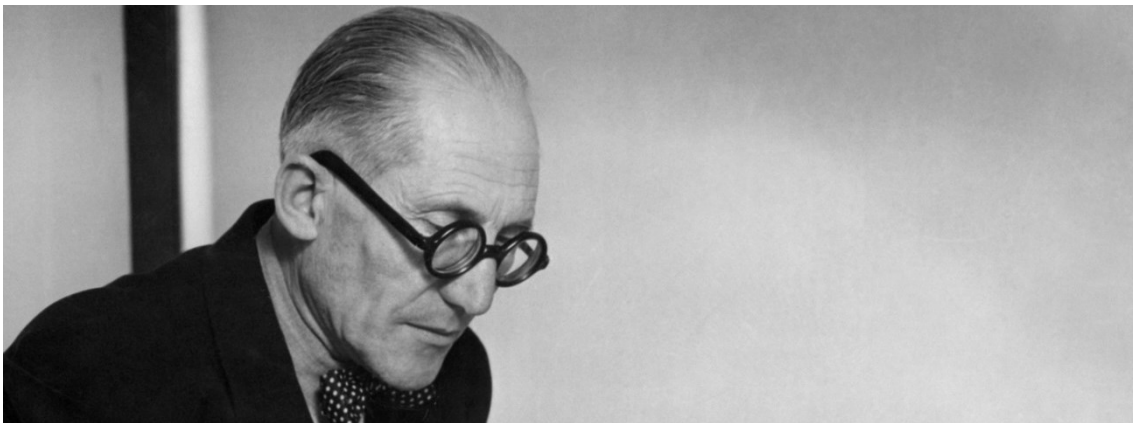
Na perspectiva de organização, na sua globalidade, a cidade-jardim, é uma rede urbana constituída de comunidades ativas e independentes, de forma circular, e unidas entre elas por estradas e, sobretudo, por redes de caminho de ferro. Estas comunidades, continham no seu interior, organizado, áreas destinadas a residências, à indústria, e para a agricultura, mas cada uma agrupada na sua área, ou zonas. Para isso contribuiria a separação implementada por Howard, dividida em setores concêntricos, definindo área de dimensão fixa de 2.400 hectares para 32.000 habitantes, repartida em várias frações pluridimensionais: 2.000 hectares correspondem à área rural, que seria ocupada por 2.000 habitantes, e os restantes 400 hectares seriam para a área urbana que iria conter os restantes 30.000 habitantes, repartidos por 6 bairros de 5.000 habitantes cada; o núcleo central urbano, a parte destinada à cidade, dispõe de equipamentos e serviços como hospitais e edifícios culturais, circundada por um grande parque central, seguida da área habitacional; após estas três áreas que relacionam a vertente cidade e a vertente campo, surge uma grande avenida, de 128 metros de largura, seguida também de uma área verde circundante; à medida que se vão desenvolvendo fileiras de edificações, zonas verdes nascem a acompanhá-las; depois do último parque, mais uma área residencial é edificada, juntamente com serviços, como escolas e igrejas, e por fim no último setor, que circunda todos os anteriores, encontra-se a área industrial, compreendida por fábricas, armazéns, mercados, etc., com a via férrea que serve a cidade a partir de e para a cidade-jardim. No final de todo este plano, a área rural envolve toda a cidade (Carvalho, 2003; Rutherford, 2014; Fernandes & Mendes, 2013).

Esta área rural, destinada à vertente agrícola, teria a função de mitigar a crescente e incontável expansão demográfica. A única forma de crescimento populacional defendida por Howard é a de que, quando uma cidade atingisse os níveis por ele delimitados, outras cidades deveriam ser fundadas, interligadas entre si e a uma cidade central (figura?). A partir de 1903, nasceram as primeiras novas cidade-jardim, idealizadas por Ebenezer Howard, sendo a primeira Letcworth Garden City, seguida da Welwyn Garden City. De facto, foram erigidas algumas cidades jardim, como provam estas últimas na Grã-Bretanha, assim como algumas pelo mundo fora (Carvalho, 2003; Fernandes & Mendes, 2013).

## 8.3 Cidade Futurista

### 8.3.1 Ville-Radieuse de Le Corbusier

A Ville-Radieuse, projeto do arquiteto franco-suíço Le Corbusier data de 1930, projetada para Paris é, provavelmente, um dos exemplos maiores de uma cidade utópica, que nunca saiu do papel. A construir, seria de grandes dimensões, o que levaria a uma obra sem precedentes, já que dizimaria uma grande porção da cidade, por forma a albergar cerca de três milhões de pessoas. Originalmente, este projeto estaria destinado para a capital russa, Moscovo, quando Le Corbusier, com este plano - isto numa perspetiva de pós-guerra – procurava, de certa forma, gerar uma linha de pensamento progressista, na forma de continuidade, aplicando o conceito de que o novo deve substituir o velho. De relembrar que nesta época, é quando surgem as grandes mentes por detrás da nova vertente do modernismo, sendo que, enquanto modernista, defende o fim da cidade existente, por todas as desvantagens e problemas nela existentes, nomeadamente a impossibilidade de albergar os novos meios de locomoção, concretamente o automóvel, que se tinha democratizado e tornado acessível à classe média a partir da colocação no mercado do Ford T por 800 dólares, em 1914, um pouco à semelhança do que Ebenezer Howard via nas cidades industriais e pretendia contrariar, com o seu conceito de cidade: isto é, uma cidade congestionada, insalubre, com pobre oferta de condições de circulação, ao que ele pretendia responder com uma nova cidade, assente em construções em altura, as unidades de vizinhança, que possuíam tudo o necessária à vida do dia a dia, e com diferentes níveis de circulação por forma a minorar os pontos de conflito entre os diversos meios de transporte. A cidade seria assim pouco densa, com grandes espaços verdes de premeio entre os edifícios, podendo-se assim habitar circular e possuir espaços de lazer (Carvalho, 2003; Rutherford, 2014; Fernandes & Mendes, 2013).



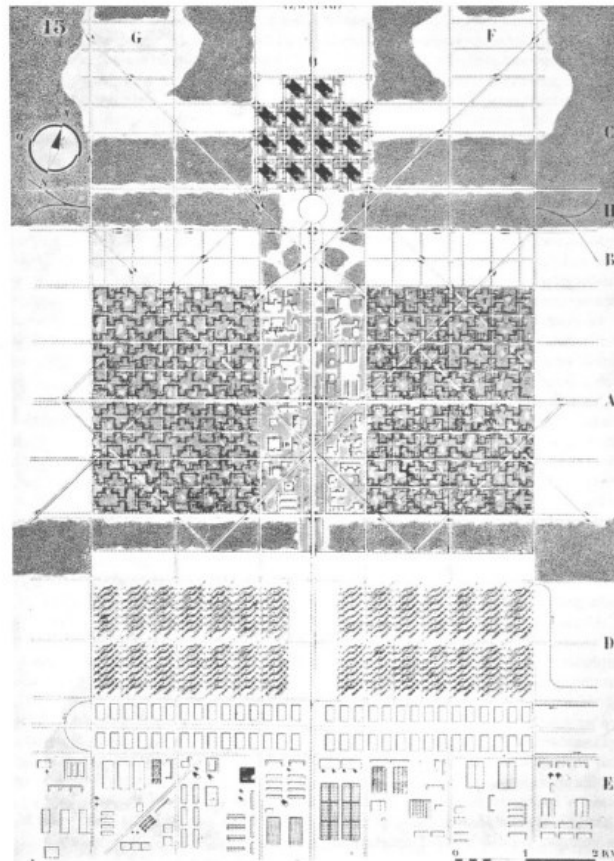
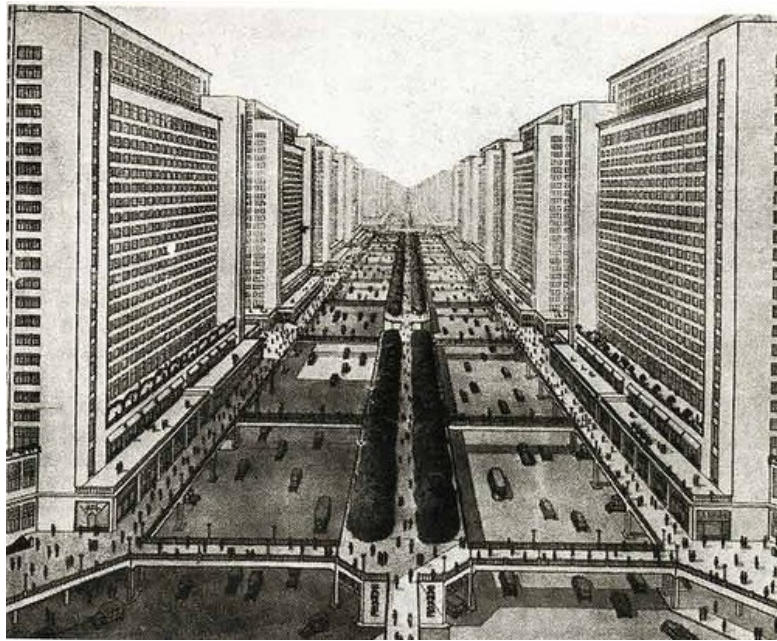
*Figura 72 - Arquiteto Franco-Suíço Le Corbusier (Web 72, 2022)*

### **8.3.2 Características da cidade radiante**

Le Corbusier começa por projetar o seu primeiro esboço em 1922, de uma cidade radio concêntrica, sem local de implantação específico. No entanto, o projeto segue um objetivo com limites definidos, numa malha estrutural caracterizada pela sua ortogonalidade e uma geometria diagonal a 45°. O centro da cidade é dominado pela área de bens e serviços, para além de várias empresas, servidas por uma estação de comboio, de metro e um aeroporto. Contudo, é preciso entender que, Le Corbusier toma parte de um novo conceito de arquitetura, que se tornou possível graças à materialidade existente, resultante da evolução tecnológica, nomeadamente das máquinas e da evolução das técnicas construtivas. Não obstante o teor teórico do plano, esta evolução permite uma nova organização no modelo de cidade. Para ele, o facto da evolução da máquina, é o primeiro ponto para se opor a um mundo antigo; tudo à volta e que possa ser feito ou utilizável, deriva da tecnologia, pelo que, consoante mais ela avance, mais ela evolua, a humanidade o fará também. Este plano, que segundo o mesmo, avança segundo o transformar dos novos processos arquitetónicos, vai revolucionar, na disposição, forma e materiais, a cidade renegando o conformismo, o conservadorismo, o existente (Carvalho, 2003; Carlos, 2013).

Portanto, a Ville-Radiouse erguia-se a partir de uma área limpa da cidade arrasada, por exemplo, pela guerra, dividida em zonas. Estaria, portanto, dividida em vários blocos com funções distintas, como a habitacional com as suas torres de 50 metros, organizadas de forma cartesiana, com bens e serviços no rés de chão, áreas de negócio, áreas comerciais, fabris, de lazer e recreio entre outras (Carlos, 2013).

O seu plano vai sofrendo com o tempo algumas alterações, nomeadamente a chamada Vile-Verte, a área habitacional, que vai sendo deslocada para a zona central do plano, trocando de lugar com a cidade de negócios: desta forma, Le Corbusier gera um eixo linear entre os três setores – negócios no extremo norte, habitação no centro, e indústria no extremo sul -, até porque este pretendia manter o indivíduo mais próximo do local de trabalho. Logo no centro, a servir em primeira mão o edificado habitacional central, uma plataforma de transportes públicos com um sistema de transporte de comboio subterrâneo. Estas conceções teóricas resultam do rescaldo da primeira guerra, e o Crash da bolsa de 1929, que só intensificou a sua ansia de mudança, resultado da sua perda de confiança na sociedade capitalista, pelo que era urgente a necessidade de centralidade cívica e humanista. Portanto, Le Corbusier, enquanto modernista defendia uma sociedade ideal, de qualquer das formas imaginária, que subsistia na crítica da cidade histórica e ultrapassada, encorajando a extinção do tradicionalismo (Carvalho 2003; Carlos, 2013).



La planimetria della Ville Radieuse (Le Corbusier).  
 A, abitazioni; B, allievi e unificatore; C, città degli uffici; D, industrie; E, industrie pesanti (tra le due i depositi generali e i docks);  
 F, G, nuclei satelliti con caratteri speciali (per es., città degli studi, centro del governo, ecc.); H, stazione ferroviaria e aeroporto.

*Figura 73 - Esquizzo da Ville Radieuse de Le Corbusier, Paris (Web 73, mai. 2016)*

*Figura 74 - Plano geral da Ville Radieuse (Web 74, mai. 2016)*



*Figura 75 - Maqueta da proposta da Ville Radieuse (Web 75, mai. 2016)*

## **9. Desenvolvimento urbano em Portugal**

### **9.1 Origem e história**

Neste segmento, não é intenção fazer um estudo detalhado de época nem por zona, mas sim fazer uma síntese célere da evolução urbana portuguesa, consoante o período da história.

O território nacional português tem por si uma história rica, inclusive ao nível da sua cultura urbana, contudo o estudo da história da cidade nunca chegou a desenvolver-se num programa completo, sendo esta, ainda uma área em desenvolvimento escassa, comparativamente a outras historiografias urbanas europeias. Existem ainda no território vazios consideráveis por completar pelo que de certo modo torna-se difícil apontar os diversificados realces, novas direções e géneros na historiografia urbana portuguesa, embora se tenha assistido a um expressivo progresso na história local e regional a partir do século XIX, sobretudo nos locais que possuíam historiadores. Um facto curioso desses “historiadores regionais” é que, como eram poucos os que exerciam esta profissão, por consequência, várias vezes não existia muito rigor nos métodos de investigação. As obras destes historiadores, com pouca formação e falta de rigor na sua investigação, e acima de tudo, tecnologia para desempenhar a sua função, tornaram-se mesmo assim em obras significativas de referência, pois muitas vezes, fundamentaram-se em monografias existentes nos arquivos locais (C. Teixeira, 1993; Rossa, 2002).

No entanto, atualmente já existe uma certa melhoria neste campo, com sinais de mudança na situação em concreto; Portugal tornou-se num país desenvolvido para os parâmetros atuais, apesar de ainda existir uma certa discrepância interna entre o litoral e o interior. Neste contexto, os grandes polos metropolitanos do país, Porto e Lisboa, reúnem esforços para manter a continuidade do apoio a estudos de história local e a financiar a publicação das mesmas tanto em livros como através de revistas especializadas e municipais. Tendo como exemplo, o município do Porto atua sob estas medidas de preservação e investigação facultando financiamento para estudos de locais e para publicação de revistas de carácter histórico, como é o caso do *Boletim Cultural*, incluindo artigos relacionados com a história do município, e também caso do *Documentos e Memórias para a Cidade do Porto*. (C. Teixeira, 1993)

Neste cenário a autarquia de Lisboa, mantém igualmente uma atitude semelhante à cidade invicta na preservação e promoção do estudo da cidade com publicações de estudo numa editorial própria e na Revista Municipal, concessionado através de financiamento da própria autarquia. Neste caso, quer na cidade nortenha quer na capital, existem na sua estrutura autárquica gabinetes próprios de investigação destinado aos estudos da respetiva cidade; iniciativas que inspiraram outros municípios portugueses a formar os seus próprios gabinetes de estudo da cidade, e por isso, a nível local, pode-se encontrar recursos que, pelas mais variadas razões, não foram ainda intensivamente explorados nem integrados na história urbana portuguesa. (C. Teixeira, 1993)

Assim como em noutras partes espalhadas pela Europa, os primeiros assentamentos no território hoje conhecido, como Portugal remontam ao Neolítico, passando pela ocupação celta. Os existentes aquando da conquista romana no século II a. C., que, devido à sua importante localização geográfica, transformaram-se em cidades importantes na ibéria romanizada, como Chaves, Évora, Beja e Santarém mostram marcas deste período dos césores, nas cidades, como o caso do “*Templo de Diana*” em Évora, ou das ruínas de Conímbriga, perto de Condeixa (C. Teixeira, 1993).

O período medieval tem despertado interesse, porque, para além dos novos desenvolvimentos urbanos anteriormente extintos, como os romanos e muçulmanos, e das novas tecnologias aplicadas à época, Portugal foi pioneiro nas descobertas marítimas dos séculos XV e XVI. Este período veio estabelecer uma nova fase no desenvolvimento urbano português, na aplicação da lei das Índias nos territórios conquistados, e na importância dada ao litoral e às cidades portuárias, das quais se vai destacar Lisboa. De realçar que 1755 irá ficar marcado como o ano que muda o desenvolvimento de Portugal face a novos planos urbanos, após o grande terremoto do dia 1 de novembro, que atinge fortemente o território nacional, com especial incidência para Vila Real de Santo António

e para Lisboa. Neste sentido urge uma reconstrução rápida e barata, da capital. A tão necessitada reconstrução, intensifica o interesse pela história e cultura urbana, e é aqui, que se foca um maior interesse neste tópico: o plano urbanístico de Lisboa, mais focado na reconstrução da Baixa. Para alguns autores, trata-se do maior e melhor exemplo de urbanismo planeado em Portugal, sendo igualmente um claro exemplo de grande importância no panorama urbanístico europeu (C. Teixeira, 1993).

## **9.2 Lisboa e a Baixa Pombalina**

Lisboa, capital de Portugal principal centro comercial e portuário ativa no período dos descobrimentos, é uma cidade que vive da história. Tomada constantemente por vários, povos, tribos, impérios, como os fenícios ou romanos (207 a.C.), os visigodos em 419 ou os muçulmanos, estes últimos que permaneceram 400 em Portugal, no seu califado islâmico, entre 714 e 1147. De referir que, pelo que à data se conhece, período islâmico não terá trazido a destruição das muralhas existentes, mantendo a cidade as muralhas anteriores até 1373, data em que D. Fernando, com o apoio dos castelhanos, expandiu a muralha da capital, chegando a nova cintura a perfazer uma área de cerca de 100 h.. A modificação maior no seu interior irá ocorrer após o terramoto, sendo bastante significativa e muito mais evidente do que por exemplo, a ocorrida em Londres, em 1666, após o grande incêndio e que se explica em boa parte, pela diferença do cenário político entre ambas: Portugal com uma monarquia absolutista, de que o primeiro Ministro, Sebastião Carvalho e Mello (Marquês do Pombal), é o seu instrumento enquanto na Inglaterra, uma monarquia parlamentar, após uma República violenta, onde o rei anterior foi decapitado, ainda a tentar consolidar o seu poder (Teixeira, 1993; Beato, 1996; Morris, 1979).

De forma muito sucinta, este novo plano, alcançado sob a chefia do Marquês de Pombal, e proposto pela equipa de engenheiros do exército, Carlos Mardel, Eduardo dos Santos e Manuel da Maia, aparenta grande simplicidade e ainda hoje formaliza um lugar emblemático da cidades: assente em duas quadriculas que acompanham, em termos de medidas, a largura do vale onde se insere, dentro da corrente iluminista em vigor pela Europa, caracteriza-se por possuir uma rede viária dividida em 3 vias mais importantes, algumas com ornamentação clássica, como é o caso da Rua augusta e que vão ligar as praças a sul e a norte do plano. Com a praça principal a do Comércio, voltada para o rio, o plano realça as vistas ribeirinhas e possui ainda, não só inovações tecnológicas com a construção antissísmica – gaiola-, como apresenta a inovação de serem fornecidos os

desenhos das fachadas, com a sua decoração renascentista e altura controlada, ficando o preenchimento interior dos edifícios, a cargo dos proprietários (C. Teixeira, 1993; Beato, 1996).

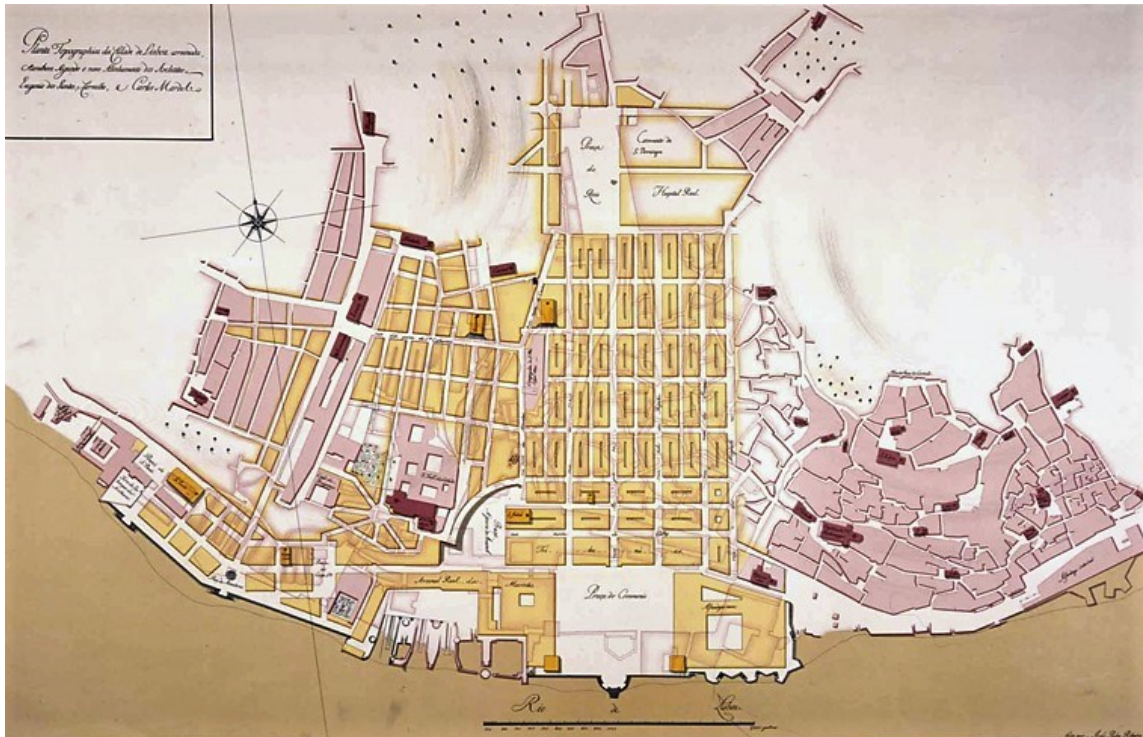


Figura 76 - Plano da Baixa Pombalina em Lisboa (Web 76, 2022)

## 10. Caso de estudo

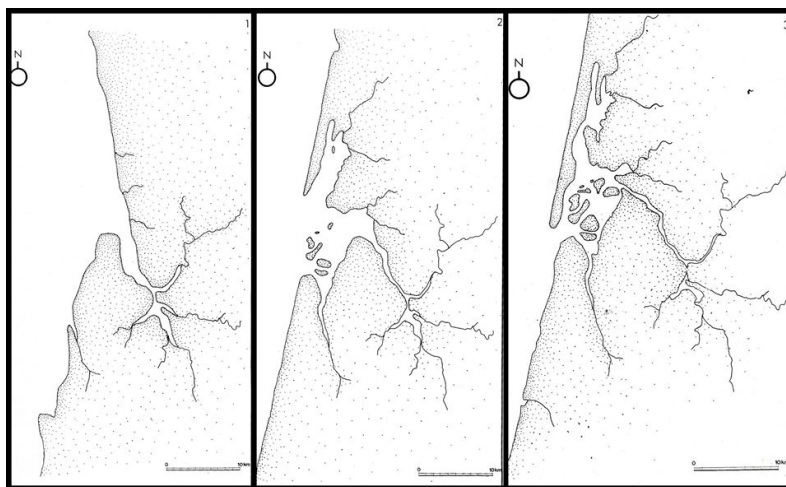
### 10.1 Aveiro

#### 10.1.1 Origem

Não é certa a origem de Aveiro e da sua região, uma cidade costeira, localizada no centro-norte de Portugal. Pensa-se que as suas origens podem, e devem - devido a certos achados arqueológicos - ser muitos mais antigas do que aquilo que se pensa; isto porque, na falta de provas documentais viáveis, existem vestígios que remontam ao Império Romano, encontrados em várias atuais freguesias do concelho, como em Aradas, Cacia, Oliveirinha ou Eixo. Mas algumas provas chegam ainda a ser antecedentes a esse período, correspondendo a tempos primordiais, como o neolítico ou anterior (Curado, 2019; de Aveiro C., Câmara Municipal de Aveiro, s.d.; Pina, 2014).

São várias as áreas de grande interesse arqueológico, com especial destaque a partir do centro histórico, a passar pela Avenida Santa, Joana, a Baixa de Santo António, Bairro do Alboi, antigo bairros e áreas industriais, conventuais e militares, a área de Santiago-Agra do Crasto, que é o local onde se encontra a Universidade e o Bairro de Santiago, e entre muitas outras áreas. Este último é o local do caso de estudo e consequente proposta (Curado, 2019).

No meio de incertezas existenciais, há uma certeza que caracteriza o povo aveirense e as suas origens: a água. Este elemento sempre foi confidente desta população, desde todas as suas raízes hídricas, como canais, rios, o mar ou a própria ria que caracteriza esta cidade. Com todas estas características naturais, Aveiro sempre se identificou pela sua posição geográfica, que permitia fácil navegação, e acima de tudo, almejar potencialidades económicas (Curado, 2019; Gaspar, 1997; Pina, 2014).



*Figura 77 - Evolução da costa aveirense com a formação da ria e dos canais (Web 77, jun. 2014)*

### **10.1.2 Desenvolvimento urbano**

A partir do que é documentado, a margem sul do Esteiro do Côjo foi o local onde se fixou o primeiro aglomerado. Uma comunidade que se estabeleceu numa área mais elevada, onde se encontravam e verificavam os principais edifícios e atividades económicas. Esta área, a partir da Igreja Matriz de São Miguel, do eixo principal, desenvolveu-se perpendicularmente ao Esteiro (Curado, 2019; de Aveiro C., ORU, 2019; Arroiteia, 2015).

Aveiro sofreu um incêndio devastador, pelo que no início do século XV foi erigida uma muralha, que não pretendia ser sinónimo somente de proteção, mas também de grandiosidade e honra, oferecendo à cidade um sentido de segurança e nobreza. A muralha, hoje inexistente na sua quase totalidade, caracterizava-se pelo seu estilo medieval e as dimensões que ela ocupava, cerca de 115.000 m<sup>2</sup> (Curado, 2019; Arroiteia, 2015).

A muralha, prontamente identificável, devido ao funcionamento que desempenhava de albergar os principais edifícios como a igreja, os paços do concelho, hospital, judiaria, também tinha a função de delimitar a separação das classes sociais, de forma territorial, sendo que a população nobre, caracterizados por praticarem atividades urbanas viviam intramuros. Ao passo que a restante população de classe baixa, como os pescadores e os mareantes, vivia e explorava a sua atividade económica fora dos muros (Curado, 2019; Arroiteia, 2015; Gaspar, 1997).

Apesar de muitas incertezas e teorias, a mais defendida é a de que, a ideia e iniciativa de construção da Muralha partiu do senhorio da Vila de Aveiro: o Infante D. Pedro, filho de El-Rei D. João I e da rainha D. Filipa de Lencastre. Apesar da incerteza de ser realmente a mente por detrás desta construção, é inegável o facto de que o impulso da construção da mesma se deu ao Infante, assim como o grande impulsionador do desenvolvimento da vila a nível urbano, económico, social e religioso. O ano da sua construção continua uma incógnita, apesar de 1418 ser um ano tido em consenso, mas pelo menos desde 1413 que se encontram registos em documentos reais de D. João I, que abordam obras associadas a “cercas, muros e torres” (Curado, 2019).

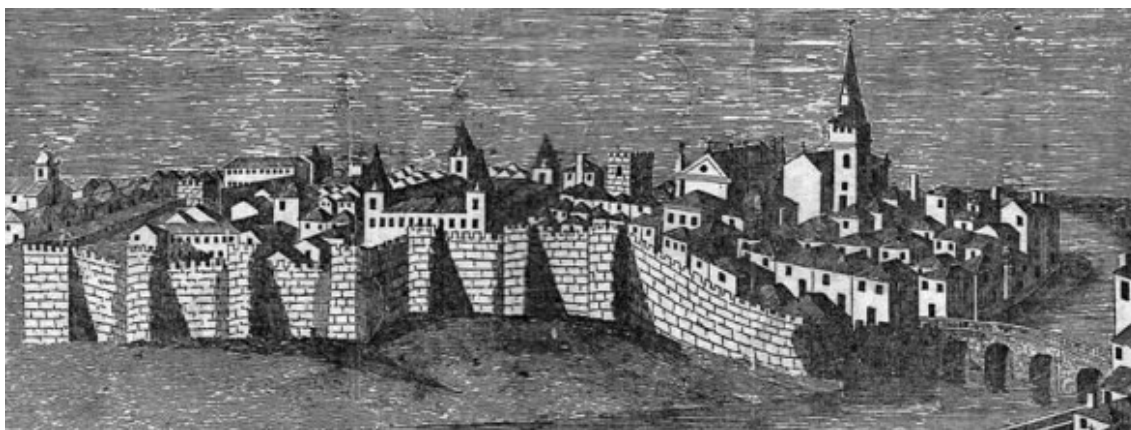
Sem surpresas, a muralha de Aveiro definia-se por um carácter típico medieval e tinha uma forma hexagonal irregular, muito semelhante à muralha da Cidade Santa de Jerusalém; isto é sabido devido ao facto do Infante D. Pedro ter lá estado, isto numa das suas viagens para fora do Reino. Mas as muralhas são similares não apenas na sua forma, mas também na sua constituição, com 9 portas – 12 se se considerar 3 delas sendo duplas – localizadas em vários pontos da vila e considerados estratégicos, como a porta da vila,

do Sol, do Alboi, da Ribeira, do Campo, do Cais (ou Norte), de Vagos, de Rabães e do Côjo, não estando necessariamente por ordem de seguimento e ainda assim, a muralha dispunha ainda de outros elementos, como postigos, numerosas torres, escadas e terraços (Curado, 2019; Gaspar, 1997).

As duas principais vias de entrada para a Vila eram pelas portas da Vila e da Ribeira, que eram as duas artérias mais importantes por fazerem ligação por terra e por mar. E assim a muralha perdurou durante cerca de três séculos, até que, em 1759, a muralha, apesar de ainda estar em bom estado de preservação, começou a apresentar algum desgaste e deterioramento com alguns sinais de ruínas, que segundo vários autores, se deu ao facto da falta de aposta política e social para a sua manutenção e preservação aliada à necessidade de pedra para outras construções. À falta de razão política, foi dada ordem de demolição e (re)utilização dos restos materiais em 1806, cerca de 400 anos após o início da sua construção (Curado, 2019; Arroteia, 2015).

A malha urbana, em pleno século XV, é claramente de cariz medieval, que tinha a Rua Direita, com início na porta da Vila, percorrendo todo o comprimento que continuava pela Rua da Costeira, como as principais artérias, da vila, que ligava as duas principais portas: da Vila e da Ribeira. Outras ruas e arruamentos perpendiculares secundárias a esta via principal, levavam às restantes portas da vila, com menor grau de importância (Curado, 2019; Arroteia, 2015).

Dentro da cidade intramuros, o património é rico e expressivo, principalmente o religioso, decorrente da fixação estrutural de dois conventos dominicanos, como os mais antigos da cidade. De seguida, logo do lado de fora da cidade intramuros, é erigido o Convento de São Francisco, convergente à ribeira que percorre junto à ribeira até chegar ao cais do Alboi – hoje um dos bairros mais identificativo da cidade de Aveiro -, saindo em direção de Ílhavo, a partir da Porta de Vagos (Curado, 2019).



*Figura 78 - Gravura da cidade medieval de Aveiro e a sua muralha atualmente maioritariamente destruída (Web 78, 2022)*

A área do Alboi situada na parte baixa da cidade, fora da muralha, teve grande impacto socioeconómico junto da comunidade aveirense, isto quando atraiu a fixar uma população de estrangeiros, baseados em ingleses e neerlandeses, pela sua grande capacidade comercial (Curado, 2019; Arroteia, 2015; Gaspar, 1997).

Mas o assentamento dos edificadros de ordem religiosa, teve igualmente um papel importante na estabilização da cidade, impulsionando para o movimento de habitantes e a sua fixação nesta área geográfica, que foi bastante, especialmente por artífices, que se estabeleceram nas proximidades exteriores da muralha, assim como pelo facto de os conventos tratarem-se também de fontes de trabalho e rendimento. Mas não só de artesãos se vivia, até porque os conventos dispunham de áreas verdes bastantes generosas para cultivo. No século posterior (XVI), a população do centro urbano, dedicava-se a atividades que viriam a ser características da região, como a atividade marítima, desde a pesca ou à exploração do sal. Nesta área, encontravam-se palheiros e edificações de escala menor, e que ainda hoje, se podem ver vestígios, estendendo-se em ruas estreitas até ao e pelo canal de São Roque (Curado, 2019; Gaspar, 1997).



*Figura 79 - Ruína da muralha praticamente destruída (Web 79, 2022)*

A área da Vila Nova, atualmente identificada como o bairro da Beira-Mar, localizada a norte foi a primeira área da vila que nasceu fora da muralha, expandindo-se em grande escala a partir do século XV. A área a sul, na designada cidade alta, junto ao Cojo, era designada pela atividade cerâmica, e que por hoje ainda se mantêm vestígios, isto mais recentes, mas que mostram que a atividade perdurou naquela área até vários séculos posteriores (Curado, 2019; de Aveiro C., ORU, 2019).

Por esta altura, a área dentro das muralhas não se define apenas ao centro urbano, este estende-se para o seu exterior, com o estabelecimento de população piscatória e atividade marítima, que cresce nas margens ao Esteiro do Cojo. Este aglomerado, de crescimento espontâneo, tem esta particular localização no seguimento da rua direita que se encontra dentro da muralha, devido à localização de estruturas para as suas atividades mercantis, mas também devido ao fator de que outros locais como o Rossio serem áreas pantanosas e de lodo, pelo que não existia possibilidade nem capacidade de sustentação para a construção das suas habitações. Desta feita, a cidade de Aveiro vai-se compondo, e ganhando destaque, não só pela sua expansão para lá da muralha, mas também pela chegada de uma ilustre da realeza. Santa Joana Princesa, padroeira e protetora de Aveiro, filha do rei Afonso V, chega como infanta para entrar no Convento de Jesus, onde lá permaneceu até à sua morte; a sua chegada chamou à atenção sobre a vila à época, que veio ajudar no processo de desenvolvimento da cidade (Curado, 2019; de Aveiro C., Câmara Municipal de Aveiro, s.d.; de Aveiro C., ORU, 2019).



*Figura 80 - Plano atual da cidade de Aveiro com a sua malha irregular (Web 80, 2022)*

### **10.1.3 Importância económica do mar**

A atividade marítima, ou a que de certa forma dependia da água, constituiu desde o seu primeiro momento uma condição vital para, não só o desenvolvimento, mas para a sustentação da comunidade aveirense. Prova disso foram as obstruções da barra de Aveiro, primeiro em 1575, e depois em 1787, que criaram várias problemáticas na questão urbana, como insalubridade, declínio de poder económico e demográfico, provocando recessão económica na região. A construção de uma nova barra, no século XIX, veio estabilizar a região e a sua economia, resultando no desenvolvimento comercial e industrial, assim como o denominador populacional, voltou a aumentar. Ao longo deste século, Aveiro continua a desenvolver-se, com a implementação de novas estruturas, como a primeira estação e caminho de ferro em 1846, mas esta encontra-se fora de mão do centro da cidade e dos polos hídricos da cidade, pelo que é necessária uma forma de servir estes núcleos. A solução surge em 1918, com a construção da grande avenida central da Cidade, que liga a estação à outra ponta da cidade. A avenida, é desenhada de forma a simbolizar os Boulevards parisienses, larga, ampla e com vegetação. A única diferença entre estes Boulevards é unicamente a disposição das árvores; na avenida Dr. Lourenço Peixinho as árvores encontram-se no separador central, Em Paris encontram-se nos passeios laterais. A avenida torna-se no ponto de fixação da classe burguesa, com a construção de habitações, construídas à medida dos seus estatutos, e consequente construção de grandes imóveis com habitação, comércio e serviços. A partir deste ponto, Aveiro desenvolve-se com o auxílio de planos. Os últimos anos, vêm a demonstrar uma intensa crescente a nível de novas estruturas, a começar a nascente e depois a sul, pela construção de equipamentos de ensino e de novos bairros residenciais, como se encontra ao longo da via Mário Sacramento. (de Aveiro C., ORU, 2019; Arroteia, 2015; de Aveiro C. M., 2020).

Aveiro, sem se saber precisar quando, sabe-se que remonta a origens bastantes antigas. Longe da malha regular ortogonal, Aveiro apresenta por isso um plano de modelo rádio concêntrico, influenciado pela organização central e das suas funcionalidades primárias. Outro fator para este tipo de desenvolvimento urbano deve-se a Aveiro se localizar num local pantanoso, que não permite construir mais a Oeste ou Norte, onde se encontram as Salinas. O desenvolvimento da cidade baseia-se consoante a definição em 3 anéis periféricos, que à medida que se afasta do núcleo da cidade, a dinâmica é menor, que resulta num desenvolvimento mais pobre. A partir do centro, à medida que se expande pelos anéis, o crescimento demográfico regride, assim como as atividades económicas são menores ou com menos mão de obra, definindo em zonas semirrurais e zonas rurais. Portanto, com um desenvolvimento urbano orgânico a partir do seu núcleo central, Aveiro prende-se por duas formas morfológicas de assentamento:

nucleado e linear. O assentamento nucleado, define-se por um desenvolvimento orgânico, construindo uma malha urbana densa, e construída em torno de polos cívicos como praças ou igrejas; caso deste último. No caso de assentamento linear, define-se pelo desenvolvimento estrutural em linha ao longo das vias, nas aproximações dos polos importantes ou núcleos. (Arroteia, 2015; de Aveiro C. M., 2020)



*Figura 81 - Avenida Lourenço Peixinho em Aveiro, cerca da década de 1920 (Web 81, out. 2017)*

#### **10.1.4 Malha ortogonal dos Bairros**

O últimos 50 anos vieram introduzir um planeamento de carácter mais ortogonal, na implementação deste tipo de planificação nos bairros aveirenses. O primeiro foi o Bairro do Liceu, nos inícios da década de 70. O bairro veio revolucionar a imagem da cidade, com um novo conceito na cidade, nunca antes implementado: uma malha formada de quarteirões longitudinais, com implementação de áreas verdes de utilização coletiva. Estes espaços procuravam criar uma relação espacial com os restantes equipamentos, como as escolas e o centro comercial criado para servir as necessidades diárias da população do novo bairro, que para além deste propósito, gerou movimentação e exploração urbana (de Aveiro C. , PDM Plano Diretor Municipal Aveiro, 2019).

Posteriormente, na mesma década surge outro bairro, neste caso o de caso de estudo e consequente proposta deste trabalho: o Bairro de Santiago. Este, pretende seguir uma linguagem semelhante ao último, com a diferença de se tratar de um bairro de habitação social (de Aveiro C. , PDM Plano Diretor Municipal Aveiro, 2019).

## **10.2 Objeto de estudo e proposta**

O Bairro de Santiago, pretende seguir uma linguagem semelhante ao do Liceu, perante a diferença de se tratar de um bairro de habitação social. Para além do carácter social, o Bairro de Santiago pretendia integrar-se com as várias referências urbanas da sua envolvente. É um bairro que pretende seguir uma malha regular, partindo do paralelismo com a Rua Mário Sacramento. A sua forma pretende igualmente servir e ser servido através de vias lineares com os equipamentos envolventes como o hospital, escolas e equipamentos lúdicos. O plano deste bairro, alberga ainda o prolongamento do parque da cidade para o seu interior, gerando um espaço interno verde de 70 metros, com equipamentos de apoio ao habitante, 4 praças que nunca chegaram a ser construídos. O plano previa uma intervenção de 20 hectares que serviriam edifícios entre os 3 e 5 pisos distribuídos por 1600 fogos; no entanto, o plano inicial foi interrompido, com a construção do Campus Universitário, que veio a retirar área a poente, inicialmente previstas para o projeto do bairro social. Esta circunstância veio trazer transtorno, no sentido de que, o bairro sofreu uma massiva densificação, derivada à perda de espaço e ao aumento da profundidade e disponibilidade no terreno dos edifícios construídos. Apesar desta contrariedade, os anos vindouros tinham muito a trazer para a melhoria, tanto da imagem do bairro como da sua urbanidade, da sua vida social, com a construção da própria universidade, mas também com o centro comercial Glicínias. Estes equipamentos tinham, na teoria, o sentido de mudar a imagem, promover uma maior integração entre a comunidade, mas até ver, o bairro foi-se transformando a certo ponto, a ser visto como um espaço afastado da sociedade apesar de estar integrado na sua malha urbana, com a desintegração social e a delinquência ali promovida.



Figura 82 - Plano atual do bairro de Santiago, smiga (Web 82, 2022)



*Figura 83 - Degradação das habitações sociais do bairro (Web 83, 2022)*

*Figura 84 - Vista de uma das vias que servem o bairro (Web 84, 2022)*

*Figura 85 - Vista do anfiteatro degradado no parque do bairro (Web 85, abr. 2020)*



*Figura 86 - Vista área do bairro (Web 86, mar. 2022)*

*Figura 87 - Edificação social em mau estado (Web 87, mar. 2022)*

*Figura 88 - Entrada lateral para o parque do bairro (Web 88, jul. 2017)*



*Figura 89 - Área de estacionamento comum com vias sem manutenção (Web 89, jul. 2017)*

*Figura 90 - Vista a partir do parque (Web 90, jul. 2017)*

*Figura 91 - Condições negligentes do património construído (Web 91, jul. 2017)*

Portanto é minha intenção, para este trabalho no âmbito da dissertação final, realizar um projeto de requalificação urbana para oferecer uma nova imagem urbana, social e cultural ao Bairro de Santiago, bem mais merecida que a negligência com que a população vive atualmente.

Antes de proceder à explicação, fica a nota de que devido à falta de elementos completos do local, o ficheiro utilizado encontrava-se incompleto, curvas de nível em falta e respetivas cotas, pelo que o projeto foi realizado com consulta aproximada através de meio virtual, através dos valores georreferenciados providenciados pelo Google Earth.

A malha atual do local até que pode ser entendida como regular e retilínea, uma estrutura razoável, contudo, não serve corretamente nem os habitantes nem quem usufrui dos espaços, seja eles pedestres ou de automóvel. Atualmente o bairro caracteriza-se como um bairro de cariz social na sua íntegra, com vias que vão dar lugar às mesmas vias perpendiculares, com zona verde e desportiva em más condições e desapropriadas, uma escola junto ao jardim e sem comércio relevante, tirando o local, como cafés, mercearias ou pastelarias. Tem vias menores que atravessam as zonas habitacionais interligadas às vias principais do bairro. A nível de transporte público passa uma das linhas municipais, servindo por isso, e bem, a população.

Não obstante, o local precisa de uma nova identidade tendo em vista as ambições populares e municipais. Portanto, proponho um novo plano caracterizado por uma métrica, uma malha regular, mas com tendência para uma certa irregularidade. A nova imagem cénica do bairro rege-se por uma nova via viária única, centrada diagonalmente comparado ao plano viário original e sem vias menores interligadas entre si, como se pode verificar na planta proposta.

A zona verde existente mantém-se intacta no seu local pré-existente, com uma implementação de uma praça central e com a área verde a expandir-se e a ligar diretamente até ao Parque da cidade Infante D. Pedro; para isso fechou-se a faixa viária perpendicular que ligava a Avenida Mário Sacramento à rotunda da universidade. No entanto, a ideia passa por manter o mesmo cruzamento, no entanto numa vertente subterrânea com a construção de um túnel, como se pode verificar na secção de corte 3.

A intenção de uma única via rodoviária prende-se por uma razão mais sustentável, numa altura em que verificamos cidades e capitais europeias a fechar vias de modo a transmitir uma mensagem mais positiva em termos ecológicos e incentivar as pessoas a usar meios mais beneficiários, tanto para a saúde da pessoa como do meio ambiente. Portanto a ideia passa por implementar o conceito em Aveiro a começar pelo bairro. Deste modo, a faixa serve a todos, mas com particular foco nos moradores,

transportes públicos e de emergência. A via central, com ciclovia, começa pouco abaixo da saída da rotunda do centro comercial Glicínias, e percorre uniformemente até ao hospital. Nas condições atuais, o acesso a este serviço é mais demoroso, com vias e contra vias, o que gere muita inconveniência em caso de emergências. O edificado construído assume uma morfologia desenhada a partir da faixa, e todos os edificados juntos à faixa servem não só de habitação, com o seu primeiro andar destinado a comércio e serviços. O edificado centrado com a praça é um local cultural. Próximo ao ISCIAA e piscinas o edificado serve como uma nova residência para alunos. A escola primária que existia no bairro estabelece-se com novas instalações e ginásio no espaço que hoje se encontra vago e no espaço de um dos restaurantes da cadeia americana de *fast-food* McDonalds. A piscina municipal, que se encontrava em abandono, mantém o seu espaço inicial mas como uma nova arquitetura. No plano original da câmara, a piscina, originalmente do S.C. Beira-Mar, será para destruir e vender a propriedade. Porém, junto a tamanha zona movimentada e com uma comunidade académica preponderante, acho importante manter um ponto de lazer e lucrativo à região, isto quando até há uns anos atrás, Aveiro tinha uma das câmaras municipais mais endividadas do país, e além do mais que, durante o inverno, a praia não é o plano habitual da população, mesmo que a vontade de dar um mergulho seja grande.

Algumas infraestruturas como a escola básica dos 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> ciclos de João Afonso, o quartel do Bombeiros-Velhos e a Junta de Freguesia da Glória e a Cruz Vermelha Portuguesa de Aveiro vão manter o seu lugar no novo plano.

Faz já alguns anos que a cidade quer estabelecer um Hospital Universitário para expandir o hospital atual e para abrir novos cursos na Universidade de Aveiro, principalmente o de medicina, porém nada viu a luz do dia, portanto para este projeto proponho o novo Hospital Universitário no terreno adjacente ao Hospital Infante D. Pedro e que pertencia antes ao Estádio Mário Duarte. Esse espaço é utilizado atualmente como um parque automóvel em terra, propondo assim passar um parque automóvel alcatroado e com canteiros verdes para junto à escola básica do outro lado do novo Hospital Universitário. Quanto à área perpendicular à Avenida Mário Sacramento, uma intervenção é feita de igual modo. Atualmente é uma área concentrada de edifícios antigos e ultrapassados, sem qualquer área verde ou aberta, por isso, como se pode verificar na planta geral e na secção de corte 2, a proposta compreende 4 blocos edificados com habitação, comércio e serviços, a construção de uma grande área verde de transição que faz a ligação desde a Avenida à Praça central do bairro. É proposto ainda um edificado para uma área empresarial ou de serviços/comércio ou mesmo um museu.

No entanto, o espaço é destinado para uma área de utilidade pública, e ainda a área de estacionamento público, destinado a visitantes e populares.

Quanto à malha no geral do projeto proposto, como foi dito, identifica-se como uma malha regular retilínea e irregular. Isto quer dizer que, este novo espaço edificado é construído em blocos, blocos de edifícios com um pátio central comum, ou em edificado seguindo uma vertente retilínea. Como o lado exterior não apresenta espaço de estacionamento com o princípio de não gerar inconveniência ao usuário do espaço, o estacionamento privado dos habitantes será subterrâneo, sem qualquer destaque para o presente trabalho. O acesso é feito por entradas paralelas à faixa viária.

Esta área pretende-se que seja uma área que englobe uma comunidade mista, de famílias de baixos rendimentos a famílias com rendimento mais elevado, a estudantes, e acima de tudo que respeite o espaço, a luz solar, e aos espaços verdes, com mais espaços que o que existe atualmente e que sirvam todos os blocos.

Este projeto proposto, que abrange mais ação social, cultura, mais investimento na economia local e regional, tecnologia e indústria empresarial, isto já numa área de grande interesse com todas as infraestruturas já existentes atualmente, é visto como mais um passo na candidatura da cidade para o seu objetivo de Capital Europeia da Cultura 2027.



*Figura 92 - Logótipo de candidatura de Aveiro a Capital Europeia da Cultura 2027 (Web 92, nov. 2020)*

## Conclusão

A cidade e o meio urbano são, definitivamente, um espaço construído pelo homem e para o homem, à sua imagem. A evolução urbanística revolucionada durante o período clássico greco-romano e a restauração desse período através do movimento estilístico como o Renascimento, permitiu chegar ao nível de hoje, apesar de haver muitas falhas e ainda algumas desvantagens a serem contornadas.

Contudo é inegável a qualidade que hoje se desfruta, graças a um maior estudo e aplicação de valores urbanísticos e urbanos que a propiciam, facilitando a vida em comunidade, e que abrangem todos os elementos importantes para tal, desde as suas infraestruturas até à sua disponibilização e distribuição na malha urbana, de acordo com o que o meio natural e geográfico permite.

Aveiro, cidade que acolhe o objeto de estudo, é uma cidade em constante expansão, mas ainda com muitas desvantagens, algumas fruto de decisões camarárias questionáveis, que conduziram um atraso no desenvolvimento do potencial da cidade. Apesar disso, é incontornável admitir que Aveiro tem um problema, um problema de cariz natural de vertente hidrográfica: a ria, já que, em termos meramente dimensionais, a cidade de Aveiro tem cerca de 45 km<sup>2</sup>, uma área maior do que a cidade do Porto, no entanto, cerca de metade desse território é dominada pela ria e as suas salinas e campos pantanosos, que não permitem a construção nem a expansão urbana. À cidade de Aveiro resta apenas aproveitar e melhorar o espaço urbano já existente, como é exemplo, o Bairro de Santiago, objeto de estudo, escolhido por ser um espaço central, que se considera com grande oportunidade de (r)evolução.

Assim sendo, com o que desta dissertação foi retirado com o estudo desde os primórdios da civilização urbana, da análise e reflexão desses momentos, nomeadamente do modo de construir e da sua evolução, procurou-se aplicar os princípios de uma boa prática urbana, que procuraram novas formas e métodos pertinentes a aplicar no objeto de estudo, o Bairro de Santiago, visando não só a melhoria da qualidade de vida e das infraestruturas mas procurando “empoderar” a população, prestigiando-a, contribuindo para o aumento do seu orgulho.

Da leitura e estudo do passado urbano, é possível aumentar a sustentabilidade das cidades, das suas populações, aplicando soluções adaptadas à tecnologia atual, mas que se baseiam na reflexão de conceitos como a escala, a simetria, a integração das vantagens do campo, entre outros, que foram aplicados em períodos de considerável sucesso e que, sobre outras roupagens podem estar presentes na cidade atual.

A solução apresentada para o Bairro em estudo, resulta da busca reflexiva, dos momentos de sucesso urbano “adaptados” à realidade geográfica do local.

Para um futuro próximo ir-se-á completar o projeto de forma que este possa fazer parte do pacote de intenções inovadoras, da candidatura de Aveiro a Capital Europeia da Cultura 2027.

## Bibliografia

- Alexander, A. (2009). *Britain's New Towns: Garden Cities to Sustainable Communities*. Londres: Routledge.
- Arroteia, J. C. (2015). Município de Aveiro: Vademecum geográfico. 338. (J. C. Arroteia, Ed.) Aveiro.
- Beato, C. (1996). *História das cidades planeadas, Provas de aptidão científica e pedagógica apresentadas à Universidade da Beira Interior*.
- Benevolo, L. (1983). *História da Cidade*. São Paulo: Editora Perspetiva.
- Benevolo, L. (2011). *A cidade e o Arquiteto*. Lisboa: Edições 70.
- Bowie, D. (2016). *The Radical and Socialist Tradition in British Planning: From Puritan colonies to garden cities*. Londres: Routledge.
- C. Teixeira, M. (1993). *A história urbana em Portugal. Desenvolvimentos recentes*. Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa.
- Carlos, R. A. (2013). *A ville Verte de Le Corbusier como sistema: uma perspetiva centrada no parque*. Tese de Doutoramento, Universidade do Minho.
- Carvalho, J. (2003). *Formas urbanas*. Minerva Coimbra.
- Curado, M. J. (2019). *Evolução Urbana de Aveiro: Espaços e Bairros com Origem entre os séculos XV e XIX (1 ed.)*. Aveiro, Aveiro, Portugal: SANA.
- de Aveiro, C. (2019). *Operação de Reabilitação Urbana: Programa Estratégico de Reabilitação Urbana*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro.
- de Aveiro, C. (2019). *PDM Plano Diretor Municipal Aveiro*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro.
- de Aveiro, C. (s.d.). *Câmara Municipal de Aveiro*.
- de Aveiro, C. M. (2020). *Relatório sobre o Estado do Ordenamento do Território Aveiro*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro.
- Fernandes, M., & Mendes, R. (2013). *A apropriação tropical da Cidade-Jardim - o caso moçambicano*. Universidade do Porto, Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, Porto.
- Gaspar, J. (1969). A morfologia urbana de padrão geométrico na Idade Média. 4.
- Gaspar, M. J. (1997). *Aveiro na História*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro.
- Giedion, S. (2004). *Espaço, tempo e arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição*. São Paulo: Martins Fontes.
- Gordon Childe, V. (1979). *La Prehistoria De La Sociedad Europea*. Barcelona: ICARIA Editorial.
- Gordon Childe, V. (1996). *Los orígenes de la civilización*. México: Fondo de cultura Económica.

- Gympel, J. (1996). *História da Arquitetura: Da Antiguidade Aos Nossos Dias*. Colónia: Könemann Verlagsgesellschaft.
- Hall, P. (1999). *Cities in History*. London: Orion Books.
- Hardy, D. (1991). *Campaigning for Town and Country Planning 1899-1990: From Garden Cities to New Towns*. Londres: Routledge.
- Harouel, J.-L. (2004). *História do urbanismo* (4ª ed.). Campinas, São Paulo, Brasil: Papirus Editora.
- Jacobs, J. (1970). *The Economy of Cities*. New York: Vintage.
- Jha D., J. (2006). *Prehistory and Protohistory of India*. New Delhi: D.K. Printworld.
- Le Goff, J. (1992). *O Apogeu Da Cidade Medieval*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lefebvre, H. (2003). *The urban revolution*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Mellaart, J., W. (1967). *Çatal Hüyük: A Neolithic Town in Anatolia*. New York: McGraw-Hill.
- Morais, L. F. (Maio de 2015). *Revitalização da Baixa Pombalina: Proposta de Humanização*. Dissertação, Técnico de Lisboa, Arquitetura, Lisboa.
- Morris, A. (1979). *Historia de la forma urbana; desde sus orígenes hasta la revolucion industrial*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Mumford, L. (2004). *A cidade na história* (4ª ed.). (N. R. da Silva, Trad.) São Paulo, São Paulo, Brasil: Livraria Martins Fontes.
- Pevsner, N. (1982). *Panorama da arquitetura ocidental*. São Paulo: Martins Fontes.
- Pina, J. C. (Setembro de 2014). *A Cidade do Sal: Um contributo para a integração das salinas no espaço urban de Aveiro*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra, Departamento de Arquitetura da FCTUC, Coimbra.
- Possehl, G. (s.d.). *Harappan civilization and Rojdi*. American Institute of Indian Studies.
- Rgan, G. (2004). *Imagem e persuasão: ensaios sobre o barroco*. São Paulo: Companhia das letras.
- Rossa, W. (2002). *A urbe e o traço. Uma década de estudos sobre o urbanismo português*. (L. Almedina, Ed.)
- Rutherford, S. (2014). *Garden Cities*. Oxford: Shire Publications.
- Seddon, C. (2018). *Humans: from the beginning: From the first apes to the first cities* (2 ed.). London: Glanville Publications.

## Páginas Web

Web 1 – Vemaps. URL: <https://vemaps.com/world/wrld-05> . Consultado em novembro de 2021.

Web 2 – Visión Histórica de la Ciudad I. URL: <https://sites.google.com/site/visionhistoricadelaciudad/1ciudad-antigua/ciudades-mesopotamicas/2-1-la-ciudad-de-los-dioses?overridemobile=true> . Consultado em outubro de 2022.

Web 3 – Chegg. Arc 315 – Exam 1. URL: <https://www.chegg.com/flashcards/arc-315-exam-1-f3c09e47-3776-4365-82bc-804a818c4a17/deck> . Consultado em outubro de 2022.

Web 4 – ResearchGate. The Topography of the Temenos at Ur and Its Changes from the Third Dynasty to the Kassite Period by Martin Gruber. URL: [https://www.researchgate.net/figure/Schematic-elevation-model-of-the-temenos-at-Ur-during-the\\_fig5\\_323279447](https://www.researchgate.net/figure/Schematic-elevation-model-of-the-temenos-at-Ur-during-the_fig5_323279447) . Consultado em outubro de 2022.

Web 5 - Chegg. Arc 315 – Exam 1. URL: <https://www.chegg.com/flashcards/arc-315-exam-1-f3c09e47-3776-4365-82bc-804a818c4a17/deck> . Consultado em outubro de 2022.

Web 6 - Chegg. Arc 315 – Exam 1. URL: <https://www.chegg.com/flashcards/arc-315-exam-1-f3c09e47-3776-4365-82bc-804a818c4a17/deck> . Consultado em outubro de 2022.

Web 7 – Erenow. Ancient History & Civilisation. A city and its ghosts. Babylon: Legend, History and the Ancient City. URL: <https://erenow.net/ancient/babylon-legend-history-and-the-ancient-city/1.php> Consultado em outubro de 2022.

Web 8 – Ministère de la Culture. Babylone. La ville du roi: Le complexe palatial de Babylone. URL: <https://archeologie.culture.gouv.fr/babylone/fr/complexe-palatial-babylone> . Consultado em outubro de 2022.

Web 9 – AramcoWorld. The Hidden Treasures of Nubia. URL: <https://www.aramcoworld.com/Articles/April-2020/The-Hidden-Treasures-of-Nubia> . Consultado em outubro de 2022.

Web 10 – Urbagram. A short History of Intersections. URL: [https://www.urbagram.net/v1/revision/A\\_short\\_History\\_of\\_Intersections\\_rev\\_1/](https://www.urbagram.net/v1/revision/A_short_History_of_Intersections_rev_1/) . Consultado em janeiro de 2022.

Web 11 – Erenow. Ancient History & Civilisation. The Complete Cities of Ancient Egypt. The Memphite Region. URL: <https://erenow.net/ancient/the-complete-cities-of-ancient-egypt/38.php> . Consultado em outubro de 2022.

Web 12 - Erenow. Ancient History & Civilisation. The Complete Cities of Ancient Egypt. Amarna – The Complete City?. URL: <https://erenow.net/ancient/the-complete-cities-of-ancient-egypt/38.php> . Consultado em outubro de 2022.

Web 13 – History of Egypt Podcast. Deir el-Amarna. URL: <https://www.egyptianhistorypodcast.com/remaster-episode-05b-sneferus-beauties/> . Consultado em setembro de 2022.

Web 14 – The Huntington Archive on Buddhist and Asian Art. Historical Maps: Neo & Chalcolithic India. URL: <https://huntingtonarchive.org/resources/historicalMaps.php> . Consultado em outubro de 2022.

Web 15 – Brown University Blog Service Site. Archo760 Palaces: Built to Impress. Ground Plans: Akrotiri vs. Mohenjo-Daro. URL: <https://blogs.brown.edu/arch-0760-s01-2019-spring/2019/03/31/ground-plans-akrotiri-vs-mohenjo-daro/> . Consultado em setembro de 2022.

Web 16 – Cambridge University Press. Cambridge Core. The Cambridge World History. Ancient South Asian cities in their regions by Carla M. Sinopoli. URL: <https://www.cambridge.org/core/books/abs/cambridge-world-history/ancient-south-asian-cities-in-their-regions/32F6814E8AEDD16DAA9BFD11CF6AD3C2> . Consultado em outubro de 2022.

Web 17 – SH Website, Short History. Geographical regions of the Ancient Greece. URL: <https://www.shorthistory.org/ancient-civilizations/ancient-greece/geographical-regions-of-the-ancient-greece/>. Consultado em outubro de 2022.

Web 18 – Wikipédia. Arquivo: Mapa da prefeitura de Creta (Grécia). URL: [https://el.m.wikipedia.org/wiki/%CE%91%CF%81%CF%87%CE%B5%CE%AF%CE%BF:Prefecture\\_map\\_of\\_Crete\\_\(Greece\).svg](https://el.m.wikipedia.org/wiki/%CE%91%CF%81%CF%87%CE%B5%CE%AF%CE%BF:Prefecture_map_of_Crete_(Greece).svg) . Consultado em outubro de 2022.

Web 19 – Realm of History. Reconstruction of Knossos: The Fascinating Palace Stronghold of the Minoans. URL: <https://www.realmofhistory.com/2017/06/01/animation-reconstruct-knossos-palace-minoans/> . Consultado em outubro de 2022.

Web 20 – Art History Resources. Bronze Age Architecture on Crete c. 1500-1100 BCE. Knossos. URL: <http://arthistoryresources.net/greek-art-archaeology-2016/knossos.html> . Consultado em outubro de 2022.

Web 21 – National Geographic Education. Greek City-States. URL: <https://education.nationalgeographic.org/resource/greek-city-states> . Consultado em outubro de 2022.

Web 22 – Anna Ramalho. Da praça Tahrir ao ciberespaço. URL: <https://www.annaramalho.com.br/da-praca-tahrir-ao-ciberespaço/> . Consultado em outubro de 2022.

Web 23 - Archaeology Travel. Create your Virtual Tour of the Acropolis in Athens by Thomas Dowson. URL: <https://archaeology-travel.com/virtual-experiences/virtual-tour-acropolis-athens/> . Consultado em outubro de 2022

Web 24 – Cambridge University Press. Cambridge Core. Architecture and Planning in Asia Minor, by Fikret Yegül and Diane Favro. URL: <https://www.cambridge.org/core/books/abs/roman-architecture-and-urbanism/architecture-and-planning-in-asia-minor/F72220AEF4456133455B88C16EA39BBA> . Consultado em outubro de 2022.

Web 25 – Wikimedia Commons. Plano of Miletus in A. Gerkan's Griechische Stadteanlagen, by Wellcome Images. URL: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Plan\\_of\\_Miletus\\_in\\_A.\\_Gerkan%27s\\_Griechische\\_Stadteanlagen\\_Wellcome\\_M0009549.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Plan_of_Miletus_in_A._Gerkan%27s_Griechische_Stadteanlagen_Wellcome_M0009549.jpg) . Consultado em outubro de 2022.

Web 26 – Brewminate: A Bold Blend of News and Ideas. Democracy and Civic Participation in Greek Cities Under Roman Imperial Rule. URL: <https://brewminate.com/democracy-and-civic-participation-in-greek-cities-under-roman-imperial-rule/> . Consultado em outubro de 2022.

Web 27 - Chegg. Arc 315 – Exam 1. URL: <https://www.chegg.com/flashcards/arc-315-exam-1-f3c09e47-3776-4365-82bc-804a818c4a17/deck> . Consultado em outubro de 2022.

Web 28 - Chegg. Arc 315 – Exam 1. URL: <https://www.chegg.com/flashcards/arc-315-exam-1-f3c09e47-3776-4365-82bc-804a818c4a17/deck> . Consultado em outubro de 2022.

Web 29 – The Tour Guy Travel Blog. Astounding Facts About The Acropolis in Athens in 2023. URL: <https://thetourguy.com/travel-blog/greece/athens/acropolis/astounding-facts-about-the-acropolis-in-athens-this-year/>. Consultado em outubro de 2022.

Web 30 - Chegg. Arc 315 – Exam 1. URL: <https://www.chegg.com/flashcards/arc-315-exam-1-f3c09e47-3776-4365-82bc-804a818c4a17/deck> . Consultado em outubro de 2022.

Web 31 – ResearchGate. Astronomical Evidence for the Timing of the Panathenala, by Efrosyni Boutsikas. URL: [https://www.researchgate.net/figure/Plan-of-the-Athenian-Acropolis-The-arrow-shows-the-direction-that-visitors-would-have\\_fig1\\_265695156](https://www.researchgate.net/figure/Plan-of-the-Athenian-Acropolis-The-arrow-shows-the-direction-that-visitors-would-have_fig1_265695156) . Consultado em outubro de 2022.

Web 32 – R/Maps. Historical map of the Roman Empire at its height, 117 AD. URL: [https://www.reddit.com/r/Maps/comments/b3ki6i/historical\\_map\\_of\\_the\\_roman\\_empire\\_at\\_its\\_height/](https://www.reddit.com/r/Maps/comments/b3ki6i/historical_map_of_the_roman_empire_at_its_height/). Consultado em outubro de 2022.

Web 33 – Maps for you. Map of the Roman Forum. Roman Forum Activities Hsie Kingsgrove. URL: <https://mapsdatabasez.blogspot.com/2017/10/map-of-roman-forum.html> . Consultado em outubro de 2022.

Web 34 – ATI, All thats Interesting. Inside Timgad, The Roman Ruins That Were Buried in Algeria’s Desert For 1000 years. URL: <https://allthatsinteresting.com/timgad#27> . Consultado em outubro de 2022.

Web 35 – Socks Studio. A perfect Grid: the Roman Town of Timgad, the African Pompeii. URL: <https://socks-studio.com/2017/06/21/a-perfect-grid-the-roman-town-of-timgad-the-african-pompeii/> . Consultado em outubro de 2022.

Web 36 – Science. From Black Death to fatal flu, past pandemics show why people on the margins suffer most. URL : <https://www.science.org/content/article/black-death-fatal-flu-past-pandemics-show-why-people-margins-suffer-most> . Consultado em outubro de 2022.

Web 37 – ArchiMaps. Map of Paris in 1300. URL: <https://archimaps.tumblr.com/post/75430696837/map-of-paris-in-1300> . Consultado em outubro de 2022.

Web 38 – Deep Heart of France. Monpazier is officially one of France’s “Most Beautiful Villages”. URL: <https://www.deepheartoffrance.com/monpazier-is-officially-one-of-frances-most-beautiful-villages/> . Consultado em outubro de 2022.

Web 39 – Orange. Alain Connangle Page. Monpazier. URL: <http://alain.connangle.pagesperso-orange.fr/HTML/Monpazier.htm> . Consultado em outubro de 2022.

Web 40 – Wikimedia Commons. Plan Aigues Mortes. URL: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Plan.Aigues.Mortes.png> . Consultado em outubro de 2022.

Web 41 – Winchelsea. 1292 Reconstruction of the Rent Rolls into the Medieval Map. URL: <https://www.winchelsea.com/museum/our-collection/> . Consultado em outubro de 2022.

Web 42 – Winchelsea. The Towns of Winchelsea and Monségur. URL: <https://www.winchelsea.com/museum/our-collection/> . Consultado em outubro de 2022.

Web 43 – Wikimedia Commons. Plan of Kingston Upon Hull. URL: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:A\\_plan\\_of\\_Kingston\\_upon\\_Hull.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:A_plan_of_Kingston_upon_Hull.jpg) . Consultado em outubro de 2022.

Web 44 – Cultura Genial. 7 principais artistas do renascimento e suas obras de destaque. URL: <https://www.culturagenial.com/principais-artistas-do-renascimento-e-obras-de-destaque/>. Consultado em outubro de 2022.

Web 45 – História, Política e Literatura. Florença, Berço do Renascimento. URL: <http://hipore.blogspot.com/2012/05/florenca-berco-do-renascimento.html> . Consultado em outubro de 2022.

Web 46 – Blog di Nice Places. Piazza della Santissima Annunziata. URL: <https://www.niceplaces.it/blog/2020/08/piazza-della-santissima-annunziata-firenze/>. Consultado em outubro de 2022.

Web 47 – Wikimedia Commons. Miguel Ângelo: A criação de Adão. URL: [https://pt.wikipedia.org/wiki/A\\_Cria%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_Ad%C3%A3o#/media/Ficheiro:God2-Sistine\\_Chapel.png](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Cria%C3%A7%C3%A3o_de_Ad%C3%A3o#/media/Ficheiro:God2-Sistine_Chapel.png) . Consultado em outubro de 2022.

Web 48 – Roma Dal Bolognese. Piazza del Popolo: 3 Curiosità sulla piazza più famosa di Roma. URL: <https://roma.dalbolognese.it/piazza-del-popolo-roma/>. Consultado em outubro de 2022.

Web 49 – Wikipedia. The ideal City (painting). Fra Carnevale. URL: [https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Ideal\\_City\\_\(painting\)#/media/File:Fra\\_Carnevale\\_-\\_The\\_Ideal\\_City\\_-\\_Walters\\_37677.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Ideal_City_(painting)#/media/File:Fra_Carnevale_-_The_Ideal_City_-_Walters_37677.jpg) . Consultado em outubro de 2022.

Web 50 – Wikipedia. The ideal City (painting). Piero della Francesca. URL: [https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Ideal\\_City\\_\(painting\)#/media/File:Formerly\\_Piero\\_della\\_Francesca\\_-\\_Ideal\\_City\\_-\\_Galleria\\_Nazionale\\_delle\\_Marche\\_Urbino\\_2.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Ideal_City_(painting)#/media/File:Formerly_Piero_della_Francesca_-_Ideal_City_-_Galleria_Nazionale_delle_Marche_Urbino_2.jpg) . Consultado em outubro de 2022.

Web 51 – Wikipedia. The ideal City (painting). Veduta Architettonica ideale. Francesco di Giorgio Martini. URL: [https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Ideal\\_City\\_\(painting\)#/media/File:Francesco\\_di\\_giorgio\\_martini\\_\(attr.\)\\_veduta\\_architettonica\\_ideale,\\_1490-1500\\_ca.\\_01.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Ideal_City_(painting)#/media/File:Francesco_di_giorgio_martini_(attr.)_veduta_architettonica_ideale,_1490-1500_ca._01.jpg) . Consultado em outubro de 2022.

Web 52 – Explore France. Palácio de Versalhes. URL: <https://www.france.fr/pt/onde-ir/artigo/palacio-versalhes-o> . Consultado em outubro de 2022.

Web 53 – Wikimedia Commons. Winter Palace Panorama, photo by Alex ‘Florstein’ Fedorov. URL: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Winter\\_Palace\\_Panorama\\_3.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Winter_Palace_Panorama_3.jpg) . Consultado em outubro de 2022.

Web 54 – Farm3.Static. QA650 – Ideal cities from the renaissance. URL: <https://www.pinterest.pt/pin/168181367307689518/> . Consultado em outubro de 2022.

Web 55 – Archive of Affinities. Ricardo Bofill, Studies For Ideal Cities. URL: <https://archiveofaffinities.tumblr.com/post/57460111817/ricardo-bofill-studies-for-ideal-cities> . Consultado em janeiro de 2022.

Web 56 – Visit World Heritage. Palmanova World Heritage Site. URL: <https://visitworldheritage.com/en/eu/palmanova-world-heritage-site/ob473170-5362-4a13-ad72-b5c63d3518be> . Consultado em outubro de 2022.

Web 57 – UNESCO. The Venetian Works of Defence. City fortress of Palmanova. URL: <http://www.unesco-venetianfortresses.com/parti-del-sito/palmanova-2/>. Consultado em setembro de 2022.

Web 58 – Wikimedia Commons. Idealstadt. Sforzinda. URL: <https://en.wikipedia.org/wiki/Sforzinda#/media/File:Idealstadt.jpg> . Consultado em setembro de 2022.

Web 59 – Europa Destinos. Castelo de Chenonceau. URL: <https://www.europadestinos.com.br/castelo-de-chenonceau/> . Consultado em outubro de 2022.

Web 60 – WHE, World History Encyclopedia. Chateau de Chambord & Cosson River. URL: <https://www.worldhistory.org/image/12594/chateau-de-chambord--cosson-river/>. Consultado em outubro de 2022.

Web 61 – AD. 10 cosas que no sabías de Notre Dame a tres años de se restauración. URL: <https://www.admagazine.com/articulos/cosas-que-no-sabias-de-notre-dame-a-tres-anos-de-su-restauracion> . Consultado em outubro de 2022.

Web 62 – Wikimedia Commons. Plan de Bâle 1552. Île de la Cité. URL: [https://fr.wikipedia.org/wiki/Pont\\_Neuf#/media/Fichier:Plan\\_de\\_B%C3%A2le\\_1552\\_-\\_Extrait\\_%C3%AEle\\_de\\_la\\_Cit%C3%A9.jpg](https://fr.wikipedia.org/wiki/Pont_Neuf#/media/Fichier:Plan_de_B%C3%A2le_1552_-_Extrait_%C3%AEle_de_la_Cit%C3%A9.jpg) . Consultado em outubro de 2022.

Web 63 – Un jour de plus a Paris. The Champs-Élysées, history of a not ordinary street. URL: <https://www.unjourdeplusaparis.com/en/paris-reportage/champs-elysees-histoire> . Consultado em outubro de 2022.

Web 64 – Les Maçons Parisiens. La Place des Vosges. URL: <https://www.lesmaconsparisiens.fr/histoire/la-place-des-vosges/> . Consultado em outubro de 2022.

Web 65 – Dicas de Paris. Place des Vosges em Paris. URL: <https://dicasparis.com.br/paris/place-des-vosges-em-paris/>. Consultado em outubro de 2022.

Web 66 – Structurae. Befestigungen von Neuf-Brisach. URL: <https://structurae.net/de/bauwerke/befestigungen-von-neuf-brisach> . Consultado em setembro de 2022

Web 67 – Wikimedia Commons. Plan-Relief de Besançon. URL: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Plan-relief\\_de\\_Besan%C3%A7on\\_004.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Plan-relief_de_Besan%C3%A7on_004.jpg) . Consultado em setembro de 2022.

Web 70 – Wikimedia Commons. Howard Three Magnets. URL: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade-jardim\\_\(teoria\)#/media/Ficheiro:Howard-three-magnets.png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade-jardim_(teoria)#/media/Ficheiro:Howard-three-magnets.png) . Consultado em janeiro de 2022.

Web 71 – Archdaily. O que são Cidades Jardim?. URL: <https://www.archdaily.com.br/br/961040/o-que-sao-cidades-jardim> . Consultado em janeiro de 2022.

Web 72 – NEDGIS. Charles Le Corbusier. URL: <https://www.nedgis.com/en/designers/charles-le-corbusier> . Consultado em outubro de 2022.

Web 73 – Archdaily. Clássicos da Arquitetura: Ville Radieuse/le Corbusier. URL: <https://www.archdaily.com.br/br/787030/classicos-da-arquitetura-ville-radieuse-le-corbusier> . Consultado em janeiro de 2022

Web 74 - Archdaily. Clássicos da Arquitetura: Ville Radieuse/le Corbusier. URL: <https://www.archdaily.com.br/br/787030/classicos-da-arquitetura-ville-radieuse-le-corbusier> . Consultado em janeiro de 2022

Web 75 - Archdaily. Clássicos da Arquitetura: Ville Radieuse/le Corbusier. URL: <https://www.archdaily.com.br/br/787030/classicos-da-arquitetura-ville-radieuse-le-corbusier> . Consultado em janeiro de 2022

Web 76 – Made in Portugal. Lisboa Pombalina. URL: <https://made-portugal.blogspot.com/2017/09/lisboa-pombalina.html> . Consultado em setembro de 2022.

Web 77 – Saldas Lagunas de Aveiro. Evolução da linha de costa na zona de Aveiro. URL: <https://saldaslagunadeaveiro.wordpress.com/2014/06/10/evolucao-da-linha-de-costa-na-zona-de-aveiro/> . Consultado em outubro de 2022.

Web 78 – CMA, Câmara Municipal de Aveiro. Caminhar sobre a muralha de Aveiro. URL: <https://www.cmaveiro.pt/municipio/comunicacao/noticias/arquivo/noticia/caminhar-sobre-a-muralha-de-aveiro> . Consultado em outubro de 2022.

Web 79 – AEJE. Artur Jorge Almeida. Requiem pelas muralhas de Aveiro. URL: <http://ww3.aeye.pt/avcultor/Secjeste/Ajalmeid/Pg014000.htm> . Consultado em outubro de 2022.

Web 80 – MapasBlog. Mapas de Aveiro – Portugal. URL: <https://mapasblog.blogspot.com/2013/04/mapas-de-aveiro-portugal.html> . Consultado em outubro de 2022.

Web 81 – VilleBlog. Saiba quem foi Lourenço Peixinho (1877-1943). URL: <https://villeblog.pt/saiba-quem-foi-lourenco-peixinho/>. Consultado em outubro de 2022.

Web 82 – SMIGA. Consulta de PMOT's. URL: <http://smiga.cm-aveiro.pt/PMOT> . Consultado em setembro de 2022.

Web 83 - CMA, Câmara Municipal de Aveiro. Reabilitação de Habitação Social – Bairro de Santiago (12 blocos). URL: <https://www.cm-aveiro.pt/inovacao/peduca/quadro-de-investimentos/paicd/poi/reabilitacao-de-habitacao-social-bairro-de-santiago-12-blocos> . Consultado em setembro de 2022.

Web 84 - CMA, Câmara Municipal de Aveiro. Reabilitação de Habitação Social – Bairro de Santiago (12 blocos). URL: <https://www.cm-aveiro.pt/inovacao/peduca/quadro-de-investimentos/paicd/poi/reabilitacao-de-habitacao-social-bairro-de-santiago-12-blocos> . Consultado em setembro de 2022.

Web 85 – JN, Jornal de Notícias. Nova vida do Bairro de Santiago custa 4,3 milhões. Foto: Maria João Gala/Global Imagens. URL: <https://www.jn.pt/local/noticias/aveiro/aveiro/nova-vida-do-bairro-de-santiago-custa-43-milhoes--12077682.html> . Consultado em setembro de 2022.

Web 86 – TerraNova. Aveiro: Autarquia assinala conclusão de obras de reabilitação em Santiago. URL: <https://www.terranova.pt/noticia/sociedade/aveiro-autarquia-assinala-conclusao-de-obras-de-reabilitacao-em-santiago> . Consultado em setembro de 2022.

Web 87 – Radio Soberania. Aveiro: concluída 1ª fase de qualificação dos edifícios do Bairro de Santiago. URL: <https://www.radiosoberania.pt/noticias/aveiro-concluida-1a-fase-de-qualificacao-dos-edificios-do-bairro-de-santiago/>. Consultado em outubro de 2022.

Web 88 – Publico. O maior bairro social de Aveiro é cada vez mais parte da cidade. Foto: Adriano Miranda. URL: <https://www.publico.pt/2017/07/23/local/noticia/o-maior-bairro-social-de-aveiro-e-cada-vez-mais-parte-da-cidade-1779904> . Consultado em outubro de 2022.

Web 89 – Publico. O maior bairro social de Aveiro é cada vez mais parte da cidade. Foto: Adriano Miranda. URL: <https://www.publico.pt/2017/07/23/local/noticia/o-maior-bairro-social-de-aveiro-e-cada-vez-mais-parte-da-cidade-1779904> . Consultado em outubro de 2022.

Web 90 – Publico. O maior bairro social de Aveiro é cada vez mais parte da cidade. Foto: Adriano Miranda. URL: <https://www.publico.pt/2017/07/23/local/noticia/o-maior-bairro-social-de-aveiro-e-cada-vez-mais-parte-da-cidade-1779904> . Consultado em outubro de 2022.

Web 91 – Publico. O maior bairro social de Aveiro é cada vez mais parte da cidade. Foto: Adriano Miranda. URL: <https://www.publico.pt/2017/07/23/local/noticia/o-maior-bairro-social-de-aveiro-e-cada-vez-mais-parte-da-cidade-1779904> . Consultado em outubro de 2022.

Web 92 – CMA, Câmara Municipal de Aveiro. Candidatura a Capital Europeia da Cultura 2027. URL: <https://www.cm-aveiro.pt/municipio/comunicacao/noticias/candidatura-a-capital-europeia-da-cultura-2027> . Consultado em outubro de 2022.

## **Anexos**